

ANA PAULA NOBRE DA CUNHA

**AS SEGMENTAÇÕES NÃO-CONVENCIONAIS DA ESCRITA INICIAL:
UMA DISCUSSÃO SOBRE O RITMO LINGUÍSTICO
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa – Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda

Pelotas
2010

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Prof. Dr. João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho

Profª Drª Luciani Ester Tenani

Profª Drª Magda Floriana Damiani

Dedico a **Ricardo**

meu marido e amigo de todos os momentos
que teve toda a paciência do mundo para entender minhas angústias
que sempre me motivou e inspirou
que me fez acreditar que os sonhos são possíveis
e que adquirem um sentido especial quando os atingimos
por meio de nossa dedicação e esforço

Dedico, também, a **Ana Ruth**
sábia orientadora e querida amiga
que me deu asas para voar em busca de novos conhecimentos
e que me sustentou sempre que precisei alçar voos mais altos
com quem compartilhei minhas novas descobertas
e com quem quero compartilhar muitas mais

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente,

ao Prof. Dr. João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso,
Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
que me recebeu, em seu Departamento, como co-orientador de estágio PDEE,
durante um período de seis meses.

Agradeço pela dedicação e competência com que fui recebida,
pelas discussões de alto nível acadêmico,
pela paciência em ouvir minhas inquietações.

Finalmente, agradeço ao “amigo” João Manuel,
pela acolhida fraterna em terras lusitanas.

Agradeço, com carinho,

em primeiro lugar, a meus amados pais, Carlos e Yolanda

a meus irmãos, Ana Luiza, João Manuel e Gil Nei (irmão de coração)

a meus cunhados-irmãos e sobrinhos-filhos

a minha sogra-mãe, Maria

a minha madrinha, Jaciara

a minha amiga, Shirley

a minha tia querida, Leda

a meu anjo da guarda, tia Esmeralda

por tudo que sou hoje e por ter chegado até aqui,
por todo carinho e paciência que sempre tiveram comigo,
por toda confiança que depositaram em mim,
pelas mais diversas e indispensáveis formas de apoio que me deram,
as quais tornaram possível a realização deste trabalho.

Agradeço, também, com carinho

a meus primos portugueses

Ângelo e Fátima

Maria da Conceição, Maria José e Rogério

Gonçalo, Filipa, João e Francisco

por transformarem meu período de estágio no Porto
na realização de mais um sonho,
por serem uma porta de ligação entre o passado e o futuro,
por fazerem com que minha pesquisa transcendesse ao aspecto acadêmico,
por me mostrarem que não há nem oceano, nem tempo,
que separem os laços de sangue,
por me fazerem entender
que esta pesquisa tem raízes profundas.

No Brasil, agradeço:

- aos professores da banca avaliadora, Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Prof. Dr. João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso, Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho, Prof^a Dr^a Luciani Ester Tenani, Prof^a Dr^a Magda Floriana Damiani, pela leitura atenta e pelas valiosas sugestões dadas para o aprimoramento desta pesquisa e, mais que tudo, pelas palavras de estímulo e pela disponibilidade em me auxiliar sempre que necessitei;
- à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela Bolsa de Estudos que recebi, no Brasil, durante parte do meu doutorado e pela Bolsa no Exterior, que proporcionou meu estágio de seis meses em Portugal;
- à Universidade Federal de Pelotas, em especial à Faculdade de Educação, através da coordenação, dos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela oportunidade oferecida para a execução desta tese, em particular, à Comissão de Bolsas, que me atendeu sempre que houve necessidade, tanto aqui no Brasil, quanto em meu afastamento para o exterior;
- aos colegas do Curso de Doutorado e Mestrado e aos colegas do GEALE (Grupo de Estudos em Aquisição da Linguagem Escrita), em especial, ao amigo Marco Antônio Adamoli, pela revisão desta tese, e à amiga Lígia Beskow de Freitas, pela tradução do Resumo para o inglês;
- à Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Edmar Fetter, especialmente à diretora (Prof^a Maria Galina) e à vice-diretora (Prof^a Nice Quevedo), por sempre me apoiarem e organizarem meus horários de modo a possibilitar minha frequência nas disciplinas do doutorado;
- ao Vitor, pela paciência de me ter em sua casa, por longas horas de orientação;
- aos queridos amigos, antigos e novos, que tiveram comigo muita paciência e entenderam minha ausência e, muitas vezes, minha falta de atenção;
- finalmente, àqueles que, além da família, acompanharam meu marido que adoeceu enquanto estive fora, dando-me tranquilidade e segurança mesmo estando longe. Felizmente não foram poucos e não os nomeio por medo de esquecer algum, mas certamente estão todos no meu coração.

Em Portugal, faz-se indispensável que eu agradeça:

- à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em especial, ao Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos e ao Centro de Linguística da Universidade do Porto, através de seus professores e funcionários, pelo pronto acolhimento e disponibilização de todo o material necessário à minha pesquisa;
- aos alunos e orientandos do prof. Dr. João Manuel Veloso, por me ouvirem e auxiliarem sempre que necessitei, em especial, a Isabel Henriques, que me possibilitou uma significativa recolha de dados nas escolas do Agrupamento em que trabalha;
- às escolas do Agrupamento Gonçalo Mendes da Maia (EB1/JI D. Manuel I – EB1/JI da Cidade Jardim – EB1/JI da Maia – EB1/JI de Currais) e do Agrupamento Vallis Longus (EB1/JI 1º de Maio – EB1/JI Boavista – EB1/JI Calvário – EB1/JI Ilha – EB1/JI Lagueirões – EB1/JI Susão), por meio de seus diretores e professores, os quais gentilmente abriram as portas de suas salas de aula para que eu desenvolvesse meu trabalho, e aos alunos que, carinhosamente e com a curiosidade peculiar de criança, de imediato se dispuseram a produzir os textos que, nas palavras deles, “viajariam para o Brasil”;
- aos novos amigos lusitanos, Fátima, Gericota e Isabel Margarida, por terem feito de minha estada no Porto um inesquecível momento cultural e, mais que tudo, um período de vida a recordar para sempre com muito carinho, por todo o afeto e atenção que me dispensaram;
- para encerrar, retorno ao meu co-orientador, mais que tudo, o amigo João Manuel, que, juntamente com sua esposa Luísa e seus filhos João Luís e Tiago, fez com que eu me sentisse muito bem-vinda, desde o primeiro dia de minha chegada ao Porto, levando-me para a convivência de seu lar e para o acolhimento de seus familiares.

**A todos, daqui e d'além-mar, que de alguma forma contribuíram
para a realização deste trabalho,
MUITO OBRIGADA!!!!!!**

RESUMO

CUNHA, Ana Paula Nobre da. **As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu**. 2010. 188f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Esta tese, baseada na análise de segmentações não-convencionais produzidas por crianças brasileiras e portuguesas, mostra a relevância dos dados de escrita inicial para a discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). Os dados analisados foram extraídos de textos produzidos de maneira espontânea por crianças brasileiras e portuguesas, que cursavam, à época das coletas, as séries iniciais do Ensino Fundamental (Pelotas-Brasil) / Básico (Porto-Portugal). Essas produções textuais pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE – UFPel). Estudos sobre ritmo em fonologia são ainda relativamente polêmicos e controversos, em particular, os que discutem a classificação rítmica das línguas. Abaurre e Galves (1998), com base em uma abordagem otimalista e minimalista, desenvolvem um estudo sobre as diferenças rítmicas entre o PB e o PE. As autoras partem da ideia de que o ritmo de cada língua seria o resultado da hierarquização de três princípios: “integridade da palavra fonológica”, “pé trocaico” e “binariedade do pé”. Após detalhada descrição e análise que relacionam os constituintes prosódicos, os processos fonológicos e o acento, chegamos à questão central do estudo a partir da análise de nossos dados de acordo com a proposta de Abaurre e Galves (1998). Segmentações não-convencionais, como *tever* (“para te ver melhor”), no PB, e *parate* (“para te ver melhor”), no PE, mostram que a direcionalidade com que o clítico se associa à palavra de conteúdo, proclítico no PB e enclítico no PE, pode apresentar evidências do ritmo na escrita (cf. CARVALHO, 1989). No que diz respeito à formação de grupos rítmicos, nossos dados, assim como os de Abaurre e Galves (1998), apontaram para uma diferente hierarquização de princípios, no PB e no PE. Na variedade brasileira, a “integridade da palavra fonológica” encontra-se no nível mais alto, enquanto na variedade lusitana o “pé trocaico” tem supremacia em relação aos demais princípios. Portanto, podemos afirmar que, em nossos dados, encontramos, em ambas as variedades do português, evidências de diferenças rítmicas.

Palavras-chave: Aquisição da escrita. Segmentação não-convencional. Prosódia. Ritmo.

ABSTRACT

CUNHA, Ana Paula Nobre da. **Non-conventional segmentation in initial writing: a discussion about the linguistic rhythm of Brazilian and European Portuguese.** 2010. 188 pages. Doctoral dissertation. Post-graduation Program in Education. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brazil.

This dissertation, which is based on the analysis of non-conventional segmentation data produced by Brazilian and Portuguese children, shows the importance of initial writing data in order to discuss the linguistic rhythms of Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). The data were collected in texts which had been spontaneously written by Brazilian and Portuguese children who were attending the first grades in Elementary School (Pelotas, RS, Brazil) and the Basic School (Porto, Portugal). All texts belong to the a database named *Banco de Textos de Aquisição da Escrita*, at the *Universidade Federal de Pelotas* (FaE – UFPel). Studies of rhythm in Phonology have been rather polemical and controversial, mainly the ones that discuss the rhythmic classification of languages. Abaurre and Galves (1998), based on an optimalist and minimalist approach, have developed a study of the rhythmic differences between BP and EP. The authors believe that the rhythm of every language is the result of the hierarchization of three principles: “the integrity of the phonological word”, “the trochaic foot”, and “the foot binarity”. After the detailed data description and analysis which link the prosodic constituents, the phonological processes and the stress, the central issue of this study was determined in the light of Abaurre and Galves’s proposal (1998). Non-conventional segmentation such as *tever* (“para te ver melhor” – “to see you better”), in BP, and *parate* (“para te ver melhor” – “to see you better”), in EP, show that the directionality that the clitic uses to associate to the content word – proclitic in BP and enclitic in EP – may be evidence of the rhythm in writing (according to CARVALHO, 1989). Regarding the formation of rhythmic groups, the data of this study agree with Abaurre and Galves’s (1998) and also show different hierarchization of principles in BP and EP. The “integrity of the phonological word” is found in the highest level in the Brazilian variety, whereas the “trochaic foot” has supremacy over the other principles in EP. Therefore, it can be concluded that the data analyzed in this study, collected from written texts, show evidence of rhythmic differences in both Portuguese varieties.

Key words: Writing acquisition. Non-conventional segmentation. Prosody. Rhythm.

Lista de Gráficos, Quadros e Figuras

GRÁFICO A – Segmentações não-convencionais no PB e no PE	85
GRÁFICO B – Distribuição percentual dos dados do PB	86
GRÁFICO C – Distribuição percentual dos dados do PE	86
GRÁFICO D – Subcategorias dos dados de hipossegmentação do PE	89
GRÁFICO E – Subcategorias dos dados de hipersegmentação do PE	96
GRÁFICO F – Subcategorias de hipossegmentação no PB e no PE	104
GRÁFICO G – Subcategorias de hipersegmentação no PB e no PE	106
GRÁFICO H – Subcategorias das segmentações não-convencionais no PE	163
 QUADRO A – Dados de segmentação não-convencional do PE	 88
 FIGURA 1 – Distribuição do PE e do PB e outras 8 línguas no plano %V, DC	 65
FIGURA 2 – Exemplo de texto	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 A origem da pesquisa	15
1.2 O objetivo da tese	18
1.3 A estrutura do trabalho	21

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sobre a escrita	23
2.1.1 O papel do sujeito no processo de aquisição da escrita	23
2.1.2 A relação entre a linguagem oral e a aquisição da escrita	25
2.1.3 A segmentação da escrita	27
2.1.3.1 Diferentes noções de “palavra” no português	30
2.1.4 Considerações finais sobre a aquisição da escrita	32
2.2 Sobre a prosódia	33
2.2.1 A fonologia prosódica	34
2.2.2 Os constituintes prosódicos	35
2.3 Sobre as segmentações não-convencionais da escrita no PE e no PB e sua relação com a prosódia	43
2.4 Sobre a fala no PB e no PE	56
2.4.1 Os domínios prosódicos	56
2.4.2 O ritmo	60

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Descrição geral da metodologia	74
3.2 Os sujeitos	76
3.3 Os dados	76
3.4 Categorias e aspectos linguísticos	80
3.4.1 Categorias	81
3.4.1.1 Hipossegmentações	81
3.4.1.2 Hipersegmentações	82
3.4.1.3 Híbridos	82

3.4.2 Aspectos linguísticos	82
3.4.2.1 Constituintes prosódicos	82
3.4.2.2 Processos fonológicos	83
3.4.2.3 Acento	83

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos	84
4.1.1 Uma visão geral dos dados no PB e no PE	85
4.1.2 Os dados do PE	87
4.1.2.1 As hipossegmentações	88
4.1.2.2 As hipersegmentações	96
4.1.2.3 Os híbridos	101
4.1.3 Principais semelhanças e diferenças entre os dados do PB e do PE	103
4.2 Evidências, na escrita, de processos fonológicos já descritos em estudos sobre a fala	109
4.3 Influência do acento prosódico nas segmentações não- convencionais da escrita	121
4.4 Considerações finais	135

5 EVIDÊNCIAS DO RITMO NOS DADOS DE ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU	138
---	------------

5.1 Considerações finais	157
---------------------------------------	------------

6 CONCLUSÕES	162
---------------------------	------------

6.1 Os objetivos específicos	162
---	------------

6.2 Últimas considerações	173
--	------------

BIBLIOGRAFIA	
---------------------------	--

1 INTRODUÇÃO

1.1 A origem da pesquisa

Esta pesquisa situa-se na interface¹ de dois importantes campos do conhecimento, a educação e a linguística, e seus pressupostos teóricos fundamentam-se, especificamente, na relação fala/escrita. Com formação e atuação nessas duas áreas do conhecimento², consideramos extremamente relevantes pesquisas que se desenvolvam nessa interface.

Temos convicção da necessidade de que os estudos em linguística devam ultrapassar os domínios da pesquisa acadêmica e, cada vez mais, tenham a devida repercussão em sala de aula. O professor de língua materna precisa conhecer o seu objeto de estudo (a língua) em todos os seus aspectos, para que lhe seja favorecida a possibilidade de trabalhar com seu aluno de forma mais adequada.

O professor de séries iniciais é, em princípio, professor de língua materna, já que é por seu intermédio que a criança tem os primeiros contatos formais com a língua institucionalizada. Acreditamos, portanto, que estudos linguísticos, os quais descrevem os processos de aquisição da linguagem – no nosso caso específico, a

1. Conceituamos “interface” como o espaço em que é possível haver interação entre os dois referidos campos de conhecimento (educação e linguística), com o objetivo de produzir trabalhos que apresentem características de ambas as áreas.

2. Graduação em Letras e Mestrado em Educação. Atualmente, participamos do GEALE (Grupo de Estudos sobre a Aquisição da Linguagem Escrita, coordenado pela prof^a Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda) desde 2000. Essa participação tem nos proporcionado, ao longo de dez anos, integração e discussão permanentes entre as duas referidas áreas de conhecimento (linguística e educação). Além de vários trabalhos na área da Iniciação Científica, o Grupo conta hoje com quatro dissertações e três teses em andamento e quinze dissertações defendidas. Este trabalho faz parte da primeira turma de doutorado do PPGE-FaE-UFPEl, portanto, primeira tese integrante do Grupo a ser defendida.

aquisição da língua escrita – devam servir como importante subsídio aos educadores dos primeiros anos escolares.

Fazemos essa afirmativa sem a pretensão de que esse professor alfabetizador seja um linguista por formação. Defendemos, todavia, a ideia de que trabalhos como os de Rombaldi (2003), Cunha (2004), Miranda (2006, 2008a.b), Adamoli (2006), Monteiro (2008), dentre outros, em que o erro³ é analisado como parte importante do processo de aquisição da escrita, proporcionam, ao professor das séries iniciais, visão diferenciada de como desenvolver seu trabalho em sala de aula.

Ao conhecer o funcionamento da língua e o modo como ocorrem os processos de aquisição da escrita, temos convicção de que o professor passará a olhar os erros de seus alunos como indícios de possíveis conflitos cognitivos⁴ e não como dificuldade ou incapacidade de aprender. Segundo essa perspectiva, o erro deixa de ser estigmatizado e passa a ser valorizado como indicador de aspectos a serem mais atentamente trabalhados em sala de aula.

De acordo com Veloso (2008, p.2), o professor das séries iniciais tem como instrumento de trabalho a língua, portanto, não pode prescindir de conhecimentos teóricos sobre seu funcionamento. Por conseguinte, é preciso que esse professor se conscientize de que, quando está ensinando seu aluno a ler ou escrever, tem a possibilidade de interferir “com uma parcela menos evidente do universo cognitivo da criança, como pode ser o caso do seu conhecimento fonológico”.

Ao estudar os processos de segmentações não-convencionais encontrados em textos de escrita espontânea, produzidos por alunos de 1ª a 4ª série, constatamos, em Cunha (2004), que os erros cometidos pelas crianças são capazes de revelar aspectos do conhecimento linguístico e, particularmente, do conhecimento acerca dos constituintes prosódicos, os quais são responsáveis por

3. O sentido da palavra “erro”, utilizado neste trabalho, tem origem na ideia de “erro construtivo”, fundamentada na teoria piagetiana. Essa ideia é considerada de fundamental importância para o processo de aprendizagem (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999). Sob essa perspectiva, o erro mostra-se revelador das hipóteses construídas pela criança durante seu processo de aquisição da escrita.

4. Segundo Piaget (1978b), o conflito cognitivo faz parte do processo de equilíbrio e é o mecanismo básico na formação dos conhecimentos. Pode acontecer no momento em que o sujeito está frente a uma situação e percebe que os seus esquemas de ação e aprendizagem não são suficientes para solucionar o problema, gerando, então, um desequilíbrio cognitivo.

decisões que a criança tem de tomar no momento em que segmenta a escrita. A fim de aprofundarmos o estudo iniciado em 2004, propomos, nesta pesquisa, ampliar o universo de dados estudados com uma amostra que inclui também dados do português europeu, com vistas a encontrar similaridades e/ou diferenças nos processos de aquisição da escrita de ambas as variedades do português, relacionando-as com a fonologia. Parece-nos que este pode ser um estudo bastante relevante, tanto para a educação quanto para a linguística, dado o seu ineditismo em ambas as áreas.

Após minucioso levantamento em estudos sobre a aquisição da escrita, constatamos a inexistência, em Portugal, de trabalho semelhante ao que apresentamos em Cunha (2004). Tampouco se encontrou, no Brasil ou em Portugal, pesquisas que comparem o português brasileiro e o português europeu de acordo com a perspectiva aqui proposta.

Podemos assim sintetizar os motivos pelos quais o desenvolvimento desta pesquisa se justifica: i) os estudos linguísticos são importantes para a educação, pois podem oferecer subsídios aos professores, proporcionando-lhes visão ampliada sobre a aquisição, o desenvolvimento e a estruturação da linguagem; e ii) os dados de escrita, produzidos espontaneamente em sala de aula, podem revelar aspectos do conhecimento fonológico, oferecendo, portanto, argumentos inovadores para discussões linguísticas estabelecidas, até então, somente no campo da aquisição da linguagem oral.

1.2 O objetivo da tese

Ao analisarmos as atuais produções científicas de pesquisadores da área da linguística e da educação, constatamos que não são muitos os trabalhos que relacionam estudos da fala com estudos da escrita, mais especificamente da fonologia com a ortografia. Reduzindo-se o foco de interesse para este estudo, não encontramos, na busca realizada, trabalho algum que relacione estudos sobre ritmo linguístico e dados de ortografia, particularmente no que concerne a dados de segmentação da escrita.

A pesquisa que aqui propomos⁵ tem como principal interesse a busca, em dados de escrita inicial, de indícios que possam contribuir para com a discussão já existente sobre diferenças rítmicas entre o português brasileiro e o português europeu – doravante PB e PE –, a partir da análise e comparação de dados de segmentações não-convencionais encontrados em textos produzidos por crianças em fase de aquisição da escrita em ambas as variedades do português.

Abaurre e Galves (1998) discutem diferenças rítmicas entre o PB e o PE, relacionando-as com fenômenos de redução de vogais pretônicas em ambas as variedades do português. Segundo as autoras, possivelmente na segunda metade do século XVIII, a pronúncia do PE passou, com base na redução das sílabas pretônicas, por uma mudança fonológica, cuja consequência seria uma alteração no ritmo da língua. Partindo de uma abordagem otimalista e minimalista, as autoras fazem um estudo sobre as diferenças rítmicas entre o PB e o PE e propõem – com base na ideia de que o ritmo consiste na interpretação, pelo sistema de desempenho articulatório-perceptual, da forma fonológica produzida pela gramática – uma análise dos dados fundamentada na hipótese de que princípios conflitantes atuam sobre essa interpretação, e o ritmo de cada língua seria o resultado da hierarquização desses princípios.

Outras duas pesquisadoras, Frota e Vigário (2000), no artigo *Aspectos de prosódia comparada: Ritmo e Entoação no PE e no PB*, concluem pela existência de uma diferença, geralmente associadas ao ritmo, entre a prosódia das duas variedades do português, a saber:

- 1) A existência de acentos, para além do acento principal de palavra, seguindo um padrão alternante de sílabas fortes e fracas é notada como caracterizadora do PB, [...] o PE tem sido analisado como uma língua mono-acental, isto é, sem acentos rítmicos.
- 2) Todas as descrições do PB realizadas no quadro da dicotomia entre ritmo *silábico* – entendido como tendência para a isocronia entre sílabas – e ritmo *acentual* – entendido como tendência para a isocronia entre acentos – são concordantes em atribuir-lhe um ritmo misto; pelo contrário, as poucas referências explícitas de que temos conhecimento ao tipo rítmico do PE classificam essa variedade como tendo ritmo acentual (FROTA e VIGÁRIO, 2000, p.2).

5. O presente trabalho, em um âmbito maior, insere-se em um conjunto de pesquisas vinculadas ao projeto intitulado *Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: Ortografia*, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob a coordenação da prof^a Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda.

Usaremos como referência resultados de trabalhos como os que acabamos de descrever, cujo objetivo é discutir, com base em dados de fala, a diferença de ritmo entre o PB e o PE – ritmo mais silábico para o PB e mais acentual para o PE, segundo Frota e Vigário (2000, 2001) – e mesmo a possibilidade da existência de um ritmo misto no PB, apontada por Bisol (2000b), Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Nespor e Wetzels⁶.

Embora a aquisição da linguagem falada e a aquisição da linguagem escrita sejam processos distintos, estudos como os de Abaurre (1987, 1990, 1999), Capristano (2003, 2004), Chacon (2004, 2005, 2006, 2007), Cunha (2004), Cunha e Miranda (2006, 2007), Miranda (2006, 2008a,b) e Tenani (2002, 2004), dentre outros, trazem importantes análises que demonstram as relações estabelecidas entre a escrita inicial, produzida de forma espontânea, e aspectos do conhecimento linguístico infantil. Com base na relação fala/escrita, estruturamos nossa tese partindo das seguintes hipóteses:

- a) processos de segmentação não-convencional, encontrados em textos de séries iniciais, são capazes de revelar indícios do conhecimento que a criança possui acerca dos constituintes prosódicos da sua língua;
- b) dados de escrita inicial de crianças brasileiras e portuguesas podem mostrar similaridades e diferenças quanto aos processos de segmentação da escrita em ambas as variedades do português;
- c) processos fonológicos, já descritos na fala, podem apresentar manifestação em dados de escrita espontânea de crianças de séries iniciais;
- d) segmentações indevidas, nos textos de crianças em fase de aquisição da escrita, oferecem contexto favorável para reflexões sobre o acento prosódico;

6. Possibilidade apresentada em palestras proferidas por esses dois últimos pesquisadores no III Seminário Internacional de Fonologia, em 2007, na PUCRS.

- e) segmentações não-convencionais da escrita, coletadas em textos de crianças brasileiras e portuguesas de séries iniciais, são capazes de revelar aspectos do conhecimento prosódico que a criança possui, em especial, sobre aspectos rítmicos de ambas as variedades do português.

Tendo como sustentação as hipóteses recém referidas, organizamos nossa tese com a finalidade de atingir os objetivos específicos que se seguem:

- a) descrever e analisar processos de segmentações não-convencionais encontrados em textos das séries iniciais, produzidos por crianças portuguesas, à luz da teoria dos constituintes prosódicos;
- b) comparar os resultados das análises dos dados encontrados nos textos das crianças portuguesas com os resultados encontrados em Cunha (2004), acrescidos de novos dados do Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPel) sobre ocorrências de segmentações não-convencionais;
- c) encontrar, em dados de segmentação não-convencional da escrita do PB e do PE, evidências de processos fonológicos já descritos em estudos sobre a fala;
- d) verificar a influência do acento prosódico nas segmentações indevidas em dados de escrita inicial de crianças brasileiras e portuguesas.

Partindo de cada um desses objetivos específicos, pretendemos atingir ao objetivo principal desta pesquisa, a saber: demonstrar que dados de escrita inicial, produzidos de forma espontânea, podem fornecer argumentos capazes de colaborar para com a discussão sobre o ritmo do português brasileiro e do português europeu.

1.3 A estrutura do trabalho

Além deste capítulo 1 – *Introdução* –, a presente tese é composta por mais cinco capítulos, os quais poderão estar divididos em seções e subseções. Na introdução, fazemos um breve relato da origem deste trabalho, seu tema, hipóteses e objetivos.

No capítulo 2 – *Fundamentação Teórica* –, abordamos autores e teorias que serviram como referencial teórico na condução de nossa pesquisa. Esse capítulo foi intencionalmente organizado em quatro seções principais:

- i) na primeira, abordamos três importantes aspectos sobre a escrita, nosso objeto de estudo: o papel do sujeito no processo de aquisição da escrita, a relação existente entre a linguagem oral e a aquisição da escrita e alguns aspectos sobre a segmentação da escrita;
- ii) na segunda, tratamos principalmente da prosódia, área da fonologia relacionada aos dados de escrita estudados, e também da fonologia prosódica e seus constituintes;
- iii) na terceira, depois de falarmos sobre escrita e prosódia, fazemos uma revisão teórica de pesquisas que tratam das segmentações não-convencionais da escrita no PB e no PE e sua relação com os constituintes prosódicos;
- iv) na quarta e última seção da fundamentação teórica, abordamos dois aspectos sobre a fala no PB e no PE, os domínios prosódicos e o ritmo, criando, assim, uma estrutura que coincide com aquela proposta para a análise dos dados.

No capítulo 3 – *Metodologia da Pesquisa* –, apresentamos e fundamentamos nossa escolha metodológica, bem como apresentamos os critérios de seleção dos textos e dos sujeitos, os instrumentos utilizados para a coleta dos dados e os critérios para sua categorização.

O capítulo 4 – *Descrição e Análise dos Dados* – está dividido em três seções principais: na primeira, tratamos das segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos; na segunda, abordamos as evidências,

na escrita, de processos fonológicos já descritos em estudos de fala; na terceira, apresentamos a influência do acento prosódico nas segmentações não-convencionais da escrita. Nas três seções, descrevemos e analisamos dados do PB e do PE.

O capítulo 5 – *Evidências do Ritmo nos Dados de Escrita do Português Brasileiro e Europeu* – traz a análise final das ocorrências de segmentações não-convencionais na escrita e a discussão central da tese, com vistas a cumprir o objetivo principal a que nos propusemos.

No capítulo 6 – *Conclusões* –, apresentamos nossas considerações finais sobre os dados analisados, com especial enfoque aos objetivos específicos propostos na introdução da tese.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentaremos, neste capítulo, os principais conceitos teóricos que fundamentam esta pesquisa, mais especificamente, sobre a escrita, a prosódia, as segmentações não-convencionais da escrita no português brasileiro e europeu e sua relação com a prosódia e, por fim, conceitos sobre a fala, particularmente quanto aos domínios prosódicos e ao ritmo tanto no português brasileiro quanto no português europeu.

2.1 Sobre a escrita

Nesta seção, apresentaremos referências a estudos que envolvem a aquisição da escrita, enfocando três principais aspectos: o papel que o sujeito desempenha enquanto adquire esse novo sistema; a relação entre esse processo de aquisição e a linguagem oral; e a ocorrência dos processos de segmentação do texto em palavras. Faremos, ainda, uma breve explanação sobre diferentes noções de palavra.

2.1.1 O papel do sujeito no processo de aquisição da escrita

Entendemos o processo de aquisição da escrita como parte integrante da aquisição de conhecimento. Visto da perspectiva psicogenética, de acordo com Piaget (1972), o conhecimento não nasce com o indivíduo: a capacidade de conhecer, de aprender, de desenvolver qualquer área do conhecimento é que lhe é inata.

Segundo a teoria piagetiana, o “sujeito cognoscente” se revela no processo de aquisição da língua escrita como aquele que não espera alguém lhe transmitir o conhecimento, aprendendo por intermédio de suas ações sobre os objetos do mundo que o cerca. Por conseguinte, enquanto constrói suas próprias categorias de pensamento, organiza seu mundo.

No presente trabalho, consideramos o sujeito cognoscente como a criança em fase de aquisição da escrita, e o objeto de conhecimento, a língua escrita. Podemos entender essa criança, segundo definição de Ferreiro e Teberosky (1999, p.24), como um sujeito que

procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática. [...] aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio.

A aprendizagem acontece, conforme a teoria piagetiana, por intermédio de um processo de equilibração, no qual estão envolvidos esquemas de assimilação, reorganização e acomodação. Todo o estímulo externo recebido pelo aprendiz será transformado de acordo com seus “esquemas de assimilação” e reorganizado e acomodado na busca de uma equilibração entre o novo e o já existente, o que torna o processo de aprendizagem subjetivo, estando a criança no centro desse processo.

O sujeito da aprendizagem não espera por instruções para começar a interagir com o seu entorno, uma vez que o mundo está carregado de informações escritas com as quais ele se relaciona o tempo todo. Portanto, quando a criança entra para a escola, já possui uma série de concepções sobre a língua escrita. Todavia, é no ambiente escolar que são testadas suas hipóteses sobre a língua escrita de modo a que o conduza a adquiri-la de forma mais estruturada.

Para Piaget (1978b), é de forma global, por meio de grandes reestruturações, que a aquisição do conhecimento acontece. Esse processo, visto como um todo, é sempre construtivo. Conforme o autor, a evolução dos conhecimentos advém de situações perturbadoras, nas quais o aprendiz precisa resolver um problema que lhe é apresentado. Algumas vezes essa situação pode gerar um resultado inesperado, formalmente considerado como errôneo, o qual entendemos como erro construtivo.

No que diz respeito à aquisição da escrita, podemos observar, em particular, através dos tipos de erros, quais hipóteses estão sendo testadas pela criança. Consideramos esses erros como uma construção inteligente desenvolvida pelo aluno, quando se encontra no momento de interação com o objeto a ser conhecido. Do nosso ponto de vista, o erro construtivo é uma explicação temporária utilizada pela criança diante de um problema. Do ponto de vista do aprendiz, a solução encontrada é a mais adequada para determinado momento evolutivo, pois sua hipótese sustenta-se em uma lógica interna, na ação de um saber que está sendo construído.

Com base em Piaget (1978b), podemos afirmar que o objeto do conhecimento só está compreendido quando o sujeito é capaz de reconstruí-lo, quando houver entendido quais são suas leis de composição. Dessa forma, a escrita só terá sido efetivamente adquirida pela criança quando ela for capaz de manuseá-la em suas mais variadas possibilidades. Para tanto, esse novo sistema deve ser considerado pelo aprendiz como um objeto único, independente, que pode ser construído e reconstruído a cada momento, de acordo com suas características específicas e suas regras de composição.

2.1.2 A relação entre a linguagem oral e a aquisição da escrita

Ao estudar os processos característicos da aquisição da escrita, não podemos deixar de fazer considerações sobre a aquisição da linguagem oral e sobre os processos de aprendizagem, as quais servirão como suporte para as análises e discussões sobre a escrita. Para tanto, fundamentamo-nos em tópicos da Teoria da Linguagem (cf. CHOMSKY, 1978) e da Teoria da Aprendizagem (cf. PIAGET, 1972, 1978a).

Aproximamos essas duas teorias por meio de suas convergências e divergências, explicitadas pelos próprios autores – Chomsky e Piaget – em um debate entre inatistas e construtivistas (cf. PIATELLI-PALMARINI, 1978). Ambos admitem que a origem racional da linguagem supõe a existência de um “núcleo fixo” ou “estado inicial S_0 geneticamente determinado”, não vazio, para a elaboração de todas as línguas; e um estado final estacionário S_s , relativamente estável. Entre esses dois, há uma sequência de estados intermediários. Chomsky e Piaget concordam que uma parte do conteúdo desses estados é adquirida e não inata, por

consequente, a questão suscitada por ambos é: que parte desse conteúdo é inata e que parte é adquirida?

A partir do conhecimento das línguas naturais, Chomsky busca a caracterização de um núcleo específico. Segundo Mehler (1978, p.484), “este conhecimento deve permitir, de volta, compreender o que torna possível este núcleo”. O que está “por vir” é o que tem maior importância para Piaget; consequentemente, “mesmo que fosse possível demonstrar-lhe a existência do núcleo fixo, nada, segundo ele, se modificaria, transformando-se a questão imediatamente em: como se tornou nisso?” (cf. MEHLER, 1978, p.484).

Discussões como essas proporcionaram o surgimento da proposta de Karmiloff-Smith (1986, 1992) – teoria desenvolvimental –, na qual a autora considera o inatismo como uma teoria apropriada para explicar os períodos iniciais da aquisição da linguagem, ao mesmo tempo em que o construtivismo explica como é possível o surgimento da consciência metalinguística.

Acreditamos que, no começo da aquisição da escrita, a linguagem oral serve como forte referência para a criança. No entanto, não podemos ignorar que o desenvolvimento da fala é diferente do desenvolvimento da escrita: esta exige um nível de abstração por parte da criança muito maior do que aquela. Para Vigotski⁷ (2000, p.123):

Ao aprender a escrever, a criança precisa se desligar do aspecto sensorial da fala e substituir palavras por imagens de palavras. Uma fala apenas imaginada, que exige a simbolização de imagem sonora por meio de signos escritos (isto é, um segundo grau de representação simbólica), deve ser naturalmente muito mais difícil para a criança do que a fala oral.

Conforme Vigotski (2000, p.124), “a escrita exige um trabalho consciente” tanto no que se refere à construção da forma escrita (da gramática), como à construção do significado do texto (da semântica). Ao adquirir consciência da produção escrita, a criança também eleva o seu nível de desenvolvimento da fala.

Em condições não-severas de patologias como a surdez, a criança, antes de dominar a língua escrita, já domina a língua falada, e esta, em grande medida, vai ser usada como objeto de comparação para a aquisição daquela. Sobre essa

7. Vigotski e Piaget assumem posições divergentes em relação aos processos de aprendizagem. No entanto, para ambos, mesmo que de pontos de vistas diferentes, o sujeito é ativo no processo de aquisição do conhecimento.

questão, Kato (2001, p.10) diz que: “a percepção das propriedades de um objeto torna-se mais fácil quando o confrontamos com outro objeto de natureza semelhante.”

Ao confrontar a língua escrita com a língua falada, é absolutamente natural que a criança, no início do processo de aquisição, tenha tendência a escrever com um número mais reduzido de segmentações e que, gradativamente, no decorrer do processo, comece a segmentar mais o texto. De acordo com Kato (2001), a fala é uma cadeia contínua de sinais acústicos, a qual, geralmente, não é segmentada em unidades linguísticas, como palavras; quem a ouve, reestrutura essa cadeia sonora em unidades psicologicamente significativas. A escrita coloca, concretamente, o aprendiz diante da necessidade de segmentar em palavras o que ele entende como um contínuo de sinais acústico, e é nesse momento que, assim como diz Cagliari (2002), a criança não percebe mais a escrita como espelho da fala.

2.1.3 A segmentação da escrita

Segundo afirmação de Saenger (apud FERREIRO e PONTECORVO, 1996, p.44), a segmentação da escrita não é um problema novo. Ela foi historicamente transformando-se no decorrer do tempo. Na Europa medieval, as palavras curtas e as preposições eram geralmente unidas à palavra seguinte. Houve épocas em que segmentar a escrita era função do leitor; somente nos oito séculos que seguiram à queda de Roma, a segmentação passou a ser uma função do escriba.

Ferreiro e Pontecorvo (1996) apresentam, em seu artigo *A Segmentação em Palavras Gráficas*, um estudo sobre a segmentação na aquisição da escrita, cujo *corpus* é composto por textos de crianças italianas, mexicanas, espanholas e brasileiras. Uma das importantes conclusões a que as autoras chegaram diz respeito ao fato de que “a tendência à hipossegmentação parece dominar sobre a tendência à hipersegmentação, qualquer que seja a língua, a tradição escolar e o tipo de *script*” (FERREIRO e PONTECORVO, 1996, p.49).

As pesquisadoras também constatarem que a dificuldade encontrada pela criança em conceituar *palavra* é um dos grandes problemas enfrentados na aquisição da escrita. As autoras trazem a ideia de Benveniste sobre a diferença entre *palavra no enunciado* e *palavra no sistema*. A palavra no sistema seria mais ou menos o que se entende por “palavra” no contexto da escola, aquela encontrada no

dicionário, que se relaciona com o seu sentido denotativo e com a classe gramatical à qual pertence. A palavra no enunciado seria aquela inserida no discurso, com limites imprecisos e variáveis. É, pois, relacionada com a enunciação e com suas variações de sentido.

No começo da aquisição da língua escrita, é muito mais comum a criança entender a palavra como um enunciado do que como uma unidade gramatical ou semântica; por isso, o aparecimento de uma maior tendência à hipossegmentação. Conforme Ferreiro e Pontecorvo (1996), a segmentação convencional de palavras só começa a acontecer com o desenvolvimento do processo da escrita.

Dizemos que ao escrever separamos as palavras. Seria mais adequado dizer que a escrita define a unidade 'palavra', já que a escrita nos oferece a melhor definição *prática* (não teórica) de 'palavra': conjunto de letras separadas por espaços em branco. (FERREIRO e PONTECORVO, 1996, p.40)

A definição supracitada sobre a unidade “palavra” é considerada como uma das melhores para as autoras. Entretanto, elas demonstram que existe uma variação entre formas unidas e separadas, observável na maneira diferente de grafar algumas palavras em línguas derivadas do latim, como o espanhol, o português e o italiano. Os exemplos em (1) mostram essa variabilidade:

(1)	espanhol	português	italiano
	<i>entre tanto</i>	<i>entretanto</i>	<i>intanto</i>
	<i>con todo</i>	<i>contudo</i>	<i>innanzitutto</i>
	<i>sobre todo</i>	<i>sobretudo</i>	<i>soprattutto</i>
	<i>tal vez</i>	<i>talvez</i>	<i>talvolta</i>

De acordo com Ferreiro e Pontecorvo (1996), existem “zonas de flutuação, incerteza ou oscilação na definição dentro da mesma língua”. Elas usam como exemplo, no português, as palavras *antes de ontem* e *anteontem*, as quais carregam, segundo as autoras, a mesma ideia conceitual, mas são escritas de maneiras diferentes, com uma ou com três palavras gráficas. Essa mesma variação ocorre no espanhol, no qual se tem a opção de grafar *antes de ayer* ou *anteayer*. Essa “flutuação” também pode ser um dos fatores que dificulta a delimitação das palavras para a criança.

Para Ferreiro e Pontecorvo (1996), a noção de “palavra” é instável para a criança pré-alfabetizada, podendo significar um fragmento do enunciado, o enunciado completo ou ainda letras isoladas. A segmentação lexical começa a sistematizar-se quando o aprendiz entra para a escola. As autoras verificam que, nesse período, é mais fácil o aluno identificar, como palavras gráficas, os substantivos, os verbos e os adjetivos, ficando as demais classes gramaticais, principalmente os artigos, conjunções, preposições e outros elementos de ligação, como uma “não palavra”.

Quando a criança não identifica algum segmento como palavra, a tendência natural é que associe esse segmento àquele que reconhece como tal, aparecendo, portanto, uma grande incidência de hipossegmentações. Podemos verificar, conseqüentemente, uma elevada tendência à construção de estruturas formadas pela união de um clítico a uma palavra de conteúdo. No entanto, para Ferreiro e Pontecorvo (1996, p.61), “as mesmas sequências que produzem a maior parte dos problemas de hipossegmentação são também as que produzem a maior parte dos problemas de hipersegmentação”. Isso aconteceria devido à instabilidade da conceituação por parte da criança em relação ao que é palavra e aos seus limites. Enquanto algumas unem o clítico à palavra adjacente (2.a), outras, ao identificarem sequências semelhantes dentro de uma palavra, as separam (2.b).

- | | | | | |
|-----|----|------------|---|--------------------|
| (2) | a. | de repente | > | d <u>e</u> repente |
| | | em cima | > | em <u>c</u> ima |
| | b. | demais | > | d <u>e</u> mais |
| | | embora | > | em <u>b</u> ora |

Ferreiro e Pontecorvo (1996, p.64) concluem seu estudo dizendo que “a escrita das crianças parte de formas unidas (em geral, segundo critérios gráficos e sintáticos) e evolui para uma segmentação cada vez mais completa”. As autoras consideram importante para a análise da segmentação que seja levado em conta, nos textos infantis, a noção de palavra gráfica na língua estudada.

2.1.3.1 Diferentes noções de “palavra” no português

Nesta subseção, abordaremos de forma sucinta, partindo de uma visão gerativista, o que dizem alguns autores sobre noções básicas de *palavra* no português.

Definir o que é *palavra* não é uma tarefa das mais simples, visto que seus limites podem variar de acordo com os critérios seguidos para a sua análise. Segundo Rosa (2000), além do seu uso na escrita, a palavra pode ser entendida como uma unidade fonológica, como o elemento mínimo de uma estrutura sintática ou ainda como um elemento integrante do vocabulário da língua. A sequência *fale-me*, por exemplo, se analisada através de um critério fonológico, pode ser considerada como uma só palavra, levando-se em conta que *me* é uma sílaba átona que se juntou ao verbo e, quando isolada, não carrega sentido. No entanto, essa mesma sequência pode ser analisada através de um critério morfológico, segundo o qual *me* é um pronome que representa o objeto e pode mudar de lugar em relação ao verbo, o que não aconteceria a uma sílaba da palavra a qual tem sua posição fixa.

Para Camara Jr. (1970), além de não existir isomorfia entre a palavra morfológica e a fonológica, há uma importante distinção entre a primeira e segunda. As palavras morfológicas compreendem as palavras lexicais, e as fonológicas podem ser ou não portadoras de acento, mais especificamente subdividem-se em palavra fonológica e clítico. Este não é uma forma livre porque não pode funcionar isoladamente, pois não é suficiente como forma de comunicação, ao mesmo tempo em que não pode ser considerada uma forma presa, uma vez que, entre o clítico e a palavra de conteúdo, podem ser intercaladas outras palavras. Para Camara Jr (1970), o clítico é, portanto, uma forma dependente.

Também para Nespor e Vogel (1986)⁸, a palavra fonológica nem sempre apresenta isomorfia em relação à palavra morfológica, e sua principal característica é possuir um único acento primário. Alguns sufixos, como *–zinho(a)* e *–mente*, segundo Bisol (1994), podem ser considerados como palavra fonológica, visto que são portadores de acento primário.

8. Abordaremos, mais detalhadamente, o conceito de palavra fonológica, segundo Nespor e Vogel (1986), na seção referente aos constituintes prosódicos.

Quanto à estrutura interna da palavra, seu estudo está ligado à morfologia. Katamba (1993) propõe que o estudo da palavra seja dividido em três aspectos diferentes: palavra como sinônimo de *lexema*, de *forma de palavra* e de *palavra morfossintática* ou *gramatical*.

Lexemas são considerados, de acordo com Katamba (1993), itens de vocabulário conforme sua entrada no dicionário. Nas palavras *menino*, *menina*, *meninos*, *meninas*, *meninada*, *meninadas*, *meninote* e *meninota*, por exemplo, têm-se como *lexemas* as palavras *menino*, *meninada* e *meninote*, pois estas são formas encontradas no dicionário. As formas flexionadas, de acordo com gênero e número, por seu turno, não são classificadas como *lexemas*, assim como não o são as formas verbais que não se encontram no infinitivo impessoal.

A *forma de palavra* é a realização física de um vocábulo, tanto na fala quanto na escrita. Ao tomar-se o mesmo grupo de palavras do exemplo anterior – *menino*, *menina*, *meninos*, *meninas*, *meninada*, *meninadas*, *meninote* e *meninota* –, seriam consideradas todas elas como formas de palavras. O mesmo aconteceria se fossem tomadas as diferentes flexões de um verbo: *cantei*, *cantava* e *cantaria*, consideradas como três diferentes formas de palavras, embora só *cantar* seja o *lexema* (KATAMBA, 1993).

Para Katamba (1993), a *palavra morfossintática* ou *gramatical* é composta pelo *lexema* acrescido de determinadas propriedades morfossintáticas. É uma categoria que necessita de um contexto para ser identificada. Pode-se citar, como exemplo, o caso de palavras homófonas, como em: a) *Canto* para espantar as tristezas; e b) O *canto* dos pássaros muito me alegra, nas quais a mesma forma de palavra *canto* pode ser verbo, como na frase (a), ou substantivo, como na frase (b). Outro exemplo é o verbo *cantamos*, cuja flexão pode indicar tanto primeira pessoa do plural do presente do indicativo, quanto primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo.

Rosa (2000) propõe também uma classificação das palavras quanto à parte do discurso que ocupam, de acordo com o significado que possuem. No que diz respeito ao tipo de significado, a autora denomina: *significado lexical* e *significado gramatical*. Palavras que carregam significado lexical são aquelas que podem ser interpretadas semanticamente mesmo quando isoladas. Nessa classe, encontram-se os nomes, os adjetivos, os verbos e os advérbios.

Por outro lado, no grupo de palavras “sem significado lexical”, encontram-se aquelas que não têm total autonomia, tais como os artigos, que não podem constituir a única palavra de um sintagma, ou como os pronomes relativos, as conjunções e os pronomes reflexivos, que só podem ser interpretados quando postos em relação com outros elementos do enunciado. Essas palavras ditas “sem significado” estabelecem relações gramaticais tanto dentro da oração, quanto entre orações, por isso se diz que elas possuem *um significado gramatical*.

Partindo dos tipos de significados que as palavras podem expressar, Rosa (2000) as divide em dois grandes grupos: as *palavras lexicais* e as *palavras funcionais*. As primeiras são as que têm significado, também chamadas de *palavra de conteúdo*, *palavra plena* ou, ainda, *contentivo*. As segundas são aquelas que possuem apenas significado gramatical. Podem ser chamadas, também, de *palavras gramaticais*, *palavras estruturais*, *palavras vazias*, *palavras instrumentais* ou *functores*. As palavras lexicais pertencem geralmente a *classes abertas*, ou seja, classes às quais podem ser acrescentadas novas criações; ao contrário das palavras funcionais, que fazem parte de *classes fechadas*, isto é, classes às quais não podem ser acrescidas novas criações e que, geralmente, ocupam uma posição determinada dentro de um sintagma.

Para esta pesquisa, interessam-nos, particularmente, dois grupos específicos, a saber, a palavra gramatical e a palavra fonológica⁹. Consideramos a primeira como aquela que possui apenas um significado gramatical, e a segunda, como uma classe mais aberta, está marcada fundamentalmente, segundo Nespor e Vogel (1986), pela presença de um acento primário.

2.1.4 Considerações finais sobre a aquisição da escrita

Ao considerarmos todas essas diferentes possibilidades de definição de *palavra*, expostas na seção anterior, chegamos à conclusão de que, para a criança, que está iniciando sua trajetória pelo mundo da escrita, este seja um conceito muito instável, portanto, gerador de muitas dúvidas quanto à segmentação de um texto em palavras gráficas.

9. Essa escolha encontra-se devidamente caracterizada no capítulo 3, referente à metodologia do trabalho.

Após nossas considerações sobre a aquisição da escrita, fundamentadas na teoria piagetiana, podemos afirmar que este é um processo de aprendizagem muito complexo, pois, conforme visto anteriormente, exige da criança um trabalho consciente e uma grande capacidade de abstração.

Embora Piaget e Vigotski possuam posições divergentes quanto aos processos de aprendizagem, ambos consideram a criança como um sujeito ativo no processo de aquisição do conhecimento. Quando da aquisição da escrita, o aprendente terá que trazer, para o nível da consciência, conhecimentos que já possui inconscientemente sobre a língua e sua estrutura. Dessa forma, estarão postos, em relação, os conceitos que Vigotski (2000) denomina de científico e espontâneo. O primeiro se refere aos conceitos que o aluno aprende na escola; o segundo, àqueles que esse aluno já tem antes de entrar em contato com os conceitos científicos. A escrita exige, segundo Vigotski (2000, p.124):

uma ação analítica deliberada por parte da criança. Na fala, a criança mal tem consciência dos sons que emite e está bastante inconsciente das operações mentais que executa. Na escrita, ela tem que tomar conhecimento da estrutura sonora de cada palavra, dissecá-la e reproduzi-la em símbolos alfabéticos, que devem ser estudados e memorizados antes. Da mesma forma deliberada, tem que pôr as palavras em uma certa sequência, para que possa formar uma frase. A escrita exige um trabalho consciente porque a sua relação com a fala interior¹⁰ é diferente da relação com a fala oral. Esta última precede a fala interior no decorrer do desenvolvimento, ao passo que a escrita segue a fala interior e pressupõe a sua existência (o ato de escrever implica uma tradução a partir da fala interior).

2.2 Sobre a prosódia

Passemos, agora, a uma sucinta definição sobre o termo *prosódia*, seguida de uma explanação dos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica, proposta por Nespor e Vogel (1986), e dos constituintes prosódicos que a compõem.

10. Vigotski (2000, p.24) define a fala interior como “uma fala condensada e abreviada [...], quase que inteiramente predicativa, porque a situação, o objeto do pensamento, é sempre conhecido por aquele que pensa”. (nota da autora)

O termo *prosódia* remonta aos gregos e designava os traços da fala não representados ortograficamente, tais como o acento de tom ou o acento melódico. Atualmente, no que diz respeito aos estudos linguísticos, de acordo Scarpa (1999a), a prosódia se refere a vários fenômenos, como parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala; assim como ao estudo dos sistemas de tom, acento e ritmo das línguas naturais. Dois pólos de pesquisa se distinguem nesses estudos, um ligado à fonologia e outro à fonética.

Os dados prosódicos são muito importantes na aquisição da linguagem, pois, segundo Scarpa (1999b, p.35), são a ponte inicial entre o som e o significado, cuja relação conduz a criança à aquisição de uma gramática. Para a autora, “o início de uma ‘gramática prosódica’ é o primeiro vislumbre que a criança tem de uma forma minimamente estruturada”.

Hayes (1981), Selkirk (1986) e Nespor e Vogel (1986) são os pesquisadores que desenvolveram a Teoria Prosódica. Adotamos para esta pesquisa, em especial, a teoria prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), por considerarmos que esteja em consonância com as demais abordagens teóricas aqui utilizadas e, também, por acreditarmos que a hierarquia prosódica proposta pelas autoras é adequada à análise que propomos fazer.

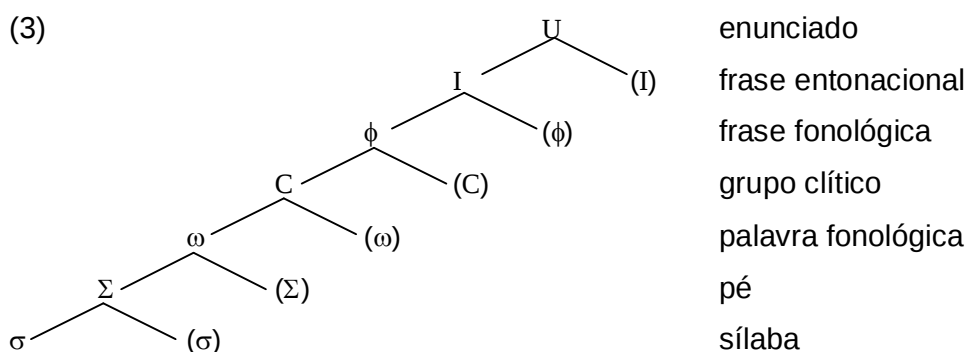
2.2.1 A Fonologia Prosódica

A cadeia da fala é um ato contínuo e, de acordo com os pressupostos da teoria prosódica, compreender uma língua pressupõe saber dividir mentalmente essa continuidade em componentes significativos. A fonologia prosódica estuda essa cadeia da fala por meio de constituintes prosódicos, os quais, conforme Nespor e Vogel (1986), são fragmentos mentais, hierarquicamente distribuídos, nos quais se aplicam regras fonológicas específicas. Esses constituintes não apresentam necessariamente isomorfia com os constituintes sintáticos, morfológicos ou semânticos. No que concerne à sua formação, “todo constituinte pressupõe um cabeça e um ou mais dominados”, segundo Bisol (1996b, p.247).

2.2.2 Os constituintes prosódicos

De acordo com a proposta de Nespor e Vogel (1986), os constituintes prosódicos são sete e obedecem a uma hierarquia: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (ϕ), frase entonacional (I) e enunciado (U). Para as autoras, esses níveis não são necessariamente encontrados em todas as línguas.

Tal hierarquia pode ser representada, conforme Bisol (1996b), através de um diagrama arbóreo, como exemplificado em (3), em que o menor constituinte é a sílaba e o maior, o enunciado:



Apresentamos, a seguir, uma breve descrição e caracterização de cada um dos constituintes prosódicos acima relacionados.

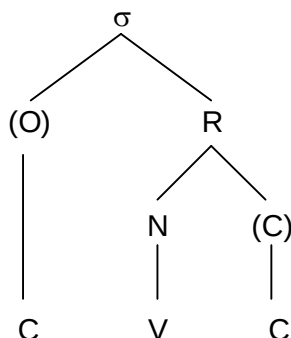
a) A sílaba (σ)¹¹

A sílaba é, para Nespor e Vogel (1986), o menor dos constituintes da hierarquia prosódica em que se aplicam regras fonológicas. Em português, o cabeça desse constituinte é sempre uma vogal, o elemento de maior sonoridade; as consoantes e os glides que a cercam são seus dominados.

11. Abordamos esse constituinte, de maneira mais detalhada e aprofundada do que os demais, devido à necessidade de lançarmos mão desses conceitos na seção 4.2 da análise, em que tratamos sobre evidências de processos fonológicos na escrita.

Selkirk (1982) propõe uma formalização para a sílaba, em que o *onset* (O)¹² e a rima R são dois constituintes imediatos básicos. A rima pode subdividir-se em núcleo e coda, sendo o núcleo obrigatoriamente constituído por um pico de soância, enquanto a coda é opcional. Encontramos representada em (4) uma estrutura do tipo CVC:

(4)



O português é uma língua sensível ao peso silábico. Diz Bisol (1996c, p.163) que a maioria das palavras terminadas por sílabas pesadas (*pomár*, *coronél*) atrai o acento primário. Por outro lado, no nível da palavra, o português é sensível ao choque de acentos, ou seja, em uma sequência de duas sílabas acentuadas, “um dos acentos é transferido para uma posição disponível ou desaparece: *café*, *cafézínho* > *cafezinho*”.

O português também é sensível ao choque de picos silábicos, sendo esse um dos fatores que pode gerar apagamento de uma sílaba, motivando uma ressilabação, através do Princípio de Licenciamento Prosódico. Esse princípio exige que todas as unidades fonológicas sejam prosodicamente licenciadas, isto é, elas devem pertencer a uma estrutura prosódica superior. Bisol (1996c, p.163) define da seguinte forma o choque de picos silábicos:

Quando uma palavra acaba em vogal, pico de sílaba, e a outra por vogal começa, também pico de sílaba, se elas não estiverem protegidas por acento ou pausa, ocorre o choque silábico que provoca o desaparecimento do primeiro pico e, conseqüentemente, da sílaba por ele projetada (α), que o domina. Entre dois elementos, independentemente de sua categoria, cai o prosodicamente mais fraco. Assim na combinação de uma sílaba átona final, a mais fraca de todas, com uma átona pretônica, é a primeira que, por sua condição de mais fraca, fica fadada a desaparecer.

12. No formalismo empregado pós SPE (The Sound Pattern of English – CHOMSKY & HALLE, 1968), o parêntese é utilizado para indicar a opcionalidade do constituinte.

Dentre os estudos sobre a sílaba, os processos de sândi são de relevante importância, uma vez que tratam de reestruturações silábicas. De acordo com Bisol (1992, 1996a,c, 2000a), na ressilabação vocálica do português, acontecem três fenômenos distintos: a elisão (5.a), a ditongação (5.b) e a degeminação (5.c).

- (5) a. camisa usada > cami [zu] sada
 b. camisa usada > cami [zaw] sada
 c. camisa amarela > cami [za] marela

O processo de elisão (EL), em geral, acontece com a vogal baixa átona /a/ diante de outra vogal, ocorrendo somente na fronteira entre palavras. Quanto à aplicação da elisão, Bisol (1996a, p.59) afirma que:

- a. EL aplica-se com tendência à regra geral, quando a vogal seguinte for labial, ou seja, posterior arredondada.
 b. EL aplica-se opcionalmente quando a vogal seguinte for coronal, ou seja, frontal.

Embora tal processo siga às duas aplicações supracitadas, para Bisol (1996a), a elisão é bloqueada pelo acento da segunda vogal a ser elidida (6).

- (6) Ele usava a camisa úmida. * cami [zu] mida
 Ela come ovos todos os dias. * co [mɔ] vos
 Ganhou uma bonita roupa íntima. * rou [pín] tima

O processo de ditongação acontece quando a última vogal de uma palavra forma um ditongo com a vogal inicial da palavra seguinte. De acordo com Bisol (1996a), para que esse processo aconteça, é necessário que uma das vogais seja alta, não importando a sua posição. A ditongação pode ocorrer tanto no interior de palavras (7.a) quanto na fronteira entre palavras (7.b).

- (7) a. ciumenta > c [ju] menta ~ c [iw] menta
 b. menina inteligente >menin [i] nteligente –menin [aj] nteligente
 (elisão ou ditongação)

A degeminação acontece no encontro de duas vogais idênticas (8.a) ou semelhantes (8.b), porém esse processo não se efetua se a segunda vogal for acentuada (8.c). Assim como a ditongação, a degeminação também pode ocorrer no interior de palavras (8.d).

- | | | | |
|-----|-----------------------|---|-----------------------|
| (8) | a. estrada arborizada | > | estrada [a] rborizada |
| | b. vende isqueiros | > | vende [i] squeiros |
| | c. uso óculos | > | *us [ɔ] culos |
| | d. cooperativa | > | c [o] perativa |

b) O pé métrico (Σ)

O pé métrico é constituído por uma sequência de duas ou mais sílabas ou moras¹³ que estejam sobre um mesmo nó. As sílabas devem estar agrupadas em pés antes de formarem uma palavra fonológica. Segundo Nespor e Vogel (1986), o estudo do pé é de fundamental importância nos estudos de acentuação, para a identificação de sílabas tônicas e átonas no interior de palavras e nas sequências de maiores proporções.

O pé métrico, em geral, é estruturado de forma a ter uma sequência com uma sílaba relativamente forte (s) e as demais relativamente fracas (w), todas dominadas por um único nó. A proeminência à esquerda ou à direita varia de língua para língua. Como os demais constituintes prosódicos, para Nespor e Vogel (1986), o pé métrico é de ramificação n-ária, conforme é mostrado em (9), embora Hayes (1981) defenda a existência somente de pés binários:



13. Uma mora é equivalente ao elemento que constitui a rima. Considerando, por exemplo, a representação da sílaba CVC, têm-se duas moras, o núcleo e a coda silábica.

Na língua portuguesa, de acordo com considerações de Bisol (1994, 1996b), as sílabas podem ser estruturadas em pés binários, construídos com cabeça à esquerda, contando-se da borda direita da palavra. Esses pés têm a seguinte representação (*.), na qual a sílaba mais forte é indicada pelo asterisco e a mais fraca pelo ponto, conforme os exemplos em (10), sendo os colchetes angulados < > a indicação do elemento extramétrico¹⁴:

(10)	bala	borboleta	práti<co>	colete	ou	colete	fóssi< >
	(* .)	(* .)(* .)	(* .)	(* .)		(*)(* .)	(* .)
	(*)	(*)	(*)	(*)		(*)	(*)

Nas palavras proparoxítonas, após a incorporação da sílaba extramétrica, temos um pé ternário ou dátilo, como mostra o exemplo da palavra *prático*. Nas paroxítonas, como *bala* e *colete*, observamos a regra geral do português, um troqueu silábico, e na palavra *colete*, encontramos um pé de cabeça medial. A paroxítona *fóssil* recebe acento pela regra geral, considerando-se a extrametricidade da consoante final. No entanto, ao incorporar-se a consoante, temos um espondeu, ou seja, um pé com duas sílabas longas ou pesadas: a primeira em função do acento e a segunda ocasionada pela consoante final.

Bisol (1994, p.25), com base na fonologia métrica, diz que a regra do acento primário¹⁵ para o português está fundamentada nas noções de peso silábico e de pé métrico, conforme é mostrado em (11). A aplicação dessa regra acontece no domínio da palavra lexical.

14. A primeira função da extrametricidade, que tem o poder de tornar invisíveis certos segmentos, é ajustar a palavra prosódica ao domínio das regras gerais de atribuição de acento, a fim de que as generalizações possam ser alcançadas (BISOL, 1994, p.26).

15. De acordo com a Teoria Métrica, o acento se estabelece por meio de uma relação de proeminência entre as sílabas. Para estabelecer o algoritmo do acento, é necessário que se verifique como a língua organiza as suas sílabas em pés métricos. O estudo do acento e do pé métrico estão imbricados um no outro. (BISOL, 1994)

(11) Regra do Acento Primário

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, isto é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não interativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

c) A palavra fonológica (ω)

Para Nespor e Vogel (1986), a palavra fonológica ou palavra prosódica é a categoria que domina o pé. Ela é o constituinte que representa a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. A palavra fonológica tem um domínio igual ou menor à palavra terminal de uma árvore sintática e não extrapola esse domínio em nenhuma língua.

As palavras compostas do português, segundo Bisol (1996b), comprovam que não existe necessariamente isomorfismo entre a palavra fonológica e a morfológica. Em palavras como “guarda-roupa” e “beija-flor”, por exemplo, tem-se uma palavra morfológica e duas fonológicas: [[guarda] ω [roupa] ω] e [[beija] ω [flor] ω].

Os elementos constitutivos da palavra fonológica são a sílaba, o pé e o acento, conforme demonstramos em (12), exemplo no qual a primeira linha mostra as sílabas segmentadas através do ponto; a segunda linha indica o elemento forte por intermédio do asterisco, e a terceira linha indica o acento da palavra. De acordo com Bisol (2004, p.61), “a sílaba agrupa os sons em material linguístico; o pé métrico agrupa as sílabas ritmicamente e projeta o acento da palavra”.

(12)	a. bor. bo. le. ta	b. pa. re. de	c. co. ro. nel	d. lam. pa. <da>	<i>sílaba</i>
	(* .) (* .)	(* .)	(* .) (*)	(* .)	<i>pé</i>
	(*)	(*)	(*)	(*)	<i>acento</i>

A principal característica da palavra fonológica é a de que ela deve ter apenas um acento primário. O pé forte de uma palavra fonológica será determinado por um parâmetro que deve ser fixado em cada língua. Para Bisol (2004), mesmo havendo interação entre palavra morfológica e palavra fonológica, o que as

diferencia fundamentalmente é que a primeira relaciona-se com o significado, enquanto a segunda está relacionada ao ritmo.

d) O grupo clítico (C)

O grupo clítico é definido por Bisol (1996b, p.252) “como a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo”. Para Nespor e Vogel (1986), os clíticos são constituintes de natureza híbrida, ou seja, embora não se sustentem como palavra em um enunciado, eles se parecem com uma. É no grupo clítico que começa a surgir uma interface entre informação fonológica e informação sintática.

Essas características fazem desse grupo motivo de controvérsias quanto à sua presença ou não dentro da hierarquia prosódica¹⁶. Hayes (1981) foi quem propôs pela primeira vez o grupo clítico como constituinte da hierarquia prosódica. Compartilham dessa posição as autoras Nespor e Vogel (1986) e Bisol (2000a), para as quais os clíticos anexam-se a uma palavra fonológica e não se incorporam a ela, pois, mesmo não possuindo acento, eles sofrem as mesmas regras da palavra fonológica. No entanto, para Selkirk (1986), o grupo clítico não faz parte dessa hierarquia; o clítico, por não ter acento, pode incorporar-se à palavra fonológica ou pode ser parte da frase fonológica.

e) A frase fonológica (φ)

A frase fonológica é, segundo Nespor e Vogel (1986), o constituinte imediatamente superior ao grupo clítico e pode ser constituída de um ou mais grupos clíticos. Nesse nível inferior à frase fonológica, devido à imposição do modelo hierárquico, considera-se como grupo clítico tanto uma locução (a árvore) quanto apenas uma palavra fonológica (árvore). Para as autoras, a frase fonológica se constrói por intermédio de noções sintáticas mais gerais do que as usadas na construção do grupo clítico.

A frase fonológica do português é de recursividade à direita, ou seja, o cabeça lexical situa-se à direita, e todos os demais recessivos que ficam à sua esquerda estão dentro do mesmo domínio de X barra. É importante assinalar que

16. Embora consideremos essa discussão extremamente relevante, discuti-la, neste momento, ultrapassaria os objetivos a que nos propomos em nossa tese.

g) O enunciado (U)

O enunciado é o constituinte mais alto e maior da hierarquia prosódica. Tem sua proeminência relativa sempre mais à direita, e sua identificação é feita através dos limites sintáticos e da pausa. Todavia, deve-se ressaltar que nem sempre U tem o mesmo tamanho do constituinte sintático.

Isso se dá porque, para Nespor e Vogel (1986), o enunciado sofre, de acordo com determinadas circunstâncias, processo de reestruturação semelhante ao que ocorre com categorias inferiores da hierarquia prosódica, como a frase fonológica e a frase entonacional. Nesse nível, a reestruturação não depende somente de fatores sintáticos ou fonológicos, mas também de fatores lógico-semânticos. Por conseguinte, a reestruturação deve atender a requisitos que incluem “condições pragmáticas” e “condições fonológicas”. Para atender às primeiras, as orações devem ser enunciadas pelo mesmo falante e devem dirigir-se ao(s) mesmo(s) interlocutor(es), enquanto, para atender às segundas, as orações devem ser relativamente curtas e não pode haver pausa entre elas.

2.3 Sobre as segmentações não-convencionais da escrita no português europeu e no português brasileiro e sua relação com a prosódia

Nesta seção, fazemos uma revisão dos trabalhos, por nós encontrados, cujo tema central é a segmentação não-convencional da escrita. No PE, apresentamos apenas duas referências – Pinto (1997) e Sousa (2008) – devido à escassez de trabalhos que abordem esse tema. No PB, encontramos como principais referências Capristano (2003, 2004), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004), Tenani (2004) e Paula (2007).

No PE, como já dissemos, raros são os trabalhos que tratam da segmentação da escrita. Pinto (1997) e Sousa (2008) abordam questões sobre esse tema, no entanto, suas abordagens são feitas sob uma perspectiva que não contempla exatamente a relação da escrita com a fonologia prosódica.

Pinto (1997) analisa vários tipos de erros ortográficos encontrados em textos de crianças portuguesas dos quatro primeiros anos de escolarização. Dentre esses erros, aparecem aqueles de segmentação não-convencional, conforme denominação nossa. As ocorrências de hipersegmentação (embora a autora não utilize esse termo) do tipo *de pois* para “depois”, *qua do* para “quando”, *em bora* para “embora”, são classificadas como erros de individualização/identificação lexical. As hipossegmentações (termo que a autora também não utiliza) que envolvem verbo e pronome, como *saltol* para “saltou-lhe”, são classificadas como erro de morfologia verbal.

O trabalho da segunda autora, Sousa (2008), apesar de ser um estudo apenas exploratório, trata mais especificamente de dados de hipo e hipersegmentação, tendo sido realizado com crianças que frequentavam os quatro primeiros anos de escolarização. A autora teve como objetivo analisar de que modo o conhecimento da segmentação de palavras evolui ao longo do 1º ciclo. Sousa (2008) conclui sua pesquisa afirmando que: i) as hipossegmentações são encontradas em maior número do que as hipersegmentações; ii) a escolarização é um fator importante no reconhecimento da fronteira de palavras; iii) a noção de palavra gráfica constrói-se a partir da aprendizagem da escrita.

Como podemos constatar, nenhum dos dois trabalhos recém referidos tem como objetivo analisar, à luz da fonologia prosódica, os dados de segmentação não-convencional encontrados em textos de crianças portuguesas. No entanto, ressaltamos que as conclusões a que chega Sousa (2008) corroboram achados de outras pesquisas, as quais descreveremos a seguir, feitas com crianças brasileiras, sobre o mesmo tema.

Atualmente, pesquisadores brasileiros buscam entender quais processos levam a criança a segmentar palavras e, principalmente, quais motivações linguísticas, fundamentadas no modelo da hierarquia prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986), dão origem a dados de hipo e hipersegmentação na escrita. Conforme já referimos no início desta seção, dentre esses pesquisadores, encontram-se Capristano (2003, 2004), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004), Tenani (2004) e Paula (2007).

Os trabalhos desenvolvidos por Capristano, Chacon, Tenani e Paula têm em comum a busca por explicações para os dados de segmentação da escrita não só na fonologia prosódica, mas também no *modo heterogêneo de constituição da escrita*, conforme proposta de Corrêa (2004). Esse grupo de pesquisadores tem, portanto, como propósito central demonstrar que, no processo inicial da escrita (infantil e de adultos), as segmentações não-convencionais podem resultar, simultaneamente, do trânsito do sujeito escrevente por práticas orais e letradas.

O trabalho de Chacon (2005, p.77) analisa processos de hipersegmentação na escrita infantil, proporcionando uma discussão sobre “o papel das práticas de oralidade e de letramento na maneira como aprendizes da escrita segmentam palavras da língua.” Para sua pesquisa, o autor selecionou dados de hipersegmentação retirados de “um conjunto de 451 textos produzidos em contexto escolar por 40 crianças (18 meninas e 22 meninos) da primeira série de uma escola municipal de ensino fundamental do interior de São Paulo”. Foram selecionadas 139 ocorrências, as quais correspondiam a trissílabos hipersegmentados. A escolha de palavras compostas por três sílabas é justificada devido ao interesse do pesquisador em observar a ação da prosódia na escrita infantil. Levando em consideração o *corpus* estudado, Chacon (2005, p.80) afirma que os trissílabos “pareceram fornecer indícios mais interessantes dessa ação do que os polissílabos e dissílabos”.

A ação da prosódia pode ser observada nos dados analisados por Chacon (2005), sendo de extrema relevância a preservação da sílaba e do pé métrico. Muito raramente, na verdade em apenas três casos em todo o *corpus*, houve uma ruptura das estruturas prosódicas, como em: *a j u das*, *aj u da*, e *pe di g rre*. Os demais dados revelaram uma tendência dominante (92 ocorrências) em separar os trissílabos, formando a combinação de uma sílaba e um pé, o qual pode ser um pé iambo, troqueu ou espondeu, conforme mostram, respectivamente, os exemplos: *com vido* (convidou), e *Rita* (irrita), *a sucar* (açúcar). Apareceram também dados (19 ocorrências) em que o trissílabo segmentava-se em um pé, que, como nos dados anteriores, pode ser um pé iambo, troqueu ou espondeu, e em uma sílaba, de acordo com os seguintes exemplos: *colo que* (coloque), *para bems* (parabéns), *escom de* (esconder). Os dados restantes (25 ocorrências) mostraram rupturas em limites de sílabas, como em: *lhi pam do* (limpando), *sau da de* (saudades), *câ me ra* (câmera).

No entanto, os limites prosódicos, como já anunciado anteriormente, não são o único interesse de Chacon (2005, p.82-83), que considera igualmente relevantes os dados capazes de apresentar indícios “do trânsito da criança por práticas de letramento”. Tais evidências se apresentam em dados como *a prenti* (aprendi), *por quinho* (porquinho), *para beis* (parabéns), *es quente* (esquente), *s cola* (escola), nos quais uma das partes hipersegmentada corresponde a um monossílabo ou mesmo a um dissílabo com significado lexical, cujo reconhecimento se justifica por indícios da prática de letramento da criança. Reforçando essa ideia, o autor apresenta dados em que a criança escolhe os grafemas a serem utilizados seguindo as normas ortográficas, como em: *com vidou* (convidou) e *ol viram* (ouviram). Segundo Chacon (2005, p.83), “a escolha por *m* e por *l* em detrimento de “*n*” e de “*u*”, nesses dois exemplos, mostra a oscilação das crianças entre diferentes formas gráficas de se marcar a nasalização e a semivocalização da coda dessas sílabas na escrita”.

Chacon (2005, p.84) afirma que a criança insere espaços no interior das palavras não só com “base do acento (a sílaba) e os contrastes que ele possibilita na oralidade (pelos diversos tipos de organização das sílabas no interior de pés rítmicos)”, mas também na busca em delimitar “grafemas ou sequências de grafemas que, na escrita, em alguns momentos, correspondem a partes de palavras e, em outros, a palavras inteiras”. Também fica claro para o autor que os limites prosódicos podem ser detectados pelos espaços em branco deixados pela criança. Finalmente, Chacon (2005, p.84) conclui que não importa por qual desses aspectos se analisem as segmentações não-convencionais feitas pelas crianças, “(tanto a partir de seu vínculo com práticas de oralidade quanto com práticas de letramento), sempre a sua outra contraparte imediatamente se mostra”.

Em outro estudo, Chacon (2006), novamente encontramos a proposta de analisar hipersegmentações em textos de crianças no início do processo de escolarização. Fundamentando-se mais uma vez na ideia de heterogeneidade da escrita, o autor busca apontar as vantagens (teórico-metodológicas) de se analisarem processos de aquisição da escrita, levando-se em conta as relações entre as modalidades falada e escrita da língua. Para o autor, dois fatores são privilegiados nessa prática, pelo fato de indicarem o trânsito da criança por práticas orais e letradas: quanto ao primeiro, o componente prosódico da linguagem seria o

responsável pelo registro gráfico do léxico; e, quanto ao segundo, o componente analisado seria a aquisição das convenções ortográficas do PB no que diz respeito a esse mesmo registro. Por conseguinte, a base dessa reflexão se encontra na aquisição da noção de palavra¹⁷.

A heterogeneidade constitutiva da escrita, conforme Chacon (2006, p.165), mostra-se da seguinte forma nos dados analisados:

Não se trata, pois, de uma questão estritamente estrutural a que se apresenta na aquisição da noção de palavra. Os fatos prosódicos e ortográficos que destacamos, na medida em que marcam no produto escrito a ação da língua sobre o sujeito e deste sobre a língua, remetem essa ação à inserção simultânea do sujeito em múltiplas práticas de oralidade e de letramento (dentro e fora do contexto escolar), as quais tornam possível o acesso do sujeito escrevente não só à noção de palavra como também aos diferentes fatos da língua, tanto em seu modo de enunciação falado quanto em seu modo de enunciação escrito.

Mais recentemente, Chacon (2007), também fundamentado nas relações estabelecidas entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos, desenvolve um estudo sobre as flutuações na segmentação de palavras, cujo objetivo é analisar os conflitos pelos quais a criança passa no momento de executar essa tarefa. Segundo o autor, esses conflitos são bem marcados pelas flutuações na escrita infantil, as quais ficam evidenciadas por formas visivelmente apagadas que ocorrem dentro de um mesmo texto.

Os dados utilizados na pesquisa foram extraídos de textos de crianças de segunda série do primeiro ciclo do ensino fundamental. Dentre esses dados, foram analisados casos de dupla flutuação, ou seja, “não só aquela verificada entre pelo menos duas ocorrências distintas de segmentação não-convencional, como também aquela verificada numa mesma ocorrência, como fruto de um processo de apagamento que deixa marcas na estrutura escrita” (CHACON, 2007).

Em um dos textos, o autor analisa a ocorrência da locução “em pé”, a qual aparece grafada de duas formas diferentes – *inpe* e *en pé* –, caracterizando o que chama de “flutuação na segmentação das palavras”. Além da flutuação entre essas duas maneiras de grafia, o autor observa, no caso da segunda, não só a forma escrita (*en pé*), mas também a desprezada pela criança (*empé*). Essa análise é

17. A noção de palavra, apresentada por Chacon (2006), e da qual compartilhamos, é mais ampla e completa do que a de Ferreiro e Pontecorvo (1996), apresentada na seção 2.1.3 deste trabalho.

possibilitada por marcas gráficas deixadas no texto, as quais a criança não consegue apagar totalmente.

Em outro texto, Chacon (2007) analisa a ocorrência de três pares de flutuações: *e la* e *ela*; *ou vil* e *ouvil*; *ele fante* e *elefante*. Novamente o aprendiz parece usar como suporte para a segmentação das palavras mais de uma hipótese. A ocorrência dessas flutuações nos dados das crianças é justificada pelo autor através de uma análise ancorada tanto em diferentes aspectos prosódicos, característicos da linguagem oral, como em aspectos das convenções ortográficas da língua.

Chacon (2007) finaliza sua análise sobre a flutuação na segmentação das palavras escritas em textos de crianças, com as seguintes conclusões:

essas marcas de correção mostram simultaneamente uma perda e uma busca de ancoragem escrita. E, na mostra dessa busca, apontam para perspectivas de ancoragem, não necessariamente coincidentes entre si – uma vez que, em última análise, as marcas de correção apontam para diferentes instâncias da constituição da enunciação escrita, características de sua constituição heterogênea, e que se mostram, em nossos dados, como decorrentes de uma escrita/fala e de uma leitura/audição que se dão no próprio ato de escrita e deixam pistas no produto escrito.

Seguindo os mesmos pressupostos teóricos de Chacon, Tenani (2004) apresenta um estudo sobre *Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas*, no qual usa um *corpus* construído por Capristano (2003). Desse *corpus*, interessam à autora somente as ocorrências de segmentações não-convencionais “resultantes da oscilação entre informação do código escrito institucionalizado e a percepção do escrevente sobre fronteiras de constituintes prosódicos”. Segundo Tenani (2004, p.234):

A predominância de aspectos prosódicos como sendo relevantes para interpretar o modo pelo qual os espaços em branco ocorrem nos textos infantis pode ser tomada como um indício de que as fronteiras (e possivelmente também a proeminência) de constituintes prosódicos maiores do que a palavra têm alguma realidade psicológica para os falantes.

Tenani (2004) analisa estruturas em que a sequência de palavras pode ter mais de uma interpretação, dependendo do lugar em que ocorre a segmentação da cadeia fônica. A autora analisa dados do tipo “Felisbina”, em que a criança

segmenta a sequência como *feliz bina*. Outro exemplo é a palavra *na dando* para “nadando”. Além de a criança segmentar a escrita em função da percepção de alguns constituintes prosódicos, Tenani (2004, p.240) observa a possibilidade dessa segmentação também ser “motivada pela organização do texto no espaço em branco”. A autora analisa, em particular, uma ocorrência de texto em que a sequência escrita pelo aprendiz parece não caber no espaço a ela destinado embaixo de um desenho.

Como conclusão da análise de seus dados, Tenani (2004, p.242) afirma que existem evidências de que a língua, tanto na modalidade oral quanto na escrita, “não pode ser tomada como o domínio do homogêneo, do fechado, do repetível, mas, sim, como um campo marcado pela heterogeneidade que o atravessa”.

Seguindo a linha de estudos de Chacon e Tenani, Capristano (2004, p.246), em seu trabalho *A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais*, parte da hipótese de que as marcas linguísticas de segmentação das palavras produzidas pelas crianças podem apontar simultaneamente para dois fatores: “o funcionamento linguístico da escrita infantil” e “processos de subjetivação do escrevente”. Com base nessa hipótese, a pesquisa teve como objetivo, sobretudo, “indicar que o funcionamento linguístico da escrita infantil, no que concerne particularmente às segmentações não-convencionais, seria heterogêneo”.

O *corpus* analisado por Capristano (2004) foi formado por um conjunto de 45 textos produzidos por três crianças (6-7 anos), que cursavam a primeira série do ensino fundamental. Foram coletadas 248 ocorrências de segmentações não-convencionais, as quais passaram por um processo de seleção em função de propriedades atribuídas, especificamente, ao funcionamento desses dados. De acordo com Capristano (2004), as segmentações não-convencionais resultariam de quatro tipos de funcionamento: a) tentativas de escrita alfabética; b) oscilação entre diferentes trânsitos por constituintes prosódicos e informações sobre o código escrito institucionalizado; c) oscilação entre constituintes abaixo do domínio da palavra fonológica na hierarquia prosódica (sílabas e pé) e informações sobre o código escrito institucionalizado; d) uma maior percepção de constituintes acima do domínio da palavra fonológica na hierarquia prosódica e, talvez em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado.

Para o estudo proposto pela autora, interessaram, especificamente, as ocorrências selecionadas no quarto tipo de funcionamento. Depois de separados, os dados passaram por novo processo de categorização, por meio do qual foram analisados de quatro maneiras distintas, de acordo com o seu tipo de funcionamento.

Os dados do tipo (a) são as segmentações não-convencionais resultantes de uma maior percepção de constituintes acima do domínio da palavra fonológica na hierarquia prosódica e, talvez em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado. Como exemplo, Capristano (2004, p.252-253) apresenta a frase *a terra para socorela* (A terra para socorrê-la), na qual “a criança parece se basear, preferencialmente, na percepção do que Nespor e Vogel (1986) definem como grupo clítico”. Além da provável percepção do grupo clítico, a autora afirma que a criança busca um efeito de sentido relacionado com a imagem que ela tem da escrita privilegiada pela escola, o que seria uma tentativa de alcançar a escrita formal.

No tipo de funcionamento (b), encontram-se as segmentações não-convencionais resultantes de uma maior percepção de uma frase fonológica e, talvez em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado. O dado analisado por Capristano (2004, p.255) é a frase *e é la vive u mutovelis* (E ela viveu muito feliz). Nesse exemplo, a autora destaca a possibilidade de a criança ter juntado as palavras “muito” e “feliz” em função de sua percepção de uma frase fonológica. Todavia, não pode ser descartada, segundo Capristano (2004), a possibilidade de essa junção ter ocorrido devido ao fato de a criança buscar um ajuste na distribuição gráfica das palavras, visto que esse dado ocorre no final da linha, próximo à margem direita da folha.

Os dados do tipo (c) são as segmentações não-convencionais resultantes de uma maior percepção de uma frase entonacional e, talvez em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado. Capristano (2004, p.256) analisa a frase *o bravo saiofimrrido* (O cravo saiu ferido), na qual os espaços em branco no início e no fim do dado, juntamente com a falta de espaço entre as palavras “saiu” e “ferido”, tornaram possível “considerar tal enunciado como caracterizador de uma representação feita pela criança baseada na percepção do que, em sua variedade linguística, poderia constituir uma frase entoacional”. Ainda

segundo a autora, a possível hiper-correção na sílaba final da palavra “saiu” parece apontar mais uma vez para a influência do código escrito institucionalizado.

Por fim, nos dados do tipo (d), encontram-se as segmentações não-convencionais resultantes de uma maior percepção de um enunciado e, talvez em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado. Um dos exemplos apresentados por Capristano (2004, p.257) é o trecho de um texto em forma de diálogo – *agora vou na escola. – dijato. – professora – fou* (– Agora vou na escola. – Que chato. – Professora – Vou...). Segundo a autora, o dado considerado como relevante para análise é a ocorrência *dijato*, pois a criança parece mostrar “uma representação baseada na percepção mais acentuada de um enunciado prosódico e/ou fonológico”, caracterizada em especial pela presença da pontuação, assim como pela estrutura do texto que se caracteriza pela presença de diferentes enunciadores. O código escrito institucionalizado estaria presente através das marcações feitas com os travessões.

Capristano (2004, p.258-259), para concluir, reafirma as postulações já feitas por Chacon e Tenani e sugere a existência de dois fatores diferentes que parecem influenciar as segmentações não-convencionais encontradas nos textos infantis: um “mais ligado a aspectos prosódicos”, e outro “mais ligado à imagem que as crianças teriam do que seria próprio da escrita”.

Na mesma linha de pesquisa dos trabalhos citados anteriormente, Paula (2007) realizou um estudo longitudinal sobre a hipersegmentação em textos de 8 crianças – 4 sujeitos do sexo masculino e 4 do sexo feminino – em fase de escrita inicial, em um período que englobou as três primeiras séries do ensino fundamental. O *corpus* do trabalho totalizou 306 produções textuais, obtidas por intermédio de 41 propostas temáticas diferentes.

Em seu estudo, Paula (2007) fundamentou-se em duas principais hipóteses, as quais consideram que os textos infantis do início do processo de aquisição da escrita podem:

- (1) ser representativos da inserção do sujeito escrevente em práticas orais e letradas constitutivas de seu aprendizado institucional da escrita; e tendem a:
- (2) ocorrer de acordo com alguns movimentos ao longo desse processo, rumo a uma proximidade com o que se entende por escrita padrão, podendo se constituir em momentos de manifestação da subjetividade do produtor do texto (PAULA, 2007, p.119).

Após a análise dos dados, Paula (2007, p.119) concluiu que pelo menos dois fatores permearam as hipóteses de segmentação da escrita, corroborando resultados já encontrados por Chacon, Tenani e Capristano. Um deles seria de natureza prosódica e estaria relacionado “ao imaginário do sujeito escrevente sobre a gênese da (sua) escrita”; enquanto o outro estaria mais ligado “à representação que o sujeito faz do que imagina ser o institucionalizado para a (sua) escrita”.

Quanto ao primeiro fator, dados como *ca de ra* (cadeira) ou *com sigo* (consigo), nos quais os espaços em branco delimitam “sílaba” e “pé”, encaminharam Paula (2007, p.119) a concluir que “essas estruturas parecem obedecer a princípios que governam a organização dos enunciados falados, como a prosódia, para segmentar os enunciados escritos”. A autora sustenta sua análise na ocorrência de vários dados em que os espaços são inseridos dentro da palavra, formando constituintes prosódicos conforme os propostos por Nespor e Vogel (1986).

Quanto ao segundo fator, dados como *mão dão* (mandando) ou *pé gando* (pegando), nos quais uma das palavras resultantes da segmentação corresponde a uma palavra do léxico, levam Paula (2007, p.120) a concluir que, desde o “início do processo de aquisição da escrita, a criança já vem refletindo sobre o modo de enunciação escrito, devido a sua inserção social”. Portanto, a criança, ao fazer esse tipo de hipersegmentação, pode estar em busca do que ela supõe ser a escrita privilegiada pela escola.

Paula (2007, p.123) afirma que não acredita na existência de uma hierarquização na ordem das aprendizagens e conclui, por meio das palavras de Corrêa (2004), que a escrita “mostrou-se, antes de tudo, como um processo do qual o sujeito participa ativamente, refletindo e elaborando hipóteses que vêm asseverar seu *modo heterogêneo de constituição*”.

Para concluir esta seção, apresentaremos resultados de nossa análise, Cunha (2004), quanto às segmentações não-convencionais da escrita. Vale ressaltar que desenvolvemos esse trabalho em uma perspectiva diferente da proposta de Chacon, Tenani, Capristano e Paula. Em Cunha (2004), buscamos explicar as segmentações não-convencionais da escrita por meio de uma relação estreita com a fonologia prosódica, todavia sem perder de vista que o sujeito aprendente é ativo no processo de aquisição da escrita. É por intermédio das hipóteses que a criança testa, de suas “idas e vindas” por diferentes possibilidades de grafia, que podemos

inferir quais aspectos do conhecimento linguístico, mais especificamente, do conhecimento acerca da fonologia prosódica, são responsáveis pelo tipo de segmentação das palavras que a criança faz no seu texto (cf. CUNHA, 2004).

Na proposta que apresentamos em Cunha (2004), fundamentamo-nos em pressupostos teóricos sobre a aquisição da linguagem (CHOMSKY, 1965) e sobre os processos de aprendizagem (PIAGET, 1972, 1978a), bem como em teóricos que discutem a aquisição da escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999) e a prosódia (NESPOR e VOGEL, 1986). Vale ressaltar que a Teoria da Linguagem de Noam Chomsky – de caráter inatista – e a Teoria da Aprendizagem de Jean Piaget – de caráter construtivista – são teorias que, embora distintas, se relacionam, se complementam e podem ser usadas lado a lado quando pretendemos estudar fenômenos relativos à linguagem escrita e sua aquisição.

Justificamos a aproximação entre essas duas teorias devido ao fato de existirem pontos de convergência e divergência entre ambas¹⁸. No entanto, ressaltamos, como principal diferença, que a primeira preocupa-se exclusivamente em explicar a capacidade de linguagem específica dos seres humanos, considerando-a como um “órgão mental”¹⁹, enquanto a segunda diz respeito aos processos de aprendizagem em geral, dentre os quais se pode enquadrar a aquisição da escrita. Em relação à linguagem, os construtivistas, segundo Piattelli-Palmarini (1978, p.193), “aplicam-se a estudar as propriedades linguísticas que possuem fundamentos comuns com outros domínios cognitivos”, já os inatistas “procuram cercear as estruturas linguísticas próprias à espécie humana [...] que não têm contrapartida em parte alguma no conjunto das capacidades cognitivas”.

Os dados que analisamos foram retirados de produções textuais espontâneas de 10 crianças ao longo das quatro primeiras séries do ensino fundamental, 5 alunos de uma escola pública e 5 de uma escola particular. Todos os dados de segmentação não-convencional encontrados foram extraídos dos textos e, após, organizados em dois grandes grupos: dados de *hipossegmentação* e dados de *hipersegmentação*. Depois de separados, tanto as hipo como as hipersegmentações

18. Ver a subseção 2.1.2, “A relação entre a linguagem oral e a aquisição da escrita”, deste capítulo.

19. “Órgão mental” é uma metáfora usada por Chomsky (1978, p.123): “Penso que na medida em que falamos por metáforas, esta é melhor do que as utilizadas antes (é evidente que não, um órgão no sentido em que se poderia delimitar fisicamente). Mas julgo que o crescimento (*growth*) desta capacidade tem as características gerais dos órgãos”.

foram analisadas levando-se em conta três variáveis linguísticas e duas extra-linguísticas, a saber: “tipo de palavra”, “tipo de sílaba”, “tonicidade”, “tipo de escola” e “série”, respectivamente.

A variável “tipo de palavra” sofreu ainda uma subcategorização, passando a ter dois grupos principais – palavra gramatical e palavra fonológica²⁰ – de acordo com a função que expressam. Consideramos como *palavra gramatical* aquela que não possui significado lexical, como os clíticos, por exemplo. A *palavra fonológica*, na nossa concepção, inclui todas as estruturas que possuem um acento primário e que, mesmo não tendo significado conhecido na língua, são candidatas potenciais para se tornarem palavras.

Partindo-se dessa subcategorização da variável “tipo de palavra”, obtivemos quatro possíveis combinações, a saber: a) palavra gramatical + palavra fonológica; b) palavra fonológica + palavra gramatical; c) palavra gramatical + palavra gramatical; d) palavra fonológica + palavra fonológica. Depois de separados, de acordo com as quatro possibilidades recém apresentadas, analisamos os grupos de palavras segundo duas variáveis linguísticas restantes: “tipo de sílaba” e “tonicidade”.

Quanto às ocorrências de hipossegmentação – tipo de segmentação que apresentou maior número de ocorrências no *corpus* –, observamos que duas tendências se apresentaram como predominantes: juntura entre uma palavra gramatical e outra fonológica, como em ‘olobo’, ‘derepente’, ‘tecomer’; e juntura entre duas palavras fonológicas, como em ‘chicobento’, ‘miaroupa’, ‘benlonge’. Os dados que aparecem em maior quantidade são os do primeiro tipo, ou seja, os que envolvem uma palavra gramatical mais uma palavra fonológica.

Em um número bem mais restrito, aparecem as hipossegmentações do tipo que juntam uma palavra fonológica a uma palavra gramatical e que juntam duas palavras gramaticais. Quanto às primeiras, na sua maioria, observamos que são

20. Denifir como palavra uma determinada estrutura é tarefa bastante complexa, portanto, para conseguirmos uma categorização mais ampla dos dados, optamos por nomenclaturas que pertencem a níveis linguísticos diferentes: palavra gramatical (morfologia) e palavra fonológica (fonologia). De acordo com os dados que analisamos as estruturas átonas que estão envolvidas nas segmentações não-convencionais são, na sua maioria, aquelas que reconhecidamente desempenham funções gramaticais, enquanto as estruturas portadoras de acento parecem estar mais ligadas ao nível fonológico, uma vez que nem sempre possuem significado no português.

motivadas pela formação de uma única palavra fonológica, como em ‘pegela’ (*pegá-la*) e ‘chamavase’ (*chamava-se*). As do segundo tipo podem ser consideradas quase exceções, sendo significativas apenas nos dados que envolvem a palavra gramatical “que”, como em ‘oque’ ou ‘praque’.

Quanto às ocorrências de hipersegmentação, a análise dos dados permitiu-nos observar que duas tendências apresentaram-se como predominantes: separação de uma palavra em duas, uma gramatical e outra fonológica, como em ‘em bora’, ‘na mora’, ‘com migo’; e separação de uma palavra em duas palavras fonológicas, como em ‘ter mina’, ‘ar partamento’, ‘mau tratados’. Os dados mais numerosos são os que envolvem uma palavra gramatical e uma palavra fonológica.

Devido à pouca ocorrência, consideramos como exceções, dentre os dados analisados, as hipersegmentações que formam uma palavra fonológica e uma palavra gramatical, assim como as que geram duas palavras gramaticais, conforme mostram, respectivamente, os exemplos: ‘gitan do’ (*gritando*) e ‘por que’. Poderíamos ter excluído do *corpus* esse último dado, visto que existem as duas possibilidades de grafia da palavra “porque”; no entanto, optamos por deixá-lo como preenchimento da categoria que poderá ser útil para análise de dados de outros *corpora*.

Analizamos também dados de hipo e hipersegmentação de ocorrência simultânea, como em ‘quem fim’ (*que enfim*), ‘ele vou’ (*e levou*), ‘tes quese’ (*te esquece*), os quais mostram que, aparentemente, primeiro a criança hipossegmenta a sequência – ‘qu[e]nfim’ –, nesse caso específico, usando um processo de sândi, para só depois hipersegmentá-la – ‘quem fim’.

Em relação às variáveis, a análise do “tipo de sílaba” possibilitou-nos constatar que, em geral, tanto nos dados de hipo quanto de hipersegmentação, a criança tende a preservar as estruturas silábicas da língua. Nas hipossegmentações, quando surgem contextos favoráveis, são usados processos de ressilabação vocálica como a ditongação e a degeminação, conforme mostram, respectivamente, os exemplos ‘siolharão’ (*se olharam*) e ‘sesquecer’ (*se esquecer*).

Por meio da variável “tonicidade”, observamos que a supressão dos espaços entre as palavras – hipossegmentação – pode ser motivada pela presença de grupos tonais ou de linhas entoacionais, bem como pela sílaba tônica da palavra.

Nas hipersegmentações, observamos que a sílaba tônica parece influenciar a decisão da criança em dois momentos: tanto quando há a preservação do pé binário, antes do qual é inserido o espaço, como quando há isolamento de sílabas pesadas. Em quase todos os casos de segmentação não-convencional, é preservado o pé do acento.

Com relação aos constituintes prosódicos, os dados de hipossegmentação que analisamos parecem ser motivados pelos constituintes de nível mais alto da hierarquia prosódica, a saber, a “palavra fonológica”, o “grupo clítico”, a “frase fonológica”, a “frase entonacional” e o “enunciado”. Os dados de hipersegmentação, por sua vez, parecem ser dirigidos pelos constituintes mais baixos da hierarquia, quais sejam, a “sílaba” e o “pé”.

As variáveis extra-linguísticas – “tipo de escola” e “série” – possibilitaram-nos afirmar que, no *corpus* analisado, as crianças da escola pública apresentam maior número de erros em relação às crianças da escola particular. No entanto, por meio da variável “série”, constatamos que a quantidade dos erros começa a se equilibrar a partir da 3ª série, diminuindo em ambas as instituições. Isso nos mostra a importância do papel da escola no processo de aquisição da escrita e também confirma a hipótese de que esse é um processo evolutivo, pois, quanto maior é o tempo de contato com a escrita, menor é a quantidade de erros verificados.

Através das variáveis descritas e de estudos teóricos em diferentes áreas, os dados analisados em Cunha (2004) levaram-nos à conclusão de que os constituintes prosódicos exercem significativa influência sobre os processos de segmentações não-convencionais na aquisição da escrita do PB. Os resultados indicam também que, através dos erros cometidos pelas crianças, podem ser revelados aspectos do conhecimento linguístico e, em especial, do conhecimento acerca da fonologia da língua, responsáveis pela incidência das segmentações não-convencionais.

2.4 Sobre a fala no PB e no PE

Para concluir este capítulo, apresentamos, nesta seção, uma revisão teórica de trabalhos que tratam da fala no PB e no PE, os quais abordam, especificamente, os domínios prosódicos e o ritmo. Damos especial atenção às pesquisas que propõem estudos comparativos entre o PB e o PE, por serem pertinentes com a discussão a que nos propomos.

2.4.1 Os domínios prosódicos

Poucos ainda são os trabalhos comparativos sobre os domínios prosódicos no PB e no PE. Adotamos como principal referência o trabalho de Tenani (2002), no qual a autora descreve e compara, partindo de evidências entoacionais, segmentais e rítmicas, a estrutura prosódica do PB e do PE nos três domínios mais altos da hierarquia, a saber, a frase fonológica (ϕ), a frase entoacional (I) e o enunciado fonológico (U).

Seu estudo fundamenta-se, principalmente, na Fonologia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) e, na Fonologia Entoacional formalizada por Ladd (1996), bem como em um estudo de Frota (1998), para a comparação entre o PB e o PE. A pesquisa teve como principais objetivos: a) fornecer evidências dos domínios prosódicos no PB; b) identificar as semelhanças e diferenças entre as variedades lusitana e brasileira do Português no que concerne à constituição dos domínios prosódicos.

Tenani (2002) obteve os dados analisados de maneira controlada por meio de experimentos, de acordo com a metodologia proposta pela “fonologia laboratorial”²¹. Foram construídas, no PB, sentenças que permitissem testar as previsões feitas pela formulação dos algoritmos de formação da frase fonológica (ϕ) e da frase entoacional (I), segundo adaptação de Frota (1998, p.51) para o PE, e do enunciado fonológico (U), segundo formulação do algoritmo proposto por Nespor e Vogel (1986).

21. De acordo com Tenani (2002), a metodologia proposta pela fonologia laboratorial tem como característica a construção de experimentos em que são criadas situações por meio das quais é possível observar a interação das variáveis relevantes que respondam às questões teóricas sem que outros fatores possam vir a distorcer os resultados.

Sobre evidências entoacionais da estrutura prosódica, Tenani (2006, p.121) identificou “a frase fonológica como o domínio cujo elemento proeminente sempre é candidato a carregar eventos tonais”. Para a frase entoacional, a autora encontrou dois resultados: o primeiro quando acontece uma pausa entre I_s , e o segundo quando não se tem essa pausa. No primeiro caso, as características entoacionais de I são identificadas com maior facilidade, enquanto no segundo, para Tenani (2006, p.121), podem estar em jogo duas estratégias entoacionais que delimitam os I_s : “a mudança de registro” ou “a queda ou subida brusca e profunda de F_0 em relação à linha de base da altura utilizada pelo falante”. Quanto ao enunciado fonológico, a autora propõe que ele seja “caracterizado como o domínio em que se dão as relações entre I_s ”.

Após a comparação dos resultados obtidos sobre a entoação e domínios prosódicos no PB e no PE, Tenani (2002, p.104) conclui que:

a frase entoacional é um domínio importante nas duas variedades do Português para organizar o contorno entoacional, mas em PB essa organização dos eventos tonais se articula também com o domínio da frase fonológica, cuja proeminência é relevante para a distribuição dos eventos tonais.

Para identificação das evidências segmentais, a autora analisou processos de sândi externo como vozeamento da fricativa (15.a), *tapping* (15.b), haplologia (15.c), degeminação (15.d), elisão (15.e) e ditongação (15.f). Essas regras segmentais podem envolver fronteiras de palavra (ω) que, dependendo do contexto, também podem ser fronteiras de domínios mais altos da hierarquia prosódica.

- | | |
|-------------------------------|---------------------|
| (15) a. arroz <u>a</u> marelo | [a'xozama'relu] |
| b. açúcar <u>a</u> marelo | [a'sukarama'relu] |
| c. faculdade <u>d</u> inâmica | [faku'dadʒɪ'nĩmika] |
| d. laranja <u>a</u> marela | [la'rãʒama'rela] |
| e. laranja <u>h</u> olandesa | [la'rãʒolĩ'deza] |
| f. pêssago <u>a</u> marelo | [ˈpeseguama'relu] |

Tenani (2002, p.190) constatou que o sândi externo ocorre entre todas as fronteiras prosódicas, sendo inibido apenas pela pausa, a qual ocorre, predominantemente, entre as fronteiras de I e de U. Quanto à haplologia, esse é o único processo de sândi que se mostrou sensível às fronteiras prosódicas, pois sua aplicação diminui à medida que são hierarquicamente mais altas as fronteiras dos constituintes.

Comparando o PB com o PE quanto à estrutura prosódica em relação aos processos de sândi entre sílabas átonas, Tenani (2002, p.190) apresenta as seguintes conclusões:

- (i) em PB, não foram encontradas evidências segmentais da relevância de algum domínio prosódico, pois os processos de juntura se aplicam entre todas as fronteiras prosódicas. Somente a pausa interrompe esses processos segmentais. A análise desses processos fonológicos trouxe evidências de que apenas a haplologia oferece uma evidência indireta das fronteiras de ϕ , I e U.
- (ii) em PE, segundo Frota (1998), os processos de sândi externo são sensíveis à fronteira de I^{max} , o que constitui evidência para a relevância do domínio I e para a pertinência do conceito de domínios prosódicos compostos.

Na busca de evidências rítmicas, Tenani (2006, p.125) volta-se para um experimento em que controla “contextos que permitem observar a interação entre estratégias de resolução de configurações rítmicas mal-formadas, como contextos de choque acentual e contextos de bloqueio da degeminação e da elisão”.

Da análise dos resultados desse experimento, Tenani (2002, p.270) conclui que, tanto no português brasileiro quanto no europeu, “há restrições rítmicas que bloqueiam a configuração de estruturas rítmicas mal-formadas e há um efeito de direcionalidade esquerda/direita que decorre de uma restrição que preserva a proeminência do acento mais à direita de ϕ ”. A autora também encontra outra semelhança entre o PB e o PE: “as restrições que operam em cada variedade dependem do tipo do processo envolvido e da estrutura prosódica que as contém”; porém, as duas variedades do português são diferentes no que concerne ao “fato de um mesmo processo segmental ter comportamento diferente em cada variedade”.

Quanto ao choque de acentos que se configura no *input*, o PB e o PE também apresentam diferenças: o primeiro lança mão de duas estratégias como solução ao choque de acentos dentro de ϕ , ou seja, insere uma batida rítmica para resolver a adjacência de acentos de ϕ , enquanto o segundo vale-se de uma

estratégia apenas, ou seja, não ajusta a configuração em que as proeminências rítmicas não se alteram. Tenani (2002, p.271) afirma que foram encontradas “evidências rítmicas de que o domínio de ϕ é ativo nas duas variedades do Português estudadas, mas se verificam diferentes estratégias de resolução de configurações rítmicas mal-formadas”.

Ao concluir sua pesquisa, Tenani (2002, p.295) diz que, entre as duas variedades do português, foram identificadas semelhanças e diferenças no que diz respeito à constituição dos domínios prosódicos. A autora afirma que “as características das estruturas prosódicas de cada variedade contribuem fortemente para que ocorram diferenças fonéticas que são, em última instância, o reflexo nos enunciados dessa organização fonológica”.

Para que se avance na compreensão das diferenças rítmicas entre o PB e o PE, a autora conclui também ser necessário levar em conta as relações não-lineares existentes entre os constituintes prosódicos. Partindo dessa ideia, no que diz respeito à relevância da estrutura prosódica, segundo Tenani (2002, p.295), a sua pesquisa contribui para com o debate o qual fortalece “a abordagem que postula a existência de uma estrutura que organiza hierarquicamente a cadeia fônica em constituintes fonológicos maiores do que a palavra”.

2.4.2 O ritmo

Nesta subseção, fazemos uma revisão teórica de diversos trabalhos sobre o ritmo, desde propostas que discutem as principais propriedades fonéticas e fonológicas para a discriminação rítmica das línguas em geral, até estudos mais específicos que abordam as possíveis diferenças de ritmo entre o PB e o PE. Apresentamos, também, os principais autores que começaram as pesquisas sobre tipologias rítmicas em âmbito mais geral e, em particular, autores brasileiros que direcionaram suas pesquisas para a discussão sobre o ritmo do PB.

Estudos sobre ritmo, em fonologia, são ainda relativamente polêmicos e controversos, principalmente, segundo Tenani (2002), os que pretendem discutir a classificação rítmica das línguas e as considerações de processos segmentais como evidências de classes rítmicas.

Tenani (2002, p.273-274) faz alguns questionamentos sobre “qual a relação entre a implementação de processos fonológicos e a organização rítmica de uma língua” e, também, sobre “qual o papel da organização silábica na definição do ritmo da língua”. Essas duas questões devem responder a uma pergunta mais geral: “o que deve ser considerado para se definir o ritmo linguístico?”.

Conforme a autora, os estudos sobre a tipologia rítmica das línguas, ora se apóiam em estudos fonéticos, ora em estudos fonológicos; todavia, os dois enfoques partem basicamente da tradicional dicotomia sobre as classes rítmicas: línguas de ritmo silábico e línguas de ritmo acentual.

Essa dicotomia, e consequente classificação das línguas em dois tipos de ritmo, surgiu com Pike (1945) e fundamenta-se na ideia de que elementos diferentes são recorrentes em intervalos regulares, estabelecendo, portanto, uma organização temporal. Segundo esse conceito, tem-se o ritmo silábico, quando a sílaba é o elemento recorrente, e o ritmo acentual, quando o elemento recorrente é o acento.

Seguindo essas definições, Abercrombie (1967) acrescenta aos estudos de ritmo a noção de isocronia, definindo as línguas de ritmo silábico como aquelas em que a recorrência periódica de movimento é fornecida pelo processo de produção de sílabas: os pulsos torácicos e, portanto, as sílabas recorrem a intervalos iguais de tempo – elas são *isócronas*. Enquanto as línguas de ritmo acentual, de acordo com essa mesma noção de isocronia, são definidas como aquelas em que a recorrência periódica de movimento é fornecida pelo processo de produção de acentos, os pulsos dos acentos e, portanto, as sílabas acentuadas são *isócronas*. Particularmente em relação ao ritmo do PB, ainda não existe consenso quanto à sua classificação; em contrapartida, o PE tem sido frequentemente classificado como uma língua de ritmo acentual.

Dentre os primeiros pesquisadores a tratar desse assunto, encontra-se Cagliari (1981), o qual, baseado na noção de isocronia, classificou inicialmente o PB como uma língua de ritmo acentual. Alguns anos depois, Cagliari e Abaurre (1986) realizaram “uma investigação instrumental das relações entre os padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro”. Os resultados analisados pelos autores levaram à conclusão da existência de certa flutuação rítmica entre os informantes da pesquisa, pois alguns falantes possuíam ritmo acentual, enquanto outros apresentavam ritmo silábico.

Major (1981), outro pesquisador do ritmo do português brasileiro, em seu primeiro trabalho, concluiu, após apresentar evidências instrumentais e fonológicas, que o PB apresentaria tendência ao ritmo acentual. Em seu segundo trabalho – Major (1985) –, o autor deixa mais clara a ideia de que a prosódia do português brasileiro é organizada em uma hierarquia rítmica que governa a fonologia da língua.

A análise de Major (1981) sustenta-se em cinco razões para considerar o PB como sendo de ritmo acentual, a saber:

(1) interstress durations are not directly proportional to the number of syllables; (2) many differences in interstress durations are not perceptible; (3) syllable duration is inversely proportional to the number of syllables in a word; (4) in casual speech unstressed syllables delete, which has the effect of equalizing the number of syllables in each stress group; and (5) shortening processes (of unstressed syllables), which reduce duration, have the effect of aiding stress-timing, i.e. “raising”, “monophthongization”, and “syllabicity shifts”. (MAJOR, 1981, p.350)

Os argumentos supracitados foram criticados por Barbosa (2000), para o qual as quatro primeiras razões apresentadas por Major (1981), para considerar o PB como de ritmo predominantemente acentual, não se justificam, pois são características rítmicas universais. A quinta razão é decorrente, segundo Barbosa (2000, p.380), “de conhecimento parcial da fonética do PB”. O autor ainda argumenta que Major (1981) não contempla, em sua análise, três questões relevantes: “(a) como decidir qual palavra está acentuada?; (b) a sílaba acentuada termina ou inicia o grupo?; (c) quais as fronteiras do grupo acentual: sílabas ou vogais acentuadas?”. Barbosa (2000, p.382), em sua crítica, analisa uma a uma as razões propostas por Major (1981) e conclui que “os trabalhos de autores brasileiros foram muito mais cuidadosos. Jamais afirmaram categoricamente o predomínio de um tipo rítmico em detrimento de outro”.

Outro estudo instrumental sobre o ritmo do PB é o de Moraes e Leite (1992). A partir de um trecho do *corpus* do Projeto “Gramática do Português Falado”, os autores mediram a duração de cada pé²² e relacionaram essa duração ao número de sílabas fonéticas e fonológicas pertencentes a ele. Para tanto, foram considerados dois pressupostos:

22. Os autores adotam para o pé a concepção de “pé-compasso”, ou seja, uma sílaba acentuada seguida de uma pausa ou mais sílabas não-acentuadas.

1. se o ritmo fosse puramente acentual, a duração dos pés – curtos, médios ou longos – seria a mesma e, conseqüentemente, a duração silábica maior nos curtos, “neutra” nos médios e menor nos longos;
2. se o ritmo fosse puramente silábico, a duração silábica seria sempre a mesma, e os pés curtos teriam a metade da duração dos médios, que, por sua vez, teriam a metade dos longos. A duração dos pés seria proporcional ao seu número de sílabas. (MORAES e LEITE 1992)

Esse estudo levou seus autores a concluir que possuíam ritmo acentual os pés curtos e alguns dos pés médios, ao passo que possuíam ritmo silábico o restante dos pés médios e os pés longos. Embora tenha sido esse um trabalho cuidadoso, Massini-Cagliari (1992) o considera passível de crítica, pois a análise do estudo fica prejudicada ao tomar como pressuposto a dicotomia ritmo silábico / ritmo acentual.

Partindo dos estudos descritos acima e questionando se o pé é mesmo uma unidade isócrona no Português Brasileiro, Massini-Cagliari (1992) propõe uma pesquisa na qual analisa um *corpus* de vinte enunciados, dividindo-os em pés e medindo suas durações. Uma das importantes conclusões a que chegou a autora foi que, se analisado estritamente por meio da noção de isocronia e de um ponto de vista físico, o *corpus* da pesquisa oferece evidências as quais classificariam o PB tanto como uma língua de ritmo acentual, quanto de ritmo silábico. Outra interessante conclusão, ainda com base na noção de isocronia, é a de que também podem ser encontradas evidências de que o PB não se encaixa em nenhum desses tipos de ritmo.

Sobre as diversas propostas de definição do ritmo do PB, Massini-Cagliari (1992, p.88) afirma que:

[...] só estudos integrados de fonética e fonologia serão capazes de apontar se há (ou não) e quais são as diferenças rítmicas entre línguas que, por intuição, os fonólogos sempre classificaram como rítmicamente diferentes. E, desta forma, se não forem abandonados termos como “ritmo silábico” e “ritmo acentual”, de uma coisa pode-se ter certeza: eles serão redefinidos.

Mais recentemente, Frota e Vigário (2000), ao estudarem o ritmo e a entoação do PB e do PE, afirmam existir duas diferenças fundamentais entre essas duas variedades, ambas ligadas ao ritmo. Quanto à primeira diferença, o PB seria caracterizado pela existência de acentos secundários, formando um padrão de

sílabas fortes e fracas; e o PE, pela não existência de acentos rítmicos, portanto, uma língua mono-acental. A segunda diferença diz respeito a investigações no âmbito da fonética e da fonologia que, segundo as autoras, são muito mais exploradas no PB do que no PE. Tomando-se como referência a dicotomia entre ritmo silábico e ritmo acental, os estudos desenvolvidos sobre o ritmo do PB concordam ao atribuir-lhe um ritmo misto; em contrapartida, os poucos trabalhos existentes sobre o tipo rítmico do PE classificam-no como uma língua de ritmo acental.

Em um de seus estudos, Frota, Vigário e Martins (2002), ao abordarem o problema das classes rítmicas, afirmam que a ideia de isocronia sustentava a abordagem tradicional do ritmo linguístico; no entanto, houve uma mudança no tratamento das classes rítmicas devido à isocronia nunca ter sido demonstrada. Segundo os autores, “as distinções rítmicas passam a ser concebidas não como um primitivo, mas um derivado resultante da presença e/ou ausência de um conjunto de propriedades fonológicas e fonéticas, num sistema linguístico particular” (cf. FROTA, VIGÁRIO e MARTINS, 2002). As propriedades fonológicas e fonéticas que mais se destacam são a variedade e a complexidade da estrutura silábica, a redução vocálica e o tipo de correlatos do acento. Com base nessas propriedades, os autores classificam as línguas como acentuais, silábicas e moraicas:

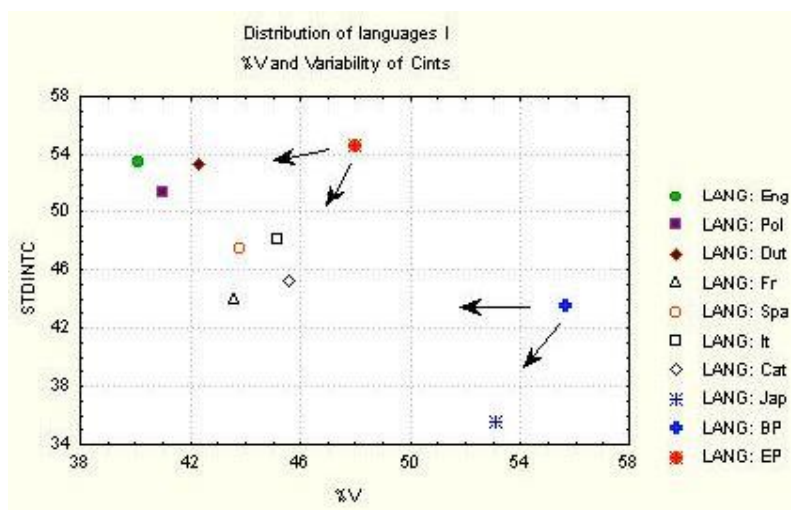
As línguas acentuais tendem a possuir uma estrutura silábica mais variável e complexa, a apresentar redução vocálica, bem como um efeito duracional do acento e uma dependência estrita entre acento e ancoragem de acentos tonais. Pelo contrário, as línguas silábicas apresentam tipicamente uma estrutura silábica menos variável e mais simples, não têm duração vocálica, o efeito duracional do acento é menor ou nulo e acento e entoação são mais independentes. Nas línguas moraicas, estas propriedades são ainda mais extremadas. (FROTA, VIGÁRIO e MARTINS, 2002).

Partindo-se dos pressupostos apresentados, dois fatores são considerados de extrema importância para o estudo das classes rítmicas: essa abordagem é experimentalmente testável e seus resultados proporcionam o questionamento acerca da possibilidade de as diferenças rítmicas serem graduais ou categóricas. Essa avaliação traz implicações para a noção de línguas de ritmo misto.

Frota, Vigário e Martins (2002), baseando-se nas propriedades fonológicas e fonéticas do PB e do PE, afirmam que é possível prever qual o sentido da sua diferenciação rítmica. O PB apresenta como principais propriedades: menos redução

vocálica, epêntese vocálica > simplificação silábica, contraste mais fraco 'σ / σ (sílabas tônicas e sílabas átonas, respectivamente) e maior independência entoação/acentuação. Diferentemente, o PE caracteriza-se por um sistema vocálico não acentuado reduzido, apagamento fonético de [i u] > grupos de Cs, contraste forte 'σ / σ e dependência entoação/acentuação. Essas propriedades apontam, segundo os autores, para um ritmo mais silábico no PB e um ritmo mais acentual no PE. Um estudo dos correlatos acústicos da diferenciação rítmica entre o PB e o PE elaborado pelos pesquisadores – no qual são analisados os intervalos consonânticos (EC) e os espaços vocálicos (%V), não só dessas duas variedades do português, mas também de outras oito línguas – confirma essas previsões, conforme se apresenta na Figura 1:

Figura 1- Distribuição do PE e do PB e outras 8 línguas no plano %V, DC



(retirada de Frota e Vigário 2001, Fig.8, p.264).

No entanto, conforme Frota, Vigário e Martins (2002)²³, a análise da figura 1 mostra outro interessante resultado. Diferentemente das demais línguas analisadas, especificamente no caso do PB e do PE, “os dois parâmetros acústicos apontam para classificações divergentes: um ritmo acentual (EC) e silábico (%V) no PE; um ritmo silábico (EC) e moraico (%V) no PB”. Esse resultado direciona para a ideia de

23. No referido texto de 2002, Frota, Vigário e Martins retomam e analisam a figura 1 que foi apresentada em outro texto dos mesmos autores, em 2001.

ritmos mistos tanto no PB, quanto no PE, sem levar em consideração a distinção entre classes rítmicas.

Dauer (1983), por meio de estudos comparativos entre línguas de ritmo acentual e línguas de ritmo silábico, concluiu que as diferenças de ritmo estão muito mais ligadas às diferenças de estrutura linguística, as quais não estão diretamente associadas a uma ou outra classe rítmica, rompendo, portanto, com a ideia de dicotomia proposta por Pike (1945).

Para Dauer (1983), as línguas não necessariamente devem ser categorizadas como sendo de ritmo silábico ou acentual. Essas duas classificações estariam cada uma delas na extremidade de um contínuo, possibilitando, assim, a existência de uma escala de classificação rítmica, na qual poderiam existir línguas que ocupassem posições intermediárias. Ramus *et alli* (1999) também acreditam na possibilidade de haver línguas que apresentam um ritmo misto, considerando a hipótese da existência de outras classes rítmicas, além das conhecidas originalmente.

No Brasil, Barbosa (2000) afirma que o PB tem uma tendência de ritmo silábico, mesmo que ocupe uma posição intermediária se for comparado com outras línguas de ritmo acentual e silábico. Apoiada nessa afirmação de Barbosa (2000) e utilizando-se de argumentos fonológicos, Bisol (2000b, p.404) apresenta a interpretação do PB como uma língua de ritmo misto, ou seja, “uma língua de ritmo acentual e silábico, com forte propensão para o último”.

Para fundamentar sua argumentação, Bisol (2000b) demonstra que a análise dos processos fonológicos salientam o papel do troqueu silábico como um dos elementos básicos do ritmo do PB. Os referidos processos são: a) redução e a queda da vogal em proparoxítonas (como *fósforo* [‘fosfru] e *abóbora* [a’bobra]); b) atribuição do acento primário e secundário; c) resultados de aplicação da haplologia; d) bloqueio da degeminação e da elisão.

Bisol defende a importância do troqueu silábico, pois existe uma tendência de implementação desse tipo de pé binário no PB, favorecendo a ideia de que essa variante do português é “uma língua de ritmo misto com forte componente de ritmo silábico” (BISOL, 2000b, p.412).

Em um estudo anterior, Abaurre-Gnerre (1981), também analisou os processos fonológicos como indicadores de padrões rítmicos. Segundo a autora, processos como a epêntese de [i] entre sequências consonânticas (*psicologia* [pisikolo'ʒia]) e a monotongação de *ou* (*pouco* ['poku]) favorecem o ritmo silábico.

Retornando aos questionamentos feitos por Tenani (2002, p.273-274), apresentados no início desta seção – “qual a relação entre a implementação de processos fonológicos e a organização rítmica de uma língua” e “qual o papel da organização silábica na definição do ritmo da língua” –, constatamos que a autora também se utiliza da análise de processos fonológicos para fazer uma reflexão sobre os padrões rítmicos do PB e do PE. A propriedade tomada como foco da análise é a estrutura silábica; para tanto, os processos fonológicos em questão são: a) vozeamento da fricativa (*arro[za]marelo*) e *tapping* (*açúca[ra]marelo*); b) degeminação (*laranj[a]marela*), elisão (*laranj[o]landes*) e ditongação (*pêsseg[wa]marelo*); c) haplologia (*faculda[dzj]nâmica*).

Tendo como foco possíveis relações entre processos fonológicos e organização rítmica do PB e do PE, Tenani (2002, p.288) conclui seu estudo afirmando que, “para se definir o ritmo linguístico, devem ser consideradas as relações hierárquicas entre os constituintes prosódicos, aos quais estão submetidos os processos fonológicos que afetam as sílabas”.

Abaurre e Galves (1998), ao partirem de uma abordagem otimalista²⁴ e minimalista²⁵, propõem um estudo sobre as diferenças rítmicas entre o PB e o PE, no qual discutem a relação entre tais diferenças e fenômenos de redução de vogais pretônicas em ambas as línguas. Essa questão, segundo as pesquisadoras, não pode ser discutida sem levar em conta a colocação do acento secundário.

24. A Teoria da Otimidade ou Otimalidade (PRINCE e SMOLENSKY, 1993) é um modelo de análise gramatical cujos objetivos principais são estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis da variação linguística entre as línguas naturais.

25. O Programa Minimalista de Chomsky (1995) propõe, segundo Abaurre e Galves (1998), a supressão dos níveis internos à própria gramática (Estrutura-D e Estrutura-S), mantendo somente LF (Forma Lógica) e PF (Forma Fonética), definidos como os níveis de interface com os sistemas de desempenho, respectivamente, o Sistema Conceptual-Intencional e o Sistema Articulatório-Perceptual.

O ganho das teorias de acento e ritmo, conforme Abaurre e Galves (1998, p.377), se deve ao fato de “que elas permitem atribuir aos princípios específicos da organização rítmica a origem de determinadas diferenças prosódicas entre sistemas linguísticos muito semelhantes”, em especial, sistemas como o PB e o PE. Essas teorias, partindo dos princípios específicos da organização rítmica, permitem também explicar “os processos que afetam unidades segmentais constitutivas dos itens lexicais e que contribuem para o incremento das diferenças percebidas entre os sistemas em comparação”.

Todavia, para as autoras, essas teorias não possibilitam uma análise de padrões rítmicos no domínio mais alto dos enunciados, visto que a análise do acento e do ritmo fica limitada aos domínios mais baixos da hierarquia prosódica, mais especificamente no domínio da palavra fonológica. Segundo as autoras, a variabilidade não pode ser deixada de lado, considerando-se uma visão mais abrangente da língua falada. Sob esse aspecto, o ritmo não pode ser considerado somente por seu contexto natural de implementação, ou seja, o texto oral, mas também deve ser considerado como fenômeno de performance, caracterizado pela variabilidade.

Ao assumir essa variabilidade, conforme Abaurre e Galves (1998, p.378), inerente ao fenômeno do ritmo linguístico, as autoras não assumem “uma ausência de relação entre padrões rítmicos e fenômenos definidos por princípios gramaticais categóricos”, pois sua análise comparativa do ritmo do PB e do PE, proposta em tal estudo, situa-se especificamente na “interface entre a gramática e o sistema de desempenho Articulatório-Perceptual (CHOMSKY, 1995)”.

Para comparar o ritmo do PB ao do PE, Abaurre e Galves (1998, p.379) usam como elementos de descrição a redução das pretônicas e o acento secundário. Em sua pesquisa, as autoras encontram dados que “evidenciam a redução das pretônicas como um fenômeno saliente do PE por oposição ao PB”, tomando-se como fonte um estilo mais lento de fala. Essa oposição é demonstrada por meio de gráficos, nos quais fica evidente a diferença na realização fonética de um mesmo enunciado lido por um locutor brasileiro e por um locutor português. No entanto, segundo Abaurre e Galves (1998, p.380), a pretônica inaudível em palavras do PE ocorre com bastante frequência e é, pois, um fenômeno amplamente conhecido. Portanto, no que concerne à redução das pretônicas, o que interessa às

autoras são dois aspectos menos conhecidos: “a relação desse fenômeno com a atribuição do acento secundário e com a existência de uma restrição sobre os contextos de ocorrência da redução”.

O acento secundário, que, para as autoras, também é um parâmetro diferencial entre o PB e o PE, é discutido no português em estudos que se restringem à consideração do fenômeno somente no domínio da palavra e, por vezes, das palavras compostas.

Para Abaurre e Galves (1998, p. 381), interessa particularmente a proposta apresentada por Carvalho (1989). Esse autor compara o PB ao PE e “procura explicar o comportamento das pretônicas em correlação com a atribuição do acento secundário”. Segundo essa proposta, a atribuição do acento secundário difere radicalmente do PB para o PE²⁶. Enquanto no PB o acento secundário segue de forma sistemática uma contagem binária, no PE, essa contagem obedeceria ao peso das sílabas. Como exemplo, o autor apresenta palavras que possuem três sílabas antes da tônica (as sílabas em negrito são as portadoras de acento secundário e as sublinhadas, as portadoras do acento primário), conforme (16):

(16)	PB	PE
	lav and ar <u>ia</u>	lav and ar <u>ia</u>
	vagabund <u>agem</u>	vagabund <u>agem</u>
	cav al ar <u>ia</u>	cav al ar <u>ia</u>

Nos exemplos “lavandaria” e vagabundagem”, a colocação do acento secundário é coincidente tanto em PB quanto em PE por causa da presença de uma sílaba pesada²⁷. Nessas duas palavras, o acento segue o ritmo binário, pois as três moras necessárias para a atribuição do acento secundário no PE são obtidas com apenas duas sílabas. No caso do exemplo “cavalaria”, devido à ausência de uma sílaba pesada, o acento secundário recai em sílabas diferentes. Para o PB, partindo

26. Diferentemente de outros autores, Carvalho (1989) parte do princípio de que existe acento secundário no PE. A diferença entre o PE e o PB está em como é implementado esse acento. Partilhamos dessa mesma ideia por uma questão de coerência com os pressupostos de Abaurre e Galves (1998), cuja proposta utilizaremos como fundamentação de nossas análises sobre o ritmo.

27. Para Carvalho (1989), são consideradas sílabas pesadas aquelas travadas por //, /r/, ou rimas nasais e ditongos.

da tônica, contam-se duas sílabas à esquerda; portanto, o acento secundário recai sobre a sílaba 'va'; enquanto, para o PE, contam-se três moras, fazendo com que o acento recaia sobre a sílaba 'ca'.

Abaurre e Galves (1998) encontram, no *corpus* de sua pesquisa, dados que reforçam a ideia de Carvalho (1989), no que diz respeito à atribuição do acento secundário em PB e em PE. No caso de palavras com três sílabas pretônicas leves, no PE, o acento secundário recai sobre a primeira; ao contrário do PB, em que o acento secundário é atribuído a duas sílabas antes do acento primário, conforme os exemplos em (17) (as sílabas em **negrito** são as portadoras de acento secundário e as sublinhadas, as portadoras do acento primário):

(17)	PB	PE
	comparativa	comparativa
	conhec<u>imento</u>	conhec<u>imento</u>
	classific<u>ar</u>	classific<u>ar</u>

Essa descrição de como se estabelece o acento secundário também coloca em evidência sua relação com a redução da pretônica existente no PE. Abaurre e Galves (1998, p.382) destacam, em relação às palavras que contêm três sílabas antes da tônica, que a acentuação inicial “é acompanhada, em todos os casos encontrados no *corpus*, de redução da sílaba seguinte. Por outro lado, as unidades rítmicas produzidas nessas palavras têm um acento inicial, contrariamente ao que acontece no PB.”

Quanto à redução das pretônicas e à integridade morfológica, Carvalho (1989) faz uma análise relacionada com o ritmo e considera que as sílabas pretônicas, que não se integram a um pé trocaico construído lexicalmente, façam parte de um grupo rítmico no nível pós-lexical. Para o autor, o PB e o PE são diferentes quanto à direcionalidade dessa integração: enquanto no PB essa integração aconteceria para a direita, na forma de próclise; no PE, seria para a esquerda, na forma de ênclise.

Para exemplificar a análise de Carvalho (1989), Abaurre e Galves (1998, p.384) apresentam dois enunciados iguais, obtidos na leitura de uma missa, nos quais as fronteiras de unidades rítmicas são representadas por //:

PB: Naquele // tempo // disse // Jesus

PE: Naquele // tempo // disse Je//sus

Para as autoras, a diferença na direcionalidade, proposta por Carvalho (1989), está acompanhada de uma outra: “as sílabas associadas à direita são integradas a um pé contido na mesma palavra, enquanto as sílabas associadas à esquerda são ritmicamente integradas à palavra precedente”. No PB, os grupos rítmicos correspondem às palavras, enquanto, no PE, a integridade da palavra não é respeitada, visto que ocorre o grupo //disseje//, conforme apresentado no exemplo acima. Essa questão da integridade da palavra é de fundamental importância para a análise das autoras:

Na realidade, a direcionalidade pode ser considerada como derivando da relevância das fronteiras de palavras na definição do ritmo, em PE e PB. Se a integração da sílaba pretônica se faz dentro das fronteiras da palavra, como parece ser o caso em PB, a direcionalidade define-se necessariamente para a direita. Se, por outro lado, ela não é limitada pelas fronteiras da palavra, como parece ocorrer em PE, é mais natural que a integração se dê para a esquerda, uma vez que, numa língua trocaica como o português, o núcleo acentual de um grupo rítmico se encontra à esquerda (ABAURRE e GALVES, 1998, p.384).

Com base na ideia de que “o ritmo consiste na interpretação, pelo sistema de desempenho articulatório-perceptual, da forma fonológica produzida pela gramática”, Abaurre e Galves (1998, p.385) propõem uma análise dos dados a partir da hipótese de que “princípios conflitantes atuam sobre essa interpretação, o ritmo de cada língua seria o resultado da hierarquização desses princípios, hierarquização esta que varia de língua para língua”.

Essa noção de hierarquização das restrições é adotada da Teoria da Otimalidade, mas, segundo as autoras, de forma particular, ou seja, o lugar onde tal hierarquização se aplica e o seu papel na construção da gramática como um todo são deslocados. Abaurre e Galves (1998, p.391) propõem que “a hierarquização das restrições, ou de princípios, intervém no nível da interpretação, feita pelos sistemas de desempenho, dessas representações produzidas pela gramática, que ainda são sub-especificadas em relação a sua efetiva realização”.

As autoras, para construírem a hierarquização das restrições em PE e PB, assumem que o acento primário é idêntico em ambas as variantes do português, por ser uma propriedade lexical das palavras. Sobre as diferenças rítmicas entre as duas variedades, Abaurre e Galves (1998, p.392) afirmam que elas “podem ser explicadas em termos da implementação do ritmo na interface PF, como resultado da interpretação pelo sistema de desempenho AP”.

A proposta das autoras é a de que o PE e o PB possuem comportamentos diferentes em relação aos fenômenos de redução vocálica e à atribuição do acento secundário, em decorrência da diferente hierarquização de três vínculos ou restrições, a saber, a integridade da palavra fonológica, a binariedade do pé e o pé trocaico²⁸.

Os resultados das análises evidenciaram, segundo Abaurre e Galves (1998, p.393), que, para o PE, “a restrição do pé trocaico é mais forte do que a da integridade da palavra fonológica”. Isso fica demonstrado nas palavras que possuem apenas uma sílaba antes do acento primário, a qual fica em posição de ênclise ao domínio de acento da palavra que está à sua esquerda, desconsiderando a fronteira de palavra. Essa evidência pode ser demonstrada retornando-se ao exemplo “Naquele // tempo // disse Je//sus”, no qual a formação do pé trocaico – //disse Je// – se sobrepõe, em importância, à integridade de fronteira da palavra.

Como evidência da ordem relativa entre a integridade da palavra e o pé binário em PE, tendo a primeira dessas duas restrições primazia sobre a segunda, as autoras trazem as palavras com três sílabas pretônicas, nas quais se observa que a redução vocálica ocorre geralmente na segunda sílaba e não na primeira, como em ca[t']goria ou, com menos frequência, na terceira sílaba, como em carac[t']rística. Acrescente-se a isso o fato de que o acento secundário é atribuído à primeira sílaba pretônica. Portanto, as autoras concluem que, em tais palavras, essa sílaba não sofre processo de encliticização ao domínio acentual à sua esquerda, através de uma junção de palavra. Logo, para o PE, a hierarquia de restrições proposta por Abaurre e Galves (1998, p.393) apresenta-se como:

28. Segundo as autoras, a restrição “pé trocaico” não leva em conta o número de sílabas. Refere-se apenas à localização da cabeça do pé à esquerda. Dessa forma, fazem parte dessa família de pés fonéticos os dátilos – uma sílaba forte e duas fracas – e, levando-se ao extremo, também podem ser considerados como parte dessa família os pés degenerados – com uma sílaba apenas – que resultaram de processos de redução silábica.

1. pé trocaico
2. integridade da palavra fonológica
3. binariedade do pé

Diferentemente do PE, de acordo com Abaurre e Galves (1998, p.393), a integridade da palavra fonológica, no PB, aparece como restrição mais forte do que a do pé trocaico, pois, “nas palavras em que ocorre apenas uma sílaba pretônica, esta sílaba vem interpretada como formando um agrupamento rítmico com o pé seguinte, portador do acento primário”.

Para a demonstração de evidências entre o pé binário e o pé trocaico, novamente as autoras apresentam os vocábulos com três sílabas pretônicas, uma vez que, nesse grupo de palavras, o acento secundário é atribuído, em geral, à segunda sílaba à esquerda do acento primário. Esse fato decorre da precedência do pé binário sobre o pé trocaico. Consequentemente, a hierarquia proposta por Abaurre e Galves (1998, p.394) para o PB apresenta-se como:

1. integridade da palavra fonológica
2. binariedade do pé
3. pé trocaico

As autoras observam que a posição do pé trocaico na hierarquia – em primeiro lugar no PE e em último no PB – é o que diferencia as duas variedades do português, visto que em ambas a integridade da palavra fonológica tem precedência sobre a binariedade do pé. Portanto, “o ritmo em PE é baseado no troqueu, enquanto o ritmo brasileiro se constrói respeitando antes de mais nada as fronteiras de palavras fonológicas” (ABAURRE E GALVES, 1998, p.394).

Como foi possível observar ao longo deste capítulo, e reafirmando o que dissemos no início, acerca da natureza relativamente polêmica e controversa do ritmo, muitas possibilidades se abrem para os estudos que discutem, em fonologia, a classificação rítmica das línguas. Pretendemos inserir nossa pesquisa dentre essas possibilidades, de modo a contribuir, por meio de argumentos sustentados em dados de escrita, para com essa discussão.

Embora todas as pesquisas recém apresentadas possam ser retomadas em algum momento da análise ou mesmo da discussão teórica do nosso trabalho, interessar-nos-á, particularmente, as propostas de alguns autores, quais sejam: Abaurre-Gnerre (1981), Bisol (1996a,c), Tenani (2002), ao fazerem referência a processos fonológicos como indicadores de padrões rítmicos do PB e do PE; Collischonn (1994, 1996) ao propor um algoritmo para implementação do acento secundário no português; Bisol (2000b), ao tratar da importância do troqueu silábico como um dos elementos básicos do ritmo do PB, e Abaurre e Galves (1998), ao proporem uma hierarquia de restrições de alguns constituintes prosódicos, como diferença entre o ritmo do PB e do PE.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Descrição geral da metodologia

Com base em Cunha (2004), textos de escrita inicial produzidos por crianças revelam dados de segmentações não-convencionais da escrita – hipo, hipersegmentações e híbridos – extremamente diversificados, fato que nos fez direcionar esta pesquisa para uma análise de cunho qualitativo. Não buscamos, com a análise aqui proposta, fazer amplas generalizações a respeito dos dados estudados, mas acreditamos que algumas tendências poderão ser indicadas nos processos a serem descritos e analisados nos capítulos que seguem.

Esta pesquisa é, portanto, de cunho primordialmente qualitativo e apresenta características como: a) ser descritiva, “ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa”; b) dar prioridade ao processo, sendo esse mais importante do que os resultados ou o produto; c) ser uma pesquisa “aberta”, na medida em que o pesquisador deve estar atento a todo tipo de acontecimento durante o processo da pesquisa, para não pensar que já “sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação”. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.47-51).

Devido ao grande número de material coletado, achamos relevante que fossem apresentados gráficos indicativos da proporcionalidade de ocorrências dos dados nas duas variedades do português. Os gráficos foram obtidos por meio de contagem simples e transformados em números percentuais. Esse enfoque quantitativo mostrou-se importante uma vez que nos possibilitou fazer a comparação entre os dados gerais e particulares (separados em categorias) do PB e do PE, proporcionando-nos, assim, uma visão mais abrangente dos fenômenos de segmentação não-convencional da escrita no português.

Dessa forma, este estudo alinha-se à tendência de um paradigma metodológico que busca atender à necessidade dos pesquisadores. Por conseguinte, embora seja esta uma pesquisa qualitativa, não excluimos o necessário olhar quantitativo para um tratamento diferenciado dos dados, pois entendemos que, apesar da oposição entre as duas abordagens (quantitativa X qualitativa), o ideal seja o agrupamento de aspectos de ambas as perspectivas, quando assim se faz necessário para o melhor desenvolvimento da pesquisa. Apoiamo-nos, para percorrer tais pressupostos metodológicos, em autores como Demo (1995, p.231), quando diz que, “embora metodologias alternativas facilmente se unilateralizem na qualidade política, destruindo-a em consequência, é importante lembrar que uma não é maior, nem melhor que a outra. Ambas são da mesma importância metodológica”.

Nesse sentido, buscamos um olhar atento sobre dados singulares²⁹, na medida em que podem ser reveladores das hipóteses com que a criança trabalha enquanto se relaciona com seu objeto de conhecimento, neste caso específico, a escrita. Segundo Abaurre (1999), a singularidade do dado pode nos conduzir a *insights* preciosos. Buscamos, também, os dados recorrentes, os quais nos permitem algumas generalizações do processo. Acreditamos, por meio desse olhar atento e aberto, encontrar pistas relevantes sobre o funcionamento da aquisição da escrita e de sua relação com a fonologia, em particular, com a fonologia prosódica e, mais especificamente ainda, com as questões do ritmo em ambas as variedades do português.

3.2 Os sujeitos

Os sujeitos cujas produções escritas serão analisadas dividem-se em dois grupos: os que são falantes nativos do português brasileiro e os que são falantes nativos do português europeu.

29. Ginzburg (1986), em seu artigo *Sinais – Raízes de um Paradigma Indiciário*, discute o estatuto teórico dos dados singulares nas Ciências Humanas, cujo modelo fundamenta-se no detalhe, no resíduo, no episódico, no singular. Sem desconsiderar as descobertas das regularidades que estão subjacentes aos fenômenos superficiais, o paradigma indiciário chega até essas regularidades por meio da análise de *sinais* e *indícios*, com base no pressuposto de que a realidade é opaca.

Sujeitos brasileiros: crianças com idades entre 6 e 12 anos que produziram os textos que compõem o Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPeI). Quando da coleta dos dados, essas crianças cursavam as quatro primeiras séries do ensino fundamental de duas escolas de Pelotas/RS, uma pública e outra particular³⁰.

Sujeitos portugueses: crianças entre 6 e 9 anos que cursavam, à época das coletas de textos, as três primeiras séries do ensino básico³¹ de dez escolas públicas³² de cidades adjacentes ao Porto/PT.

Os sujeitos não aparecerão identificados de forma individual, visto que nosso foco está nos dados fornecidos pelas crianças brasileiras e portuguesas, sendo relevante à pesquisa somente as diferenças e/ou similaridades produzidas por esses dois grupos.

3.3 Os dados

Os dados de segmentação não-convencional dos sujeitos brasileiros foram extraídos de produções textuais pertencentes ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPeI)³³, cujo material proporciona investigações sobre a aquisição e o desenvolvimento da ortografia nos textos de crianças de 1ª a 4ª série do ensino fundamental de duas escolas, uma pública e outra particular, da cidade de Pelotas

30. Foi verificado, de maneira geral, através de fichas sócio-econômicas fornecidas pelas escolas, o grau de escolaridade dos pais das crianças das duas escolas. Constatou-se que os pais das crianças da escola pública possuem uma escolaridade de nível fundamental incompleto, enquanto os pais das crianças da escola particular possuem nível médio completo ou superior.

31. De acordo com informações obtidas no site www.dgidec.min-edu.pt em 27/07/2007 e, também, através de informações fornecidas por professores da rede pública de Portugal, pudemos constatar que o sistema de Ensino Básico daquele país se compara ao sistema de Ensino Fundamental brasileiro, principalmente no que concerne às séries iniciais, período em foco para esta pesquisa.

32. Embora não tenha sido possível verificar, de maneira formal, o nível sócio-econômico das crianças portuguesas, pudemos constatar, por meio de informações fornecidas pelas diretoras e professores das escolas que nossos sujeitos portugueses possuem um nível sócio-econômico intermediário em relação às crianças brasileiras da escola pública e da particular.

33. Esse Banco de Textos foi criado por meio de uma pesquisa apoiada pelo CNPq (processo nº 400882/2008-6).

(RS/Brasil)³⁴. Esse Banco é composto por aproximadamente 2000 textos, coletados no período de 2001 a 2004.

Com vistas à obtenção de textos criativos e o mais espontâneos possíveis, foram utilizadas Oficinas de Produção Textual como metodologia de coleta dos dados. Essas atividades foram aplicadas por alunas bolsistas, devidamente preparadas, que integram o nosso projeto de pesquisa. A seguir, apresentamos dois exemplos dessas oficinas:

Oficina 1: Texto construído a partir de uma História em Quadrinhos, sem legendas, entregue desmontada à criança. Após a montagem, os alunos escrevem a história.

Oficina 2: Texto escrito após a narração, ilustrada por imagens, de um conto de fadas (“atividade de aquecimento”). Após a narração, os alunos reescrevem o conto com o auxílio da visualização das imagens.

Os dados de segmentação não-convencional dos sujeitos portugueses foram coletados da mesma forma, ou seja, as crianças produziram textos, partindo de Oficinas de Produção Textual.

Devido ao pouco tempo disponível para cada sessão de coleta, optamos pelo modelo da *oficina 2*, história da Chapeuzinho Vermelho ou Capuchinho Vermelho, como se diz em Portugal. Acreditamos ser esse um conto de fadas conhecido de quase todas as crianças, o que facilitou a “atividade de aquecimento” para a produção escrita.

As coletas de textos³⁵ foram realizadas em dois momentos distintos devido ao período escolar em Portugal e ao período de permanência da pesquisadora

34. Para esta pesquisa, computamos os dados da escola pública e da escola particular como pertencentes a um único *corpus*, visto que é do nosso interesse, neste momento, apenas o processo de segmentação em si mesmo, sem nenhuma pretensão em analisar dados comparativos entre uma ou outra escola (pública e particular).

35. Vale ressaltar que não havia, em Portugal, um banco de textos compatível com o banco brasileiro já mencionado, portanto, vimo-nos na necessidade de criá-lo. Esse trabalho de coletas, realizado pela própria pesquisadora, foi viabilizado com o apoio da CAPES, por meio de uma bolsa para Estágio de Doutorado PDEE, que se realizou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), no período de maio a novembro de 2009.

naquele país. As primeiras coletas aconteceram no mês de junho de 2009 (final do ano letivo 2008/2009), em três turmas de 1º ano e três turmas de 2º ano, em apenas uma escola da Maia³⁶. As demais coletas ocorreram no mês de outubro de 2009 (início do ano letivo 2009/2010), em três escolas³⁷ da Maia e seis escolas de Valongo³⁸. Nesse segundo período, foram coletados dados em quinze turmas de 2º ano e dezesseis turmas de 3º ano.

O banco de dados portugueses conta com um total aproximado de 800 textos e passará a integrar o Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPeI). É importante ressaltarmos que não era nosso objetivo criar um banco de textos em Portugal do mesmo tamanho que o existente no Brasil, uma vez que o período de estágio naquele país não seria suficiente para tal empreendimento.

Devido ao curto espaço de tempo para a realização das coletas, fundamentamo-nos em Cunha (2004), cuja pesquisa aponta para um maior número de ocorrências de segmentação não-convencional nas duas primeiras séries do ensino fundamental, e justificamos nossa escolha por coletar dados especialmente no 1º, 2º e 3º ano. Na verdade, essa escolha tem ainda outra justificativa, relacionada à época do ano em que fizemos as coletas. Em junho, final do ano letivo, coletamos dados de 1º e 2º ano e, em outubro, início do ano letivo, coletamos dados de 2º e 3º ano. Portanto, as crianças integrantes do 2º ano (segunda coleta) correspondiam mais ou menos ao mesmo adiantamento das crianças do 1º ano (primeira coleta), da mesma forma que as do 3º ano (segunda coleta) correspondiam às do 2º ano (primeira coleta). Concluímos que os três níveis citados (1º, 2º e 3º ano), se analisados pelo adiantamento das crianças, podem ser considerados como apenas dois, especificamente aos que correspondem à fase de maior número de ocorrências de hipo e hipersegmentações nos textos infantis (cf. CUNHA, 2004).

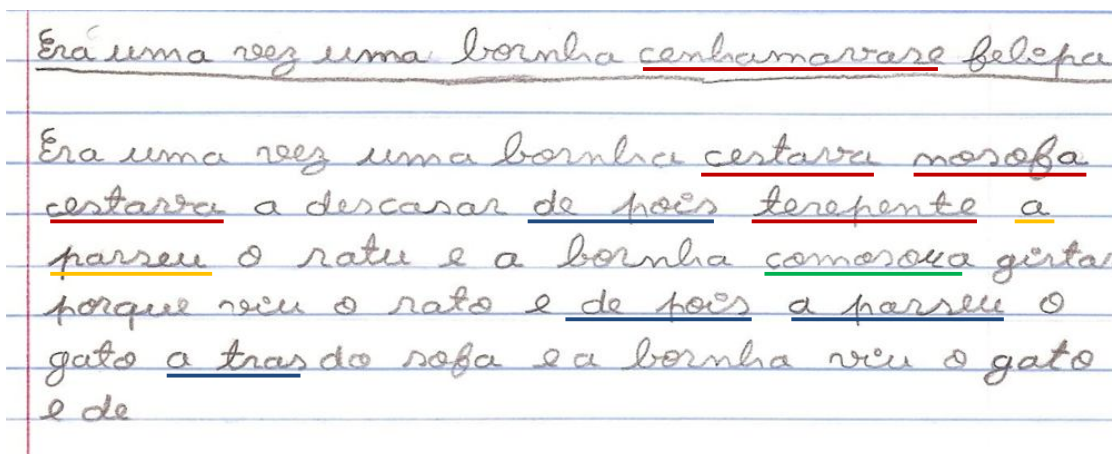
36. EB1JI Cidade Jardim, localizada na Maia, uma cidade situada no Distrito do Porto, região Norte e subregião do Grande Porto.

37. EB1JI da Maia / EB1JI de Currais / EB1JI D. Manoel I.

38. EB1JI 1º de Maio / EB1JI Boavista / EB1JI Calvário / EB1JI Lagueirões / EB1JI Ilha / EB1JI Susão. Essas escolas situam-se em Valongo, cidade localizada na Grande Área Metropolitana do Porto.

A seguir, na Figura 2, apresentamos, como exemplo, a reprodução de um dos textos do Banco³⁹, escrito por uma criança portuguesa do 3º ano, e explicamos de que forma analisamos a grafia para determinar o que consideramos como segmentação não-convencional. As grafias infantis são extremamente variadas e, muitas vezes, um pouco confusas, o que nos obriga a ter, para cada texto, um olhar cuidadoso.

Figura 2⁴⁰
Exemplo de texto



Como podemos observar, na figura 2, foram selecionadas como segmentações não-convencionais do texto as estruturas que, de acordo com o tipo de traçado de letra da criança, estejam claramente definidas como juntas (no caso das hipossegmentações, sublinhadas em vermelho) ou separadas (no caso das hipersegmentações, marcadas em azul). A estrutura marcada em verde não foi considerada como hipossegmentação porque, devido ao traçado das letras, parece-nos que o “u” foi inserido após à escrita da sequência *comoso a*. A primeira ocorrência da palavra “apareceu” (sublinhada em amarelo), embora esteja separada por uma translineação, pode ser considerada como uma hipersegmentação devido a

39. Optamos por transcrever os dados, em lugar de apresentá-los na forma digitalizada, devido à grande quantidade de textos que utilizamos. Digitalizá-los, mesmo que recortados, transformaria esta pesquisa em um documento muito extenso. Todo o material analisado encontra-se disponível no Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPEl).

40. Proposta de leitura: *Era uma vez uma bruxa que chamava-se Felipa / Era uma vez uma bruxa que estava no sofá / que estava a descansar depois de repente a- / pareceu o rato e a bruxa começou a gritar / porque viu o rato e depois apareceu o / gato atrás do sofá e a bruxa viu o gato / e de...*

dois aspectos: primeiro porque não há hífen no final da linha e, principalmente, porque a palavra se repete na linha seguinte, só que dessa vez grafada com a mesma inserção de espaço.

3.4 Categorias e aspectos linguísticos

Todos os dados desta pesquisa foram inicialmente separados em três categorias: “hipossegmentação”, “hipersegmentação” e “híbridos”. Seguindo nossa proposta em Cunha (2004), dividimos, para fins de análise, as duas primeiras categorias de acordo com a variável “tipo de palavra”. Essa nova divisão gerou subcategorias, organizadas conforme a posição que a “palavra gramatical”⁴¹ ou a “palavra fonológica”⁴² ocupam na estrutura analisada.

Em Cunha (2004), apresentamos quatro subcategorias de análise, a saber, “palavra gramatical + palavra fonológica” (PG+PF), “palavra fonológica + palavra gramatical” (PF+PG), “palavra gramatical + palavra gramatical” (PG+PG) e “palavra fonológica + palavra fonológica” (PF+PF). Para nossa proposta atual, mantivemos essas quatro subcategorias para a análise das hipersegmentações. No entanto, acrescentamos uma quinta subcategoria para a análise dos dados de hipossegmentação, qual seja, “+ de duas palavras”. Embora se enquadrem nas quatro primeiras subcategorias, os híbridos não foram assim divididos porque acreditamos exigirem um tratamento diferenciado.

Depois de dividirmos os dados, analisamos separadamente cada uma das três categorias com suas respectivas subcategorias, levando em conta aspectos linguísticos como “constituintes prosódicos”, “processos fonológicos” e “acento”.

41. Em Cunha (2004), consideramos como “palavra gramatical” aquela que abrange segmentos os quais possuem apenas significado gramatical, como, por exemplo, os clíticos.

42. A “palavra fonológica”, de acordo com nossa proposta em Cunha (2004), abrange não somente a palavra lexical (que possui significado), como vai mais além, compreendendo todas as estruturas que possuem acento primário e que, mesmo sem um significado conhecido na língua, são candidatas potenciais para se tornarem palavra.

3.4.1 Categorias

3.4.1.1 Hipossegmentações

Consideraremos como hipossegmentações as ocorrências que apresentam falta de espaço entre fronteiras vocabulares. Em Cunha (2004), apresentamos duas tendências predominantes para dados do PB: a junção entre uma “palavra gramatical” e uma “palavra fonológica”, como, por exemplo, em ‘olobo’ e ‘tecomer’; e a junção entre duas “palavras fonológicas”, como em ‘chicobento’ e ‘muitolongo’.

Embora esses dois tipos de hipossegmentações (PG+PF e PF+PF) sejam os mais numerosos no PB, observamos também a presença de outros dois: junção entre uma “palavra fonológica” e uma “palavra gramatical”, como em ‘chamavase’ e ‘matalo’; e a junção entre duas “palavras gramaticais”, como em ‘eos’ e ‘praque’, sendo os dados desse último tipo raríssimos no *corpus* analisado (cf. CUNHA, 2004).

Para a análise dos casos de hipossegmentação, criamos uma quinta subcategoria: “+ de duas palavras”. Esses dados não aparecem em grande número; no entanto, são reveladores da presença, na escrita, dos constituintes mais altos da hierarquia prosódica, a saber, frase fonológica, frase entonacional e enunciado.

3.4.1.2 Hipersegmentações

Nas hipersegmentações – ocorrências que apresentam a inserção de espaços no interior da palavra –, descrevemos, em Cunha (2004), duas tendências como predominantes no PB: a primeira refere-se à separação de uma palavra em duas – uma “palavra gramatical” e uma “palavra fonológica” –, como em ‘a trasado’, ‘em bora’ e ‘com versando’; a segunda, à separação de uma palavra em duas “palavras fonológicas”, como em ‘mau tratados’, ‘ter minar’ e ‘chapeu zinho’.

Dados que apresentam a hipersegmentação de uma palavra em uma “palavra fonológica” e uma “palavra gramatical”, como em ‘correm do’, e uma palavra em duas “palavras gramaticais”, como em ‘por que’, consideramos como exceções no *corpus* analisado, visto que apenas quatro ocorrências foram encontradas em PB (cf. CUNHA, 2004).

3.4.1.3 Híbridos

Conforme apresentamos em Cunha (2004), os híbridos são dados que mostram hipo e hipersegmentação em uma mesma estrutura, como em *quem fim* e *pofa vor*, para “que enfim” e “por favor”, respectivamente.

Embora apareça em número bastante reduzido nos dados do PB, esse tipo de segmentação não-convencional da escrita é relevante pelo fato de apresentar, em alguns casos, características diferentes dos dados isolados de hipo e hipersegmentação e, em outros, confirmar processos já demonstrados nas análises desses dois grupos citados (cf. CUNHA, 2004).

3.4.2 Aspectos linguísticos

3.4.2.1 Constituintes prosódicos⁴³

Consideramos esse aspecto linguístico relevante para a análise dos dados das três categorias (hipossegmentação, hipersegmentação e híbridos). Partindo da análise que fizemos em Cunha (2004), podemos afirmar que, em dados de escrita do PB, os constituintes prosódicos, entre outros fatores, exercem influência sobre os processos de segmentações não-convencionais.

Bisol (2000b, p.404), a partir da concepção de que o PB seja “uma língua de ritmo acentual e silábico, com forte propensão para o último”, analisa o constituinte prosódico – pé métrico –, em especial o troqueu silábico, e propõe argumentos que salientam o papel desse constituinte no sistema fonológico. Em sua proposta, a autora analisa a redução vocálica, o acento, a haplogia, a degeminação e a elisão.

3.4.2.2 Processos fonológicos

Esse aspecto linguístico foi analisado apenas nos dados de hipossegmentação e nos híbridos devido ao fato de a junção entre duas fronteiras vocabulares propiciarem contextos favoráveis à aplicação de processos fonológicos.

43. Dados mais detalhados sobre as relações entre hipo e hipersegmentações e constituintes prosódicos como elementos motivadores dessas segmentações não-convencionais, podem ser obtidos em Cunha (2004).

Interessam-nos, particularmente, os seguintes processos: vozeamento da fricativa, *tapping* e haplologia (cf. TENANI, 2002); degeminação, elisão e ditongação (cf. BISOL, 1996a,c e TENANI, 2002); monotongação e epêntese (cf. ABAURRE-GNERRE, 1981). Essa escolha se deve por estarem todos relacionados à reestruturação silábica das palavras. Segundo Dauer (1983), a estrutura silábica é uma das três propriedades fonéticas e fonológicas que caracterizam o ritmo linguístico.

3.4.2.3 Acento

Consideramos relevante esse aspecto linguístico na análise dos dados de hipossegmentação, hipersegmentação e híbridos, devido ao fato de o acento, em especial o secundário, ser um elemento importante para determinação do ritmo de uma língua.

Quanto ao acento primário no português, Bisol (2000b) ressalta que, mesmo em outras análises de diferentes teóricos, o troqueu silábico é percebido como um dos elementos básicos da língua. Em se tratando do ritmo de uma língua, o acento secundário, conforme a autora, parece ser o elemento importante. Para analisar o acento secundário, usaremos como fundamentação Collischonn (1994) e, para analisar as diferenças do acento entre o PB e o PE, Abaurre e Galves (1998).

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Apresentaremos, neste capítulo, a descrição e a análise dos dados de segmentações não-convencionais – hipossegmentações, hipersegmentações e híbridos – encontrados em textos de crianças brasileiras e portuguesas em fase de aquisição da escrita. Buscamos, com as análises propostas, verificar a possibilidade do estabelecimento de relação entre esses dados de escrita e três aspectos linguísticos estudados pela fonologia, a saber, os constituintes prosódicos, os processos fonológicos e o acento. Para tanto, o presente capítulo está dividido em três seções principais: i) segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos; ii) evidências, na escrita, de processos fonológicos já descritos em estudos sobre a fala; iii) influência do acento prosódico nas segmentações não-convencionais da escrita. Pretendemos discutir, a partir dessas análises, as possíveis evidências da organização rítmica do PB e do PE.

4.1 Segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos

Nesta seção, pretendemos atender aos dois primeiros objetivos específicos desta tese: a) descrever e analisar processos de segmentações não-convencionais encontrados em textos das séries iniciais, produzidos por crianças portuguesas, à luz da teoria dos constituintes prosódicos e b) comparar os resultados das análises dos dados encontrados nos textos das crianças portuguesas com os resultados encontrados em Cunha (2004)⁴⁴, acrescidos de novos dados do Banco de Textos de

44. Em Cunha (2004), analisamos as produções textuais de dez crianças, perfazendo um total de 74 textos.

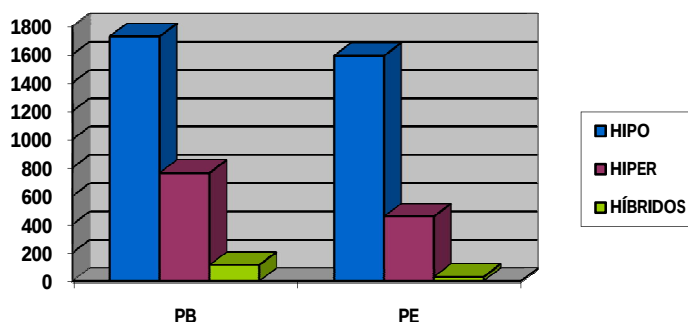
Aquisição da Escrita (FaE-UFPe) sobre ocorrências de segmentações não-convencionais.

Não pretendemos, nesta seção, fazer uma descrição detalhada dos dados do PB, uma vez que esse foi o objetivo da pesquisa que realizamos em Cunha (2004). No entanto, como ressaltamos no objetivo (b), citado no parágrafo anterior, integram este estudo, além dos dados analisados em Cunha (2004), as demais produções que compõem o Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPe), perfazendo um total aproximado de 2000 textos. Portanto, os dados do PB aparecerão na medida em que se tornarem necessários para a análise comparativa entre as duas variedades do português.

4.1.1 Uma visão geral dos dados no PB e no PE

Conforme podemos observar no Gráfico A, apresentado a seguir, existe uma distribuição relativamente semelhante para as três categorias de dados – hipossegmentações, hipersegmentações, híbridos – tanto no PB quanto no PE.

Gráfico A
Segmentações não-convencionais no PB e no PE



Os dados de hipossegmentação, de acordo com o que vemos no Gráfico A, aparecem em maior número que os demais tipos de dados. Entretanto, interessamos, particularmente, analisar a maneira como os dados estão proporcionalmente distribuídos, uma vez que não podemos fazer comparações quantitativas diretas, já que temos número de textos e quantidade total de erros diferentes no PB e no PE. Logo, mostramos, por meio dos Gráficos B e C, como se distribuem cada uma das três categorias, em termos percentuais, em relação ao total de seus *corpora*.

Gráfico B

Distribuição percentual dos dados do PB

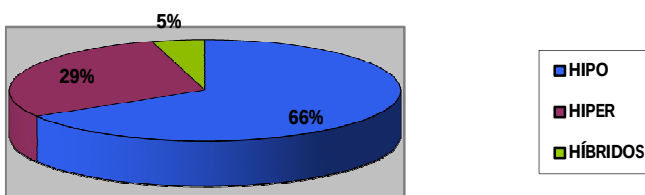
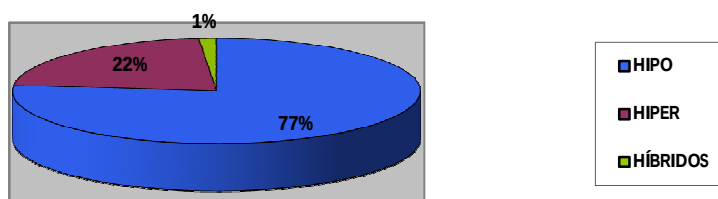


Gráfico C

Distribuição percentual dos dados do PE



Por intermédio desses dois gráficos, constatamos que a proporcionalidade entre as ocorrências das três categorias de dados é muito próxima, havendo uma superioridade visível de hipossegmentações, assim como já havíamos mostrado no Gráfico A. Em ambas as variedades do português, esse resultado nos permite confirmar a hipótese, já sustentada por estudos como os de Abaurre (1987), Ferreiro e Pontecorvo (1996), Kato (2001) e Cagliari (2002), de que, no início do processo de aquisição da escrita, a criança parece partir da compreensão de unidades linguísticas maiores e de que, com a escolarização, os limites das palavras passam por reajustes. Essa ideia é reforçada pela existência dos textos nos quais as crianças escrevem de forma totalmente hipossegmentada⁴⁵, rompendo um contínuo de escrita apenas quando trocam a linha. A tendência por maior quantidade de hipossegmentações parece ser um processo independente da variedade linguística a que a criança está exposta, apresentando-se como inerente ao processo em si, uma vez que, mesmo os *corpora* tendo um total numericamente diferente de dados, sua relação percentual assemelha-se.

4.1.2 Os dados do PE

Com base nas subcategorias criadas por Cunha (2004)⁴⁶ para a análise dos dados do PB, temos alguns exemplos⁴⁷ para os casos de segmentação não-convencional do PE, conforme apresentados no Quadro A.

45. Esse tipo de texto, embora apareça em quantidade razoável em ambos os *corpora*, não será por ora analisado, pois acreditamos que mereça um estudo mais específico.

46. Vale lembrar, conforme está posto na metodologia desta pesquisa, o acréscimo, à proposta original de Cunha (2004), de uma categoria – *híbridos* – e de uma subcategoria, a saber, + *de duas palavras* para as hipossegmentações (cf. CUNHA, 2010).

47. Ressaltamos que o Quadro A tem como objetivo exemplificar os tipos de dados que analisaremos e a distribuição das categorias em subcategorias. Certamente, não comportaria colocarmos nesse espaço todos os dados analisados na tese.

Quadro A – Dados de segmentação não-convencional do PE

	hipossegmentações	hipersegmentações	híbridos⁴⁸
PG + PF	aporta – aseguir – olobo – derepente	a quele – em coanto (<i>enquanto</i>) – ou tra – com tigo	por quéque (<i>porque é que</i>)
PF + PG	comeua – apanhala – garrafade – parate	chama-da – tive-se – dissen-do – pode-se	as pera (<i>a espera</i>)
PG + PG	doque – oce (<i>o que</i>) – quese – quelhe	di se – de se (<i>disse</i>) – a qui – de la (<i>dela</i>)	pora cela (<i>por aquela</i>)
PF + PF	lobomáu – taogerandes (<i>tão grandes</i>) – podemterar (<i>pode entrar</i>) – teicoidado (<i>tem cuidado</i>)	bola chinhas – capo chinho – entre tanto – despis tou	escom deuce (<i>escondeu-se</i>)
+ DE DUAS PALAVRAS	cesepasa (<i>que se passa</i>) entroacapuchinho (<i>entrou a capuchinho</i>) paraondevais (<i>para onde vais</i>) comoquetchamas		

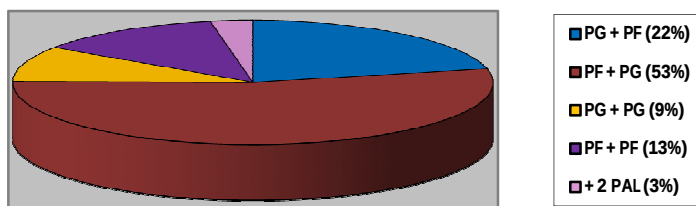
Ao analisar o Quadro A, podemos observar que, quanto à qualidade, os dados do PE encaixam-se perfeitamente em todas as subcategorias de análise criadas por Cunha (2004, 2010) para o estudo dos dados do PB. Os constituintes prosódicos envolvidos nos processos de segmentação não-convencional do PE parecem ser basicamente os mesmos do PB. A seguir, olharemos mais detalhadamente os dados de segmentação não-convencional do PE.

4.1.2.1 As hipossegmentações

Quanto à proporcionalidade de palavras hipossegmentadas no *corpus* analisado, a distribuição dessas segmentações não-convencionais apresenta-se conforme mostramos no Gráfico D:

48. Embora os *híbridos* possam ser igualmente divididos em subcategorias, devido à pouca quantidade de dados desse tipo e por acreditarmos que essa subcategorização não seria relevante para a análise, optamos por mantê-los como uma categoria única, sem divisões.

Gráfico D
Subcategorias dos dados de hipossegmentação do PE



Como podemos observar por meio do Gráfico D, as duas subcategorias que apresentam maior número de ocorrências são, na ordem, as hipossegmentações que juntam uma palavra fonológica a uma palavra gramatical (53%) e as que juntam uma palavra gramatical a uma palavra fonológica (22%).

A motivação para as crianças terem associado o clítico à palavra de conteúdo, independente da direção em que isso acontece, parece-nos, inicialmente, ser a mesma já verificada nos dados do PB, a saber, o não reconhecimento de segmentos de uma ou duas letras como palavra.

A seguir, começamos a descrição e a análise dos dados pela subcategoria mais abrangente. Na sequência, apresentaremos as demais subcategorias, conforme a sua ordem de frequência.

a) palavra fonológica + palavra gramatical (PF+PG)

Apresentamos, em (1), dados significativos dessa subcategoria os quais fazem parte do *corpus* do PE.

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| (1) a. comeua (<i>comeu-a</i>) | b. garrafade (<i>garrafa de</i>) |
| apanhala (<i>apanhá-la</i>) | parate (<i>para te</i>) |
| chamome (<i>chamo-me</i>) | |

Nos dados apresentados em (1.a), temos a ocorrência de pronomes associados ao verbo em posição enclítica, forma preferencial de uso no falar do PE. Prosodicamente, mesmo que a palavra gramatical seja associada à posição postônica, em nenhum dos casos essas hipossegmentações infringem a regra das três janelas para o acento principal no português, ou seja, quando o clítico é unido à palavra de conteúdo ou forma pés binários, como em *apanhala* (paroxítona), ou forma, no máximo, pés ternários, como em *chamome* (proparoxítona). Esses dados parecem ter como motivação o efeito de direcionalidade (cf. CARVALHO, 1989), cuja consequência, no PE, é a integração de sílabas átonas para a esquerda (ênclise).

Em dados que apresentam juntura entre verbos e pronomes, como mostramos em (1.a), parece ser mais fácil observar esse efeito de direcionalidade fundamentado na sintaxe do PE. Os dados em (1.b), no entanto, revelam a forte motivação da direcionalidade de uma outra maneira, pois pertencem a um grupo cuja palavra de conteúdo não é um verbo. Em *garrafade* (*garrafade vinho*), existe a juntura entre um substantivo e uma preposição, enquanto em *parate* (*são parate comer*), podemos observar a junção de uma preposição a um pronome. Tanto a preposição “de”, quanto o pronome “te” estão ligados sintática e semanticamente à palavra seguinte, “vinho” e “comer”, nessa ordem. Nesses casos, parece-nos que a segmentação do texto pode estar sendo motivada pelo ritmo da língua, conforme analisaremos no capítulo 5.

b) palavra gramatical + palavra fonológica (PG+PF)

A seguir, apresentamos, em (2), exemplos da segunda subcategoria mais frequente no *corpus* do PE, 22%, conforme o Gráfico D. Não podemos deixar de ressaltar que os dados de PG+PF representam menos da metade dos que estão incluídos na primeira subcategoria, PF+PG.

(2) a.tever	b.derepente	c.aseguir (<i>a seguir</i>)
medar	denada	adromri (<i>a dormir</i>)
sepeguto (<i>se perguntou</i>)	abeira (<i>à beira</i>)	adiser (<i>a dizer</i>)
d. poreste (<i>por este</i>)	e.aporta	
poraqui (<i>por aqui</i>)	olobo	
porisso (<i>por isso</i>)	asourelhas (<i>as orelhas</i>)	

As hipossegmentações como as apresentadas em (2.a), pronome em posição proclítica ao verbo, são as menos frequentes dentro dessa subcategoria, em função do que já foi explicado anteriormente a respeito da direcionalidade dos pronomes na fala do PE.

A junção entre uma palavra gramatical e uma palavra fonológica, no PE, parece ocorrer preferencialmente entre clíticos, como a preposição, e uma palavra de conteúdo, conforme os dados em (2.b), (2.c) e (2.d), ou, ainda, entre artigo e substantivo, como em (2.e).

Em (2.b), temos dados do tipo que formam locuções adverbiais, como em *derepente*, ou prepositivas, como em *abeira*. As locuções são bastante problemáticas se considerarmos que, na maioria dos casos, a sua segmentação é definida por regra arbitrária como, por exemplo, em alternâncias do tipo “em cima” e “embaixo”. A criança parece interpretar ambas as sequências como uma única palavra. Segundo Cunha e Miranda (2008), no PB, esse tipo de hipossegmentação é bastante comum em textos de alunos de séries avançadas do ensino fundamental e do ensino médio.

Em (2.c), as hipossegmentações ocorrem quando há locução verbal. Esse tipo de dado aparece especificamente no PE e é quase inexistente no PB em função de como o presente contínuo é usado nessas duas variedades do português. Em PB, usa-se “estava dizendo”, enquanto, em PE, “estava a dizer”. A criança interpreta essa locução verbal, “a dizer”, como uma única palavra fonológica e assim a grafa, fazendo uma hipossegmentação, como *adiser*.

Os dados que mostramos em (2.d) unem a preposição “por” à palavra seguinte que, na maioria dos casos, é uma dissílaba. Quando aplicamos a ressilabação a essas estruturas, obtemos uma palavra trissílaba: em alguns casos,

uma paroxítona (*poreste*), em outros, uma oxítona (*poraqui*). Essa escolha por uma palavra trissilábica e paroxítona, conforme já analisamos no PB, parece ser a opção de algumas crianças que lidam com as hipóteses “número de sílabas” e “acento” para a determinação dos limites de uma palavra (cf. ABAURRE, 1991).

Nos últimos dados, (2.e), o clítico unido à palavra adjacente são os artigos definidos. Assim como no PB, as crianças portuguesas parecem ter preferência por juntar os artigos definidos (“a” e “o”) a palavras de conteúdo que comecem com consoante. Os aprendizes, tanto no PB quanto no PE, parecem evitar a formação de hiatos ou de tritongos.

c) palavra fonológica + palavra fonológica (PF+PF)

Essa subcategoria que une duas palavras fonológicas, conforme mostramos nos exemplos em (3), apresenta-se, segundo o Gráfico D, em 13% dos dados que analisamos.

(3) a. teicodado (*tem cuidado*)

Era uma vez o capolhilho vreneilho que ia
a casa a mãe i a mãe diselhe **teicodado**.

b. podemterar (*pode entrar*)

o lobo bateo a porta e a avó porgotou que é
e o lobo sou eu a capoxinho vermenho e
a avó respodeu **podemterar** capoxinho vermenho

Nos fragmentos em (3), é possível observar que o contexto em que se observa a hipossegmentação é semelhante, pois em ambos temos exemplos de discurso direto, o que pode ser interpretado como uma das motivações para as hipossegmentações encontradas (cf. SILVA, 1991). Em (3.a), ela ocorre depois da palavra “disse-lhe” e, em (3.b), depois de “respondeu”, estruturas que introduzem a fala direta.

Outros dois tipos de junção bastante frequentes no *corpus* do PE entre duas palavras fonológicas são aqueles cuja formação envolve ou uma palavra composta, ou nomes próprios, como, por exemplo, *gordavestidos* (guarda-vestidos), *pequenoalmoço* (pequeno-almoço), *lobomáu* (lobo mau), *capozinho vermelho* (capuchinho vermelho). Tais estruturas formam frases fonológicas.

d) palavra gramatical + palavra gramatical (PG+PG)

As hipossegmentações que unem duas palavras gramaticais, conforme nos mostra o Gráfico D, apresentam-se no *corpus* com uma baixa frequência, 9% apenas. Nesses dados, não encontramos variedade, pois temos basicamente dois tipos de combinação de junção: as que envolvem a palavra gramatical “que”, (5.a) e (5.b), ou o pronome interrogativo “quem”, (5.c).

(5) a.oque	b. quelhe	c. quenhe (<i>quem é</i>)
doque	quese	cenhe (<i>quem é</i>)

Os dados em (5.a) seguem o mesmo tipo de ocorrência apresentado nos dados do PB, os quais analisamos segundo a hipótese de Abaurre, Galves e Scarpa (1999) para quem a palavra gramatical “que”, principalmente se estiver em início de frase interrogativa, pode ser portadora de um acento nuclear, dessa forma, atraindo a palavra gramatical que está à sua esquerda e formando, portanto, um pé binário do tipo iambo (com proeminência à direita).

Para os exemplos apresentados em (5.b), parece-nos haver outro tipo de motivação, mais uma vez relacionada à direcionalidade do PE. Os dados estavam inseridos em estruturas como *quelhe perguntou* e *quese chamava*. A criança parece ter a preferência por associar os clíticos “lhe” e “se” à palavra que está à esquerda, e não àquela que está à direita. Nessa junção, forma-se um troqueu silábico, no qual a palavra gramatical “que” se torna a sílaba proeminente.

As hipossegmentações em (5.c) são variações da mesma estrutura, “quem é”, em que o pronome interrogativo está unido ao verbo “é”⁴⁹. A criança parece experimentar diferentes possibilidades de grafia (*cenhe*, *ceinhé*, *quemé*, *queinhe*) para uma estrutura que se lhe apresenta como de difícil resolução, tanto pela presença da nasalidade, quanto pela juntura entre duas palavras de poucas letras, considerando-se que, em muitos casos, o “que” tem como representação o “ce”. É comum, devido a uma motivação fonética, a presença da nasal palatal nesses tipos de juntura. Se considerarmos o “que” como portadora de acento nuclear (cf. ABAURRE, GALVES e SCARPA, 1999) o “é” como um clítico (cf. BISOL, 2000a), o que resulta dessas tentativas é um pé binário do tipo troqueu silábico.

e) + de duas palavras

As hipossegmentações que se inserem na subcategoria + *de duas palavras* são as que apresentam menor porcentagem no *corpus*, segundo o Gráfico D (3%). Dados desse tipo podem ter como motivação, em geral, os mesmos constituintes prosódicos que regem as junturas entre duas palavras fonológicas, conforme podemos ver em (6).

(6) a. entroacapuchinho (*entrou a capuchinho*)

e chegou primeiro o lobo a avó deichou entrare o lobo comeu a avó e

vestiuce de avó e **entroacapuchinho** avó porque tens uns olhos tangrandes

b. paraondevais (*para onde vais*)

foi pala floresta fora. Mas derepente aparceu um lobo mau e o lobo mau progontoulhe **paraondevais** eu vou lovar estes bolinhos e um sumo e o lobo

49. Consideramos o verbo “ser” na forma “é” como um clítico. Para tal, fundamentamo-nos em Bisol (2000a).

Em (6.a), podemos considerar que a hipossegmentação forma uma frase entonacional, cujo valor semântico mais importante do trecho transcrito parece estar na chegada da capuchinho, o que proporciona um maior foco para essa linha de entonação. De forma hipossegmentada, esse trecho também se destaca do discurso direto que vem logo a seguir.

No fragmento apresentado em (6.b), devido às mudanças de condições discursivas (discurso direto e indireto e mudança de falantes), podemos considerar a estrutura hipossegmentada como um enunciado.

O discurso direto e a troca de turnos entre os falantes são, sem dúvida, uma motivação bastante forte nos dados de hipossegmentação. Apresentamos, em (7), o fragmento de um texto no qual percebemos com clareza quando é a capuchinho quem fala, ou quando é o lobo, não só pela palavra introdutória do discurso direto “disse”, mas, principalmente, pelo tipo de segmentação que a criança utiliza.

- (7) A Capuchinho ia a avosinha i o lobo apanhoua
e disse **comoquetechamas** i a Capuchinho disse não
falo com estranhos i o lobo disse **oquequetessesne**
saco nãoedigo disme nãodigo

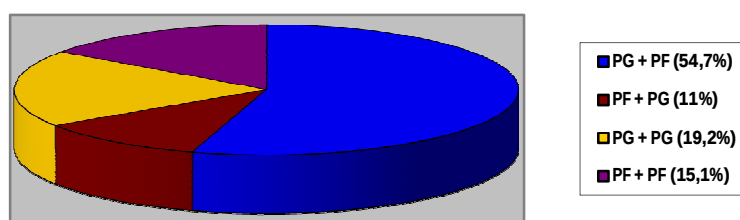
Do fragmento recém apresentado, apenas uma das frases, que representa discurso direto, não está hipossegmentada como as demais – *não falo com estranhos*. Também podemos inferir, pela distribuição do texto, que a palavra “saco”, no início da última linha, faz parte da estrutura começada na linha anterior – *oquequetessesnesaco*.

Para concluir a descrição e análise dos dados de hipossegmentação, ressaltamos que os constituintes prosódicos que parecem exercer maior motivação nos dados de escrita do PE, assim como no PB, são os mais altos na hierarquia, a saber, a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado. Contudo, não ignoramos a possibilidade de a segmentação das palavras de um texto ser decorrente da sobreposição de motivações de outros tipos, em especial, as hipossegmentações regidas pelos dois constituintes mais altos da hierarquia, como a frase entonacional e o enunciado, as quais parecem apresentar fortes relações com a sintaxe e a semântica.

4.1.2.2 As hipersegmentações

Assim como as hipo, as hipersegmentações também se apresentam divididas em subcategorias, conforme mostramos sua distribuição no Gráfico E:

Gráfico E
Subcategorias dos dados de hipersegmentação do PE



Por meio da análise do Gráfico E, podemos observar que a subcategoria com o maior número de ocorrências é a hipersegmentação formada por uma palavra gramatical e por uma palavra fonológica (54,7%), seguida de longe pelas demais subcategorias.

Começamos, a seguir, nossa descrição e análise dos dados de hipersegmentação do PE pela subcategoria mais abrangente, seguida das demais, conforme a sua ordem de frequência:

a) palavra gramatical + palavra fonológica (PG+PF)

As hipersegmentações que apresentamos em (8), de modo geral, parecem ocorrer pelo reconhecimento da sílaba inicial do vocábulo como uma possível palavra gramatical. Vale ressaltar que dados como os que apresentamos em (8.c), (8.d) e (8.e) são pouco frequentes no *corpus* analisado.

b) palavra gramatical + palavra gramatical (PG+PG)

Embora essa seja a subcategoria de segunda maior frequência no *corpus*, as palavras que nela se enquadram não apresentam grande variação na sua qualidade. Apresentamos, em (9), praticamente todos os tipos de dados que encontramos.

- (9) a. di se – di sse – di-se (*disse*)
 b. a qui – da qui
 c. de la (*dela*) – de le (*dele*)

Em (9.a), temos diferentes grafias para a mesma palavra, “disse”. Essa hipersegmentação parece ter sido motivada pelo reconhecimento ortográfico da palavra gramatical “se” e do frequente uso de verbos com pronomes em posição enclítica. A presença do hífen em *di-se* parece reforçar essa ideia.

Nos dados em (9.b), podemos ter a segmentação, à esquerda, do artigo “a” e da contração da preposição com o artigo, “da”, já referida anteriormente. O que fica à direita é o *qui*, forma que podemos considerar como uma variação da palavra gramatical “que”, pois há muitos exemplos no *corpus* estudado de alçamento de vogal média na grafia dessa palavra.

Nas palavras “dela” e “dele”, em (9.c), igualmente podemos considerar o reconhecimento ortográfico da palavra gramatical “de”. As sílabas que ficam segmentadas à direita, ‘la’ e ‘le’, podem facilmente ser consideradas como palavras gramaticais: a primeira, devido a seu uso frequente como pronome, “comê-la”; e a segunda, por ser encontrada em muitos textos substituindo o pronome “lhe”, como em *deu-le* para “deu-lhe”.

c) palavra fonológica + palavra fonológica (PF+PF)

Conforme apresentamos no Gráfico E, os exemplos mostrados em (10) aparecem em 15,1% do *corpus* e não variam muito em se considerando a sua estrutura de segmentação.

(10) a. capo chinho	b. entre tanto	c. desfar-ssado
bola chinhas	come sou	despis tou
avó sinha	sal vou	pergum tou
rápida mente	caça dor	
final mente	ar mario	

Em (10.a), encontramos dados que parecem ter sido segmentados em função da presença dos sufixos que carregam. Segundo Bisol (1994), sufixos como *–inho(a)* e *–mente* são portadores de acento primário; por conseguinte, palavras morfológicas formadas com esse tipo de morfema possuem duas palavras fonológicas.

Conforme Bisol (1994), no nível da palavra, a grade métrica do português é sensível ao choque de acentos. Ao juntar os radicais *avó* e *final* aos sufixos *–inho* e *–mente*, temos a presença de duas sílabas fortes sucessivas, portanto, um choque de acentos, que pode ter servido como motivação para a criança hipersegmentar a palavra.

Não podemos desconsiderar que outra motivação, para essas hipersegmentações, esteja relacionada ao fato de algumas palavras fonológicas que se encontram à esquerda, em (10.a), serem também palavras lexicais, como *rápida* e *bola*, essa última, além do nome de um conhecido brinquedo, quando pronunciada com o ‘o’ fechado, representa um tipo de pão recheado, muito frequente no lanche das crianças portuguesas.

Esse reconhecimento de palavras lexicais pode igualmente servir de motivação em dados como os que apresentamos em (10.b), nos quais as palavras segmentadas à direita e à esquerda são de uso frequente na língua. Nesse pequeno grupo representativo do *corpus*, a palavra fonológica resultante da segmentação ou é um troqueu silábico, como em *entre*, *tanto*, *come*, *caça* e *mario*, ou é um monossílabo tônico, como em *sou*, *sal*, *vou*, *dor* e *ar*.

Os dados apresentados em (10.c) parecem indicar outra motivação além das já referidas. Nos três casos, a palavra fonológica que fica à esquerda, embora não possua significado lexical, é dissílaba e portadora de acento com proeminência à esquerda, portanto, um pé binário do tipo espondeu. A palavra fonológica que fica à

direita nos dados *despis tou* e *pergun tou* pode ser considerada como um pé degenerado por ser portador de acento.

A hipersegmentação *desfar-ssado* apresenta como resultado duas palavras dissílabas e paroxítonas. Conforme Abaurre (1991), essa parece ser a preferência para a grafia de palavras polissílabas por crianças em fase de escrita inicial. No entanto, nesse dado também podemos ter outra motivação de origem morfológica, pois não podemos ignorar a presença do sufixo ‘ado’, bastante comum e produtivo no português.

d) palavra fonológica + palavra gramatical (PF+PG)

Nesta categoria, não encontramos no *corpus* da pesquisa muita variação quanto à qualidade dos dados. Basicamente, as hipersegmentações que resultam em uma palavra fonológica e uma palavra gramatical podem ser separadas em dois grupos, conforme mostramos em (11).

- | | |
|------------------|--------------------------------|
| (11) a. chama-da | b. tive-se (<i>tivesse</i>) |
| conversan-do | trouse-te (<i>trouxeste</i>) |
| desfarssam-do | pode-se (<i>pudesse</i>) |
| dissen-do | desfar-se (<i>disfarce</i>) |

Em (11.a), temos dados em que a palavra gramatical separada à direita é uma contração da preposição “de” com o artigo “a” ou com o artigo “o”. Essas hipersegmentações apresentam a peculiaridade de não serem ocasionadas pela inserção direta de um espaço, mas pela presença do hífen, o mesmo ocorrendo nos exemplos que apresentamos em (11.b). A presença do diacrítico parece indicar uma possível semelhança entre a grafia dessas estruturas e a grafia de verbos com pronomes em posição enclítica. Essa ideia é reforçada pelo fato de que, com raras exceções, as palavras em questão são verbos, mesmo o substantivo “desfarse” tem sua origem em um verbo. Nesses casos, temos novamente um exemplo de motivação decorrente da inserção da criança em práticas de letramento.

Sobre os dados de hipersegmentação descritos e analisados ao longo desta seção, podemos concluir que os constituintes prosódicos que parecem ter maior influência nas escolhas das crianças são os mais baixos na hierarquia, a saber, o pé métrico binário, em geral, o troqueu silábico, e a sílaba.

4.1.2.3 Os híbridos

Essa categoria é encontrada em porção restrita do *corpus*, de acordo com o Gráfico C, em apenas 1% dos dados. No entanto, por não ser esta uma pesquisa de enfoque quantitativo, trazemos os híbridos para análise por considerarmos que apresentam peculiaridades importantes para a discussão sobre o processo de segmentação das palavras na escrita.

Pelo pequeno número de ocorrências de dados do tipo híbrido e, também, por acreditarmos que devam ser analisados como um todo, optamos por não separá-los em subcategorias como os demais. Como já dissemos anteriormente, tratamos como híbridos os casos que apresentam hipo e hipersegmentação em uma mesma sequência, conforme exemplos em (12).

(12)	des farsouse	pora cela (<i>por aquela</i>)	escom deuce
	por quéque	pura quele (<i>por aquele</i>)	tou vir (<i>te ouvir</i>)

Devido ao número de hipossegmentações ser muito superior ao de hipersegmentações, argumentamos que, em primeiro lugar, a criança pensa na estrutura como um todo, portanto, hipossegmentada, para só depois separá-la. Em dados como *des farsouse* e *escom deuce*, verbo mais pronome enclítico, encontramos outro apoio para o nosso raciocínio, uma vez que essas estruturas são as que perfazem o maior número de ocorrências no *corpus* estudado e aparecem quase sempre hipossegmentadas. O dado *tou vir* parece-nos mostrar evidências desse movimento dos dois tipos de segmentação não-convencional e da ordem em que consideramos que aconteça. Nessa hipossegmentação, quando há a junção entre a palavra gramatical e a fonológica, observamos um processo de redução vocálica, mais especificamente uma redução de [e], enquanto a hipersegmentação parece ser posterior a esse processo, conforme demonstramos em (13).

- (13) tou vir
 te ouvir > t(e)ouvir > *touvir* (hipossegmentação)
 touvir > *tou vir* (hipersegmentação)

Ainda que, nos dados de escrita estudados, a redução vocálica não seja um fenômeno muito usual, de acordo com Abaurre e Galves (1998), a redução de vogais em sílabas pretônicas é um processo muito frequente na fonologia do PE e uma das principais diferenças, na fala, entre as duas variedades do português (PB e PE).

Encontramos um dado semelhante no *corpus* do PB no qual a preferência da criança foi pela grafia, *ti ouvir*, embora, no mesmo texto, tenha escrito de forma hipossegmentada as estruturas do mesmo tipo, *tiver* e *ticomer*. Segundo Cunha (2004), fundamentada em outros exemplos do mesmo texto, a criança parece evitar, com a juntura entre “te” e “ouvir”, a formação de um tritongo, encontro vocálico de baixa frequência na língua. Se no PB fosse comum a redução vocálica, talvez a estrutura tivesse sido grafada como a que encontramos no texto da criança portuguesa ou, pelo menos, como *touvir*.

Em relação aos constituintes prosódicos que podem servir de motivação para a formação de dados híbridos, afirmamos serem praticamente os mesmos já analisados nas subcategorias anteriores. A palavra fonológica e o grupo clítico podem motivar a formação de estruturas hipossegmentadas e o pé métrico e a sílaba, estruturas hipersegmentadas.

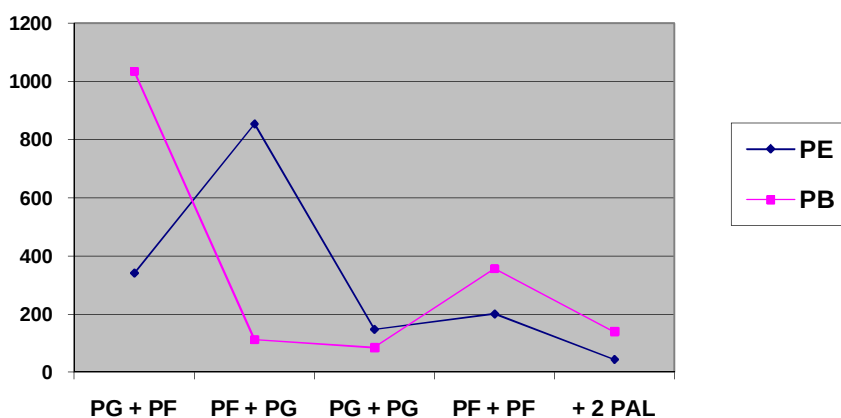
Quanto aos demais exemplos apresentados em (12), referindo-nos em especial à inserção do espaço na estrutura supostamente hipossegmentada, novamente observamos a preferência pela formação de palavras dissílabas e paroxítonas, como em *pora cela*. Essa preferência pode ser motivada pela presença do troqueu silábico.

4.1.3 Principais semelhanças e diferenças entre os dados do PB e do PE

Segundo o que apresentamos no Gráfico A, no início deste capítulo, os dados do PB e do PE mostram uma distribuição relativamente semelhante para as três categorias. Interessa-nos, em primeiro lugar, analisar as duas maiores – hipo e hipersegmentação – e suas divisões em subcategorias.

Quanto à distribuição dos dados de hipossegmentação em subcategorias, podemos observar semelhanças e diferenças entre os dados do PB e do PE, conforme demonstramos por meio do Gráfico F.

Gráfico F
Subcategorias de hipossegmentação no PB e no PE



Aos observarmos as curvas do Gráfico F, podemos afirmar que a principal diferença entre o PB e o PE encontra-se nas duas primeiras subcategorias, as quais ocorrem em proporções diretamente inversas. Para o PE, temos uma linha ascendente entre PG+PF e PF+PG, enquanto, para o PB, observamos uma linha descendente para esse mesmo intervalo do gráfico.

Essas duas subcategorias envolvem especificamente a direção em que o clítico associa-se à palavra de conteúdo. Esse efeito de direcionalidade é uma das principais diferenças entre o PB e o PE (cf. CARVALHO, 1989). Os dados que apresentamos em (14) e (15) bem ilustram, na escrita, essa oposição já referida em estudos sobre a fala.

(14) a. *siasustou* (PB)

e *omenino* ***siasustou***. Fim

b. *assostouse* (PE)

ela ***assostouse*** muito...

(15) a. *domundo* (PB)

a professora mais bonita ***domundo***

b. *barrigado* (PE)

o cassador ouviu gritos e foi a casa e *abriua* ***barrigado*** lobo

Conforme podemos observar nesses dados, enquanto no PB a integração do clítico à palavra de conteúdo se dá para a direita (próclise), no PE ela ocorre para a esquerda (ênclise). Em (14), temos dados formados pela união do pronome ao verbo. Preservada a diferença sobre a direcionalidade, esse tipo de dado é, sem dúvida, dos mais abundantes dentro dos *corpora* analisados.

A posição em que a palavra gramatical se encontra, em (14.a), proporciona que observemos, na escrita do PB, indícios de processos fonológicos, como, por exemplo, a ditongação (se *assustou* > s[ja]sustou > *siasustou*)⁵⁰. No PE, devido à baixa frequência desse tipo de dado, são raras as possibilidades de encontrarmos processos semelhantes.

O emprego característico dos pronomes, proclíticos (PB) ou enclíticos (PE), na fala dessas duas variedades do português, pode facilmente justificar a alta frequência, na escrita, de dados como os que apresentamos em (14). No entanto, o exemplo que mostramos em (15) representa dados que, embora menos frequentes, podem ter seu efeito de direcionalidade associado a uma motivação mais estreitamente ligada a estruturas rítmicas do PB e do PE, conforme apresentaremos no capítulo final da tese.

Temos, em (14.a) e (15.b), dois dados que também ilustram essa diferença relativa à direção em que o clítico é associado à palavra de conteúdo, *omenino* (PB) e *abriua* (PE), respectivamente. No PB, encontramos, com altíssima frequência,

50. A ditongação e outros processos fonológicos serão discutidos na seção seguinte.

hipossegmentações em que o artigo se une ao substantivo à sua direita, o que não ocorre no PE. Acreditamos que a associação, absolutamente incomum no PB, do artigo à palavra adjacente que se encontra à sua esquerda, nesse caso um verbo, seja também motivada pela estrutura rítmica da variedade lusitana.

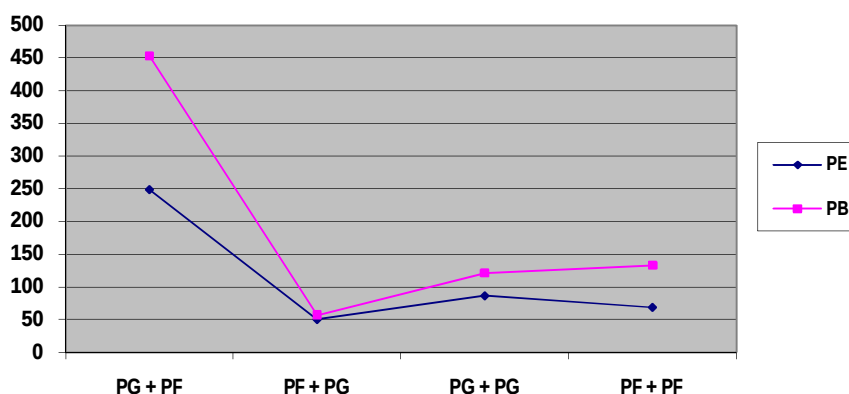
Esses dados que envolvem a junção de uma palavra gramatical e uma palavra fonológica, tanto no PB quanto no PE, confirmam o que dizem Ferreiro e Teberosky (1999) sobre a dificuldade da criança em reconhecer, na aquisição da escrita, sequências de uma ou duas letras como palavra. Abaurre, Galves e Scarpa (1999) também fazem referência a essa dificuldade na aquisição da linguagem oral. Afirmam as autoras que, devido ao fato de a palavra gramatical não possuir acento, tende a se unir à palavra adjacente como uma de suas sílabas pretônicas. Para os dados do PE, encontramos uma maior tendência, na qual a palavra gramatical se associa à palavra adjacente como uma de suas sílabas postônicas.

Para os demais tipos de hipossegmentação, podemos afirmar, de acordo com o Gráfico F, que, proporcionalmente, não existem grandes diferenças entre a quantidade dessas ocorrências em ambas as variedades do português, pois as curvas possuem praticamente o mesmo contorno. Também quanto à qualidade desses dados, não acrescentamos diferenças relevantes entre o PB e o PE, no que diz respeito à formação dos constituintes prosódicos.

Dentre os dados que analisamos em ambos os *corpora*, a palavra fonológica, o grupo clítico, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado revelaram-se os constituintes prosódicos que motivaram a maior parte das hipossegmentações nos textos das crianças brasileiras e portuguesas.

Os dados de hipersegmentação, registrados em menor número do que os de hipossegmentação, conforme vimos no Gráfico A, no início deste capítulo, também apresentam semelhanças e diferenças entre o PB e o PE. Podemos visualizar, no Gráfico G, a distribuição desses dados em subcategorias.

Gráfico G
Subcategorias de hipersegmentação no PB e no PE



As curvas dos dados de hipersegmentação do PE e do PB mostram, proporcionalmente, grande semelhança no que diz respeito à quantidade de ocorrências. Para ambas as variedades do português, a subcategoria que apresenta maior número de dados é aquela que separa um vocábulo em uma palavra gramatical e outra fonológica.

Esse tipo de dado parece ser motivado pela dificuldade que enfrenta o aprendiz diante da tarefa de conceituar palavra e delimitar suas fronteiras. As estruturas de uma ou duas letras, que a princípio geram um maior número de hipossegmentações, em outros dados parecem fazer com que a criança identifique as sílabas iniciais de alguns vocábulos como uma palavra gramatical, ocasionando, portanto, um número significativo de hipersegmentações.

No PB, essa dificuldade recém descrita manifesta-se igualmente tanto nas hipo quanto na hipersegmentações, ou seja, a subcategoria PG+PF é a de maior número de ocorrências nos dois tipos de segmentações não-convencionais. No PE, essa igualdade não se verifica, uma vez que o tipo de hipossegmentação mais encontrada é a que une uma palavra fonológica a uma palavra gramatical, (PF+PG), conforme já analisamos anteriormente.

No PE, os dados de hipersegmentação pertencentes à subcategoria PG+PF apresentam uma diferença quanto aos dados do mesmo tipo no PB. As crianças portuguesas reconhecem, em início de palavra, preferencialmente o artigo “a” como uma palavra gramatical, mas raramente escrevem esse mesmo artigo de forma hipossegmentada. No entanto, as crianças brasileiras, de um modo geral, hiper e

hipossegmentam o “a” na mesma proporção. Essa diferença entre as duas variedades do português está relacionada à direção com que o clítico se associa à palavra adjacente e ao ritmo. Retomaremos, portanto, essa discussão no último capítulo da tese.

Quanto ao constituinte sílaba, constatamos que, nos dados do PB, é incomum que esse constituinte seja violado. Tanto nos processos de hiper quanto nos de hipossegmentação, a criança preserva, de modo geral, as estruturas silábicas.

Tal fato não corresponde exatamente aos dados do PE, nos quais encontramos com um pouco mais de frequência esse tipo de violação. Esses dados não são propriamente hipo ou hipersegmentações, pois ocorrem em um contexto especial, que é o da translineação. Entretanto, não deixam de ser uma segmentação não-convencional da escrita, uma vez que são observados mesmo quando há espaço suficiente ao final da linha para que a sílaba seja grafada corretamente, como, por exemplo, em *f-loresta*, *enco-mtro*, *molh-ar* e *qu-atro*.

Nossa primeira observação é a de que quase todas as palavras com esse tipo de segmentação envolvem sílabas complexas ou sílabas com a presença de nasal. As dificuldades que as crianças enfrentam com a grafia das sílabas complexas vêm sendo estudadas por pesquisadores como Abaurre (1991), Chacon (2007) e Miranda (2006, 2008a,b), dentre outros. Esses estudos, porém, estão focalizados em analisar como as crianças representam essas sílabas dentro da palavra, e não especificamente como tais sílabas complexas podem ser segmentadas. Esse é um aspecto da segmentação que poderá ser analisado em outros trabalhos, uma vez que ultrapassa os atuais interesses de nossa pesquisa.

Quanto à tonicidade, uma importante semelhança entre as hipersegmentações encontradas nos dados do PB e do PE diz respeito à preferência pela preservação de um pé métrico binário, em especial, do troqueu silábico, sempre que há contexto para tal. Esse achado será melhor explorado na seção em que discutimos a influência do acento prosódico nas segmentações não-convencionais.

Em vista do que acabamos de afirmar, podemos dizer que as hipersegmentações em PB e PE são regidas pelos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, tais como a sílaba e o pé do acento. Embora tenhamos

observado algumas violações da sílaba no PE, tais dados não são suficientes para contestar a ideia de que esse é um dos constituintes motivadores da hipersegmentação.

Quanto aos híbridos, consideramos que, em relação aos constituintes prosódicos, apresentam semelhanças às hipo e às hipersegmentações, no que diz respeito à maneira como são formados. Afirmamos, mais uma vez, que a prevalência de dados de hipossegmentação sobre os de hipersegmentação, em ambas as variedades do português, nos permite inferir que a criança pensa, inicialmente, a estrutura como um todo, para depois fazer a inserção de um espaço. Portanto, seguindo essa hipótese, teríamos em um primeiro momento a hipossegmentação para, depois, a hipersegmentação da estrutura.

Para concluirmos esta seção, afirmamos que os constituintes prosódicos são importante motivação nos dados de segmentação não-convencional, tanto no PB quanto no PE. Assim o fazemos sem desconsiderar a possibilidade de motivações de outra ordem, como, por exemplo, a influência do próprio letramento, uma vez que estamos tratando de aquisição da escrita, processo primordialmente desenvolvido no âmbito da escola que, no entanto, é também afetado por aspectos relacionados ao conhecimento linguístico.

4.2 Evidências, na escrita, de processos fonológicos já descritos em estudos sobre a fala

Conforme anunciamos, na metodologia desta pesquisa, os processos fonológicos – vozeamento da fricativa, *tapping* e haplologia (cf. TENANI, 2002); degeminação, elisão e ditongação (cf. BISOL, 1996a,c e TENANI, 2002); monotongação e epêntese (cf. ABAURRE-GNERRE, 1981) – serão analisados apenas em dados de hipossegmentação e nos híbridos, uma vez que nos interessa a realização desses processos somente quando há juntura entre duas fronteiras vocabulares. Os dados do PB e do PE serão analisados simultaneamente.

Segundo Dauer (1983), das diferenças entre as estruturas linguísticas, resultariam as diferenças rítmicas entre as línguas. Para o autor, há três

propriedades fonéticas e fonológicas importantes que caracterizam o ritmo, a saber, a estrutura silábica, a redução vocálica e a realização fonética do acento. Nesta seção, interessam-nos, particularmente, os processos fonológicos relacionados à estrutura silábica. Enquanto nas línguas de ritmo acentual aparece uma maior variedade de estruturas silábicas, nas de ritmo silábico há menos variedade de tipos de sílabas.

Com base na proposta de Dauer (1983), Tenani (2002, p.281) considera que as estruturas silábicas são importantes na determinação dos grupos rítmicos e analisa, em dados de fala, seis processos fonológicos, dividindo-os em três grupos distintos. Como diz a autora, “essa classificação é feita ao ser levada em conta a maneira pela qual são afetadas as sílabas em jogo nesses processos de sândi”. No primeiro grupo, encontram-se os processos de vozeamento da fricativa e *tapping*, os quais são caracterizados pela reestruturação silábica; no segundo, também chamados de sândi externo, encontramos a degeminação, a elisão e a ditongação, em que as vogais são os segmentos que sofrem processos fonológicos; no terceiro, observamos a haplologia, um processo peculiar por ocorrer entre duas sílabas que já são inicialmente CV.

a) Vozeamento da fricativa e *tapping*

Começamos com dados retirados dos textos de crianças brasileiras, os quais ilustram contextos de juntura em que podemos observar os processos fonológicos citados nos parágrafos anteriores. Em (16), mostramos dados nos quais aparecem, na escrita, indícios do processo fonológico de vozeamento da fricativa [s], em que as sílabas afetadas são caracterizadas por uma reestruturação. Nesse processo, o elemento da *coda* da sílaba final do primeiro vocábulo torna-se o *onset* da primeira sílaba do segundo vocábulo. O resultado dessa reestruturação é, em geral, a formação de duas sílabas CV (cf. TENANI, 2002) ou, como em alguns dos dados apresentados, uma sílaba V seguida por outra CV.

(16) a. ozanimais (*os animais*)
 azoutra (*as outras*)
 dazerva (*das ervas*)

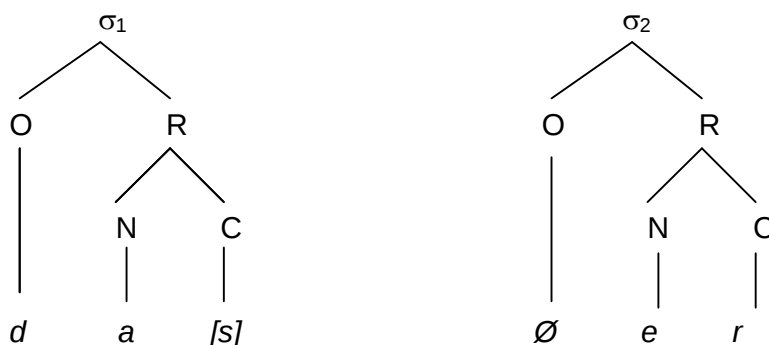
b. do zanimais (*dos animais*)
 asza migas (*as amigas*)
 c. os zoutras (*os outros*)

Nos dados do PB apresentados em (16.a), podemos observar hipossegmentações formadas pela juntura entre uma palavra gramatical e uma palavra fonológica. Em todas as ocorrências, aparece um artigo definido plural (mesmo que acrescido de uma preposição, como em *dazerva*) associado a uma palavra de conteúdo iniciada por vogal, portanto, contextos favoráveis à reestruturação silábica por meio do processo de vozeamento da fricativa [s], o qual a criança representa através do grafema 'z'.

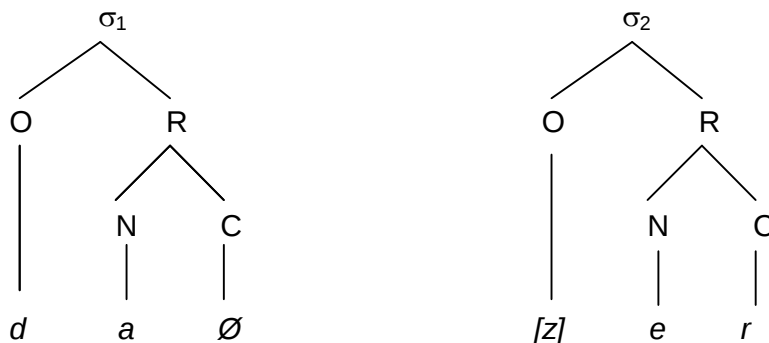
Em (16.b), temos exemplos de dados híbridos. No primeiro – *do zanimais* –, o fonema [s], representado pelo grafema 'z', que deveria estar grafado junto à preposição, foi separado e grafado junto à vogal inicial da palavra seguinte, formando duas sílabas do tipo CV ('do' e 'za'). No segundo dado – *asza migas* –, a sequência foi hipersegmentada de modo a formar dois troqueus silábicos, ou seja, duas palavras dissílabas e paroxítonas, o que parece ser a preferência dos aprendizes em fase de escrita inicial (cf. ABAURRE, 1999). Esse dado apresenta ainda uma peculiaridade, pois, apesar de a criança usar corretamente o grafema 's' como representação da coda fricativa [s], ela grafa um 'z' como ataque da sílaba seguinte, mostrando sua hipótese não só quanto às representações desse som, mas também quanto às posições que ele pode ocupar na estrutura silábica.

Sobre o processo de vozeamento da fricativa, Tenani (2002) afirma que, na fala, o elemento da coda da sílaba final do primeiro vocábulo torna-se o *onset* da primeira sílaba do segundo vocábulo, conforme exemplificamos em (17), por meio das duas sílabas envolvidas no processo de ressilabação, como em *dazerva*.

(17) a. Estrutura inicial



b. Estrutura final



Uma vez que, nas palavras do português, o grafema ‘z’ é bem menos frequente do que o ‘s’ em posição de *coda*, e com base nos dados apresentados em (16.b), podemos confirmar, na escrita, o que diz Tenani (2002) sobre o processo de vozeamento da fricativa na fala, ou seja, a criança parece ter preferência por representar o ‘z’ como *ataque* da sílaba e não como *coda*, conforme acabamos de demonstrar em (17).

O dado que trazemos em (16.c) – os *zoutras* – não é exemplo de hipossegmentação. Ele apenas reforça o exemplo que mostramos em (16.b), em especial, no que diz respeito à posição dos segmentos na estrutura silábica. Finalmente, podemos pensar que, em se tratando da representação da fricativa [s], quando a criança marca a posição de *coda*, sua preferência é pela grafia do ‘s’; quando preenche a posição de *onset*, a preferência parece ser pelo grafema ‘z’.

Nos textos das crianças portuguesas, registramos apenas uma ocorrência desse tipo de dado – *podezenhtra* para “podes entrar” –, na junção entre duas palavras fonológicas. Esse fato explica-se, muito provavelmente, pela baixa frequência de contextos favoráveis no PE, uma vez que a união de uma palavra gramatical a uma palavra fonológica, principalmente o artigo definido plural e uma palavra de conteúdo começada por vogal, aparece raramente nos textos das crianças portuguesas, enquanto no PB, PG+PF é o dado de maior frequência.

Assim como o vozeamento da fricativa, recém demonstrado, é considerado por Tenani (2002) como um processo de reestruturação silábica, enquadra-se nessa categorização de sândi o processo denominado por *tapping* (ex: *açuca[ra]marelo*), em que o [r] da *coda* da última sílaba da palavra torna-se um segmento de *onset* da

primeira sílaba da palavra seguinte, formando, em geral, duas sílabas do tipo CV. Em (18.a), apresentamos dados do PB e, em (18.b), do PE.

- | | |
|--|------------------------------------|
| (18) a. poringanto (<i>por enquanto</i>) | b. poraquele (<i>por aquele</i>) |
| porali (<i>por ali</i>) | poreste (<i>por este</i>) |
| seforachado (<i>se for achado</i>) | poraque (<i>por aqui</i>) |

Como podemos observar, em ambas as variedades do português, o contexto mais favorável para o aparecimento desse tipo de dado é o que apresenta, à esquerda da hipossegmentação, a palavra gramatical “por”, excetuando-se o dado *seforachado*. Vale ressaltar que analisamos essas ocorrências apenas sob o ponto de vista da reestruturação silábica proposta por Tenani (2002)⁵¹, visto que os dados analisados nesta pesquisa pertencem a crianças do Rio Grande do Sul e do norte de Portugal. Em nenhuma dessas variedades do português, o [r] em *coda* apresenta contexto para realização do processo de *tapping*⁵². Segundo Monaretto (1997), o tepe é a realização fonética predominante da rótica em posição de *coda* no RS. Portanto, o processo de *tapping* não possui contexto de aplicação na variante dos falantes gaúchos.

Encontramos processo de ressilabação de [r] em *coda* também em dados híbridos, nas duas variedades do português. Da mesma forma que as hipossegmentações, esses dados relacionam-se com a palavra gramatical “por”, como em “por ali” > *pora li*, ocorrência comum tanto no PB quanto no PE.

b) Degeminação, elisão e ditongação

O segundo grupo de processos fonológicos analisado por Tenani (2002) corresponde ao dos chamados processos de sândi externo, nos quais estão incluídas a degeminação, a elisão e a ditongação. Na degeminação é possível o encontro de duas vogais idênticas (ex: *cami[za]marela*) ou, também, de duas vogais

51. Na pesquisa de Tenani (2002), o *corpus* era composto por falantes de um dialeto em que o [r], em posição de *coda*, tanto no final quanto no meio de palavra, é realizado como um segmento retroflexo, portanto, apresentando contexto para realização do processo de *tapping*.

52. Doravante, denominaremos como “ressilabação de [r] em *coda*” ao processo que Tenani (2002) chama de *tapping*.

semelhantes (ex: *vend[i]squeiros*). A elisão, em geral, ocorre com a vogal baixa átona /a/ diante de outra vogal (ex: *cami[zu]sada*). A ditongação pode acontecer quando a última vogal de uma palavra forma um ditongo com a vogal inicial da palavra seguinte, desde que uma delas seja alta (ex: *cami[zaw]sada*). Esses processos foram também descritos por Bisol (1996a,c).

Em relação ao segundo grupo, nos dados do PB, encontramos inúmeros exemplos em que ocorrem, principalmente, a degeminação (19.a) e a ditongação (19.b), sendo a elisão (19.c) bem menos frequente.

- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------------|
| (19) a. <i>mesqueço (me esqueço)</i> | b. <i>siaprezeto (se apresentou)</i> |
| <i>secondeu (se escondeu)</i> | <i>siasustou (se assustou)</i> |
| <i>mispera (me espera)</i> | <i>miacordava (me acordava)</i> |
| <i>tincherger (te encherger)</i> | <i>miarumar (me arrumar)</i> |
| <i>podentrar (pode entrar)</i> | <i>quiamezafalace (que a mesa...)</i> |
- c. *parumgato (para um gato)*
erumavez (era uma vez)

Nas quatro primeiras hipossegmentações em (19.a) e (19.b), temos a juntura entre uma palavra gramatical e uma fonológica, tipo de dado mais frequente encontrado no *corpus*. Tal contexto mostra-se muito favorável ao surgimento da degeminação e da ditongação. Menos frequentes são os dados como *podentrar* e *quiamezafalace*, em que temos a juntura entre duas palavras fonológicas ou mais de duas palavras. Embora esse contexto possa ser igualmente favorável, essas duas combinações são menos frequentes nos nossos dados.

Nas hipossegmentações *mesqueço*, *secondeu* e *podentrar*, observamos um processo de degeminação entre duas vogais coronais iguais [e], (“*me* *esqueço*” > *m[e]squeço*, “*se* *escondeu*” > *s[e]condeu*, “*pode* *entrar*” > *pod[e]ntrar*). No segundo dado, além do processo de degeminação, observamos o apagamento da coda [s].

Nos dados *mispera* e *tincherger*, temos não só a degeminação, mas também a elevação da vogal átona pretônica [e] que passa para [i], processo bastante frequente nos dados de fala do português. Essa mesma elevação de vogal também se apresenta nos clíticos dos dados que apresentamos em (19.b), o que,

consequentemente, gera uma ditongação, como, por exemplo, em “se assustou” > *s[ʃa]sustou*.

Como já foi dito, esses dois processos – degeminação e ditongação – aparecem em grande número no PB, pois ocorrem quase sempre quando existe uma hipossegmentação com contexto favorável ao fenômeno. Dados como os apresentados em (19.c) – *parumgato* e *erumavez* –, em que podemos observar um processo de elisão, são mais raros no *corpus* do PB. Diferentemente da degeminação, em que tanto pode ser átona a V_1 quanto a V_2 , na elisão é necessário que, especificamente, a vogal /a/ seja átona. Portanto, consideramos este como um contexto particular, o que poderia justificar o baixo índice de ocorrências desse tipo de dado.

As elisões *parumgato* e *erumavez* são diferentes quanto ao processo de formação. Na primeira, tanto a V_1 quanto a V_2 são átonas, contexto em que observamos uma tendência à regra geral de aplicação da elisão, ou seja, a vogal átona /a/ é elidida “quando a vogal seguinte for labial, ou seja, posterior arredondada” (cf. BISOL, 1996a, p.59). No entanto, em *erumavez*, temos um contexto diferente do dado anterior, pois, sendo a V_2 acentuada, pôde haver a elisão devido à reorganização rítmica da frase, ocasionada pela presença da palavra “vez”. Também não podemos deixar de reconhecer que a elisão possa ter sido favorecida pelo fato dessa ser uma expressão cristalizada na língua.

Dentro do segundo grupo de processos fonológicos estudado por Tenani (2002), encontramos, no PE, dados de degeminação e de ditongação, mas nenhum de elisão. Começaremos por apresentar os dados de degeminação, em (20), por serem mais numerosos do que os de ditongação.

- (20) a. podemterar (*pode entrar*) b. foi sinbora (*foi-se embora*)
- c. ceu (*que eu*)
 dir (*de ir*)

Em (20.a), temos um dado de hipossegmentação que une duas palavras fonológicas, no qual ocorre uma degeminação entre duas vogais coronais idênticas [e] e átonas (*podeentrar* > *pod[e]mterar*). Segundo Bisol (2000b), no que diz

respeito à acentuação das palavras envolvidas no processo, tal contexto é ideal para ocorrência desse tipo de sândi. O mesmo contexto apresenta-se em (20.b), com a diferença de que a hipossegmentação ocorre entre uma palavra gramatical e uma fonológica (*foi-se embora* > *foi-s[e]mbora* > *foi s[i]mbora*). Nesse dado, observamos a elevação da vogal média [e] que passa para [i].

Nos dados expostos em (20.c), a segunda vogal é acentuada, o que pode gerar restrições quanto à possibilidade de haver degeminação. Conforme os exemplos em (21), retirados de Bisol (2000b, p.410), “enquanto o acento primário da palavra tende a não ser um obstáculo (21.a), o acento principal da frase tende a bloqueá-las, (21.b)”.

- (21) a. um sofá azul > um sòfazúl
 b. como uvas > *comúvas
 c. como uvas maduras > comùvas madúras

Em (21.a), aplica-se a degeminação porque o acento da primeira vogal muda de posição para evitar o choque. Isso se torna possível uma vez que esse não é o acento principal da frase, contrariamente ao que acontece em (21.b), estrutura em que o acento primário da palavra coincide com o acento principal da frase. Em (21.c), a inserção de mais uma palavra à estrutura faz com que o acento principal da frase seja deslocado, tornando possível a degeminação na sequência de palavras “como uvas”.

Nas hipossegmentações que apresentamos em (20.c), a segunda vogal da degeminação é sempre portadora de acento primário. Em (22), mostramos o contexto em que se inserem essas palavras e demonstramos que o processo de sândi é possível porque, na nossa análise, o acento primário da vogal degeminada não coincide com o acento principal da frase (representado pela sílaba em negrito).

- (22) a. *ceu* (*Eo lovo dise bai par um caminho e ceu vou por outro.*)
 [[E o lobo **disse:**] I [vai por um caminho,] I [que eu vou por **outro.**] I] U
- b. *dir* (*nada dir por a floresta*)
 [*nada de ir pela floresta*] I

Com base nas hipossegmentações de ambos os *corpora*, podemos afirmar que as degeminações, tanto no PE quanto no PB, podem acontecer mesmo que uma das vogais seja portadora de acento primário. Nos dados que analisamos, o contexto recém descrito parece ser favorecido quando a vogal degeminada não é portadora do acento principal da frase, uma vez que não encontramos nenhuma ocorrência de degeminação em que os dois acentos fossem coincidentes.

Apresentaremos em (23) as hipossegmentações, retiradas do *corpus* do PE, em que ocorre o processo de ditongação. Conforme já anunciamos, esses dados são bem menos frequentes do que aqueles nos quais aparece a degeminação.

- (23) comia (*come-a*)
 ceistava / queistava (*que estava*)
 porquieque (*porque é que*)

Como podemos observar, a ditongação acontece quando a última vogal de uma palavra forma um ditongo com a vogal inicial da palavra seguinte. Para que isso ocorra, de acordo com Bisol (1996a,c), é necessário que uma das vogais seja alta, independentemente da sua posição. Nos poucos exemplos que encontramos, a ditongação acontece devido à elevação da vogal [e] que passa para [i].

Segundo Mateus (2006), no português, as vogais que se realizam como [ɛ], [e], [i] não estão plenamente especificadas quanto aos traços de altura no nível fonológico e, como regra geral, convergem para a vogal alta /i/, seja como vogal alta [-rec], [i], seja como a sua derivada [+rec], [i]. No PE, quando não acentuada, essa vogal apresenta variações na sua realização fonética, como em “bate” > [báti] / [bát]. No PB, a variação que se apresenta é, por exemplo, “doce” > [dóse] / [dósi].

A diferença na realização fonética, nas duas variedades do português, da vogal alta /i/, parece influenciar fortemente a escrita infantil. Com base em dados extraídos de textos produzidos por crianças de séries iniciais brasileiras e portuguesas, observamos que as primeiras apresentam alternância entre os grafemas ‘e’ e ‘i’, em palavras como “gente” > *genti*, com elevado número de ocorrências do segundo tipo. As crianças portuguesas, por sua vez, ou apagam

totalmente o segmento (“disse” > *diss*), ou escrevem-no corretamente, sendo raríssimos os dados em que grafam ‘i’ no lugar de ‘e’.

Em um estudo comparativo sobre o que fazem as crianças brasileiras e portuguesas em relação à grafia das vogais átonas, Monteiro e Miranda (2010) afirmam que, em relação às átonas finais, as grafias infantis parecem ser motivadas também pela pronúncia das palavras. Foram encontrados, em dados do PE, pouquíssimos erros relacionados à grafia da vogal coronal [i], uma vez que sua manifestação é [i] ou, então, é suprimida. No PB, ao contrário do PE, o grafema ‘i’ acontece frequentemente em substituição ao ‘e’.

A grande diferença entre as hipossegmentações, no PB e no PE, que apresentam processo de ditongação, parece ser justificada pelo que acabamos de expor. Enquanto as crianças brasileiras usam com mais frequência o grafema ‘i’ no final de palavra, as crianças portuguesas raramente o fazem, preferindo, em geral, a grafia correta, ‘e’. Por tudo isso, parece-nos, pois, natural que encontremos mais facilmente hipossegmentações com ditongação no PB do que no PE.

c) Haplologia

Tomando como referência o último grupo de processos fonológicos estudado por Tenani (2002), mostramos em (24) as segmentações nas quais se observam, na escrita, indícios de haplologia. Esse tipo de dado é bastante raro no *corpus* do PB e inexistente nos dados do PE.

- (24) a. *fiquerrendo* (*fique correndo*)
 b. *menetinha* (*minha netinha*)

Segundo Tenani (2002), a haplologia é um processo em que dois elementos adjacentes idênticos são proibidos, seguindo o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP)⁵³. A hipossegmentação que apresentamos em (24.a), pode ser considerada como tal devido à sua forma fonológica /fike koXeNdo/, embora do ponto de vista ortográfico não seja uma haplologia perfeita como temos em “o *macaco comeu* >

53. OCP- Obligatory Contour Principle: elementos adjacentes idênticos são proibidos (LEBEN, 1973; McCARTHY, 1986)

macacomeu”, por exemplo, pois as sílabas que sofrem o processo não são graficamente iguais.

A sequência apresentada em (24.b) também pode ser considerada como um dado que mostra indícios de tal processo, pois, de acordo com Crystal (1988, p.173), a haplologia é um termo usado para “indicar a omissão de alguns dos sons que ocorrem em uma sequência de articulações semelhantes”. A sequência evitada pela criança nessa hipossegmentação seria ‘nha nE’. Nesse caso, ambas as consoantes são nasais e ambas as vogais são baixas, portanto, uma “sequência de articulações semelhantes”. Outro aspecto interessante nesses dados, que abordaremos posteriormente, é a organização rítmica resultante da reestruturação silábica.

d) Epêntese e monotongação

Além dos processos fonológicos analisados por Tenani (2002) e Bisol (1996a,c, 2000) em dados de fala, tomamos também como referência outros dois processos que favorecem a formação de sílabas CV, quais sejam, a epêntese e a monotongação, descritos por Abaurre-Gnerre (1981). Em (25) apresentamos dados de escrita do PB em que esses processos se manifestam.

- | | | |
|------|--|---------------------------------|
| (25) | a. mesequeso (<i>me esqueço</i>) | c. calose (<i>calou-se</i>) |
| | b. osepantalho (<i>o espantalho</i>) | d. deitose (<i>deitou-se</i>) |

Na hipossegmentação em (25.a), além da degeminação da vogal [e], podemos também considerar a ocorrência de outro processo fonológico que favorece a estrutura silábica CV, o qual Abaurre-Gnerre (1981) interpreta como epêntese. A autora traz exemplos com a inserção de [i] entre sequências de consoantes (ex: *ad[i]vogado*). No caso do dado em (25.a), observamos um processo de juntura entre a palavra gramatical e a palavra fonológica, no qual aparece uma epêntese de [e] entre as consoantes ‘s’ e ‘q’ (“me esqueço” > *m[e]squeso* > *mes[e]queso*), caracterizando a busca do padrão silábico CV.

Embora consideremos a hipótese da degeminação seguida de epêntese como a mais provável para o dado em (25.a), não podemos deixar de mostrar outra possível interpretação para ambos os dados apresentados em (25), a qual parte da hipótese de que a criança usou um recurso considerado como metátese, em que a posição dos segmentos da sílaba é invertida com a intenção de obter uma sílaba CV. A metátese pode ter ocorrido tanto por motivação fonológica, quanto por motivação ligada ao efeito das práticas de alfabetização. Nas escolas, em geral, trabalha-se com “famílias silábicas” no início da escolarização.

Além do processo de epêntese, Abaurre-Gnerre (1981) também descreve processos de monotongação como favorecedores do ritmo silábico. Esse tipo de ocorrência pode ser observado nos dados em (25.c,d), nos quais a criança reduz o ditongo ‘ou’ a ‘o’, mais uma vez buscando o padrão de sílaba CV, visto que existe um contexto favorável para aplicação do processo. Segundo a autora, estruturas silábicas do tipo CV podem ser consideradas como típicas do padrão rítmico silábico.

No PE são muito raros os dados de hipossegmentação em que há monotongação, os quais, assim como no PB, ocorrem quase sempre nos verbos do pretérito perfeito, como em (26). Em contrapartida, não achamos, na variedade lusitana, nenhum dado em que ocorresse a epêntese nas fronteiras vocabulares.

- (26) fecholhe (*fechou-lhe*)
 entroacapuchinho (*entrou a capuchinho*)

É importante ressaltarmos que esses dois últimos processos não ocorrem apenas nas fronteiras vocabulares, sendo, inclusive, mais frequentes no interior da palavra. Não nos ocuparemos, porém, com esse tipo de análise uma vez que ultrapassaria o objetivo desse estudo.

4.3 Influência do acento prosódico nas segmentações não-convencionais da escrita

Nesta seção, apresentaremos, nas duas variedades do português, dados de hipossegmentação, hipersegmentação e híbridos a partir dos quais pretendemos analisar a influência do acento prosódico sobre tais segmentações, bem como sua relação com o ritmo. Como fundamentação teórica para essas análises, lançamos mão principalmente dos trabalhos de Bisol (1996b, 2000b), Collischonn (1994) e Abaurre e Galves (1998).

Bisol (2000b), considerando o PB como uma língua de ritmo misto, porém, com forte propensão para o silábico, salienta a importância do troqueu silábico no sistema fonológico. Quanto ao acento primário no português, a autora ressalta que, mesmo em outras análises de diferentes teóricos, o troqueu silábico é percebido como um dos elementos básicos da língua. Para Bisol (2000b), o acento secundário é um elemento importante para a determinação do ritmo de uma língua.

No PB, o acento secundário é determinado por pés binários de cabeça à esquerda, portanto, troqueus silábicos. Devemos considerar que esses pés se organizam sem levar em conta o peso da sílaba. De acordo com Collischonn (1994), a colocação do acento secundário poderá variar dependendo do número de sílabas: para um número par de sílabas, existe somente uma opção (27.a); para um número ímpar, poderá haver ritmos alternantes (27.b).

- (27) a. (bor.bo.) lé.ta b. di.(mi.nu.) tí.vo ~ (di.mi.) nu.tí.vo
 (* .) (* .) (* .)

Essa possibilidade de ritmos alternantes é o diferencial na proposta de Abaurre e Galves (1998)⁵⁴, pois, segundo as autoras, a localização do acento secundário é diferente no PB e no PE. No que concerne a palavras com três sílabas pretônicas o PB, normalmente, obedece à contagem binária (28.a), enquanto no PE há uma tendência em acentuar o início da palavra (28.b). No caso de palavras com

54. Lembramos, conforme vimos na fundamentação teórica, que a proposta de Abaurre e Galves (1998) está fundamentada em uma abordagem otimalista e minimalista, ao passo que a proposta de Collischonn (1994) sobre o acento fundamenta-se na fonologia métrica.

duas sílabas pretônicas, tanto o PB quanto o PE, conforme vimos em Collischon (1994), terão o acento secundário na primeira sílaba (28.c,d). A diferença entre um e outro se deve ao fato de o PE tender à redução vocálica na primeira sílaba.

- | | |
|--------------------------------|-----------------------------|
| (28) a. cla.(ssi.fi.) cár (PB) | b. (cla.ssi.) fi.cár (PE) |
| (* .) | (* .) |
| c. (re.fe.) rén.cia. (PB) | d. (r(e).fe.) rén.cia. (PE) |
| (* .) | (* .) |

Partindo das ideias recém apresentadas sobre o acento em português passaremos à análise dos dados de segmentação não-convencional da escrita no PB e no PE.

a) Hipossegmentações

Em (29), apresentamos hipossegmentações que aparecem com maior frequência no PB, nas quais o acento se apresenta na forma de dois pés binários. Alguns desses dados já foram referidos nesta pesquisa, por serem exemplares de outros aspectos linguísticos analisados.

- | | |
|--|---|
| (29) a. poringanto (<i>por enquanto</i>) | d. cimcontrava (<i>se encontrava</i>) |
| b. daszamigas (<i>das amigas</i>) | e. mesequeso (<i>me esqueço</i>) |
| c. tinchergava (<i>te enxergava</i>) | f. miacordava (<i>me acordava</i>) |

As hipossegmentações que mostramos em (29) são resultado da junção entre uma palavra gramatical e uma fonológica, as quais formam palavras polissílabas, compostas por quatro sílabas, nesse caso, dois pés binários, do tipo troqueu silábico.

Em (29.a) e (29.b), essas junções ocorrem por meio de processos de reestruturação silábica, ressilabação de [r] em coda e vozeamento da fricativa. Em ambos os dados, a palavra gramatical, a princípio átona, com a reestruturação das sílabas dentro da estrutura hipossegmentada, passa a receber um acento

inverte a sequência de segmentos na sílaba na busca de uma estrutura CV; em (33.b), podemos concluir que, após a degeminação, houve uma epêntese de [e], para formação de mais uma sílaba que completaria o pé binário.

(32) a. (me.es.) qué. ço > (me.se.) qué.so
(* .) (* .)

b. (me.es.) qué. ço > m[e]s. qué.so > (me.se.) qué.so
(* .) (* .)

Essa aparente preferência pela intercalação de tempos fortes e fracos no PB verifica-se também em estruturas prosódicas hierarquicamente maiores do que a palavra fonológica ou o grupo clítico. Apresentamos, a seguir, hipossegmentações que formam frases fonológicas, resultantes da juntura entre duas palavras fonológicas ou entre mais de duas palavras. Em (33.a,b,c), temos as respectivas frases com pés binários escandidos e, em (33.a',b',c'), apresentamos a grade rítmica correspondente⁵⁵ (cf. BISOL, 2000b).

(33) a. fiquerrendo (*fique correndo*)
(fi.que.) co. (rrén.do.) > (fi.que.) (rrén.do.)

a'. fi. que. co. rren. do.	>	fi. que. rren. do	
x x x x x		x x x x	linha 0
x x x		x x	linha 1
x		x	linha 2

55. A grade rítmica segue a proposta de Prince (1983), em que, no nível zero, assinalam-se todos os elementos que por natureza são candidatos a receber acento e, nos níveis subsequentes, as posições rítmicas mais fortes, marcando-se, na última linha, a posição mais forte de todas.

b. menetinha (*minha netinha*)

(mì.nha.) ne. (tí.nha.) > (mè.ne.) (tí.nha.)

b'. mi. nha. ne. ti. nha. > me. ne. ti. nha.

x	x	x	x	x	x	x	x	x	linha 0
x			x		x		x		linha 1
			x				x		linha 2

c. parumgato (*para um gato*)

(pà.ra.) um. (gá.to.) > (pà.rum.) (gá.to.)

c'. pa. ra. um. ga. to. > pa. rum. ga. to.

x	x	x	x	x	x	x	x	x	linha 0
x			x		x		x		linha 1
			x				x		linha 2

Nas frases apresentadas em (33), observamos que houve reestruturação por meio de processos fonológicos – haplologia (33.a,c) e elisão (33.e) –, em que uma das sílabas foi eliminada, restando, pois, dois pés troqueus. Segundo Bisol (2000b, p.412), “frases declarativas neutras, ou seja, frases sem focos de conteúdo pragmático ou semântico tendem a formar troqueus silábicos”. A sequência de dois troqueus silábicos consecutivos faz com que a frase adquira maior regularidade rítmica.

Juntem-se a esses dados outros de natureza semelhante, como “foi-se embora” > *focimbora*, “com a varinha” > *coavarinha* e “daqui a pouco” > *decapoco*. Todos sofrem processos fonológicos que permitem a reestruturação da frase de modo que resultem dois pés binários, nesses casos, troqueus silábicos.

Encontramos no *corpus* outra hipossegmentação – *mucuidado* para “muito cuidado” –, em que a criança junta duas palavras fonológicas e, novamente, o resultado é uma estrutura com dois troqueus silábicos. No entanto, nenhum dos processos fonológicos aqui descritos e representados em (33), referentes à formação de frase fonológica, é capaz de explicar o apagamento da sílaba ‘to’, uma vez que ela não sofre nenhum processo de reestruturação silábica capaz de reduzir

a quantidade de sílabas, como vimos nas demais estruturas. Optamos, portanto, por olhar para esse dado como se fosse uma palavra composta.

Ao analisarmos essa hipossegmentação como palavra composta, devemos levar em conta que o total da estrutura tem um número ímpar de sílabas, o que resultará na formação de constituintes degenerados. Fundamentamos nossa análise no modelo de Halle e Vergnaud (1987), no qual a atribuição do acento deve preencher duas condições: Condição de Exaustividade – nenhum elemento do domínio deve ficar fora de constituinte – e Condição de Sinceridade – todo constituinte deve ter um cabeça. Em (34), apresentamos a grade métrica inicial da sequência “muito cuidado”.

- (34) [mui.to.] + [cui.da.do.] acento primário
 * *
 mui.to.cui.da.do acento secundário
 (*) (*) (*) (*) (*)
 * * . * .
 *

Conforme podemos observar em (34), a aplicação do modelo de Halle e Vergnaud (1987), para a marcação do acento secundário, produz um choque, no início da palavra, entre o cabeça do constituinte degenerado e o cabeça do constituinte binário. Não havendo espaço para que o acento se movimente, um dos dois terá de ser apagado. Para eliminar estruturas mal-formadas, Haraguchi (1991) invoca o princípio *Evite Choque*, operacionalizado pela regra *Apague α* , conforme apresentamos em (35).

- (35) a. mui.to.cui.da.do > b. mu.cui.da.do
 (*) (*) (*) (*) (*) (* .) (* .)
 * . . * .

O que demonstramos, em (35.a), é a grade métrica resultante da aplicação do princípio *Evite Choque* (cf. HARAGUCHI, 1991). Embora a regra *Apague α* não tenha direcionalidade, podendo o acento recair sobre qualquer uma das duas

sílabas candidatas, no caso particular de palavras compostas, os acentos primários de cada membro devem ser mantidos. Portanto, podemos inferir que, na hipossegmentação resultante da sequência “muito cuidado” – não havendo possibilidade de realizar um dos processos fonológicos como os que descrevemos anteriormente, e sendo obrigatória a manutenção da sílaba tônica ‘mui’ > ‘mu – houve, pois, um apagamento total da sílaba ‘to’, reforçando a preferência pela formação de estruturas trocaicas, conforme apresentamos em (35.b).

Em (36), apresentamos hipossegmentações retiradas do *corpus* do PE que unem uma palavra gramatical e uma fonológica, (PG+PF). Conforme já vimos na seção anterior deste capítulo, esse tipo de juntura deveria oferecer um contexto mais favorável ao surgimento de processos fonológicos; no entanto, não observamos tais evidências nas fronteiras vocabulares nos dados do PE.

- | | | |
|------|---|--|
| (36) | a. <i>poraquele</i> (<i>por aquele</i>) | b. <i>sexamava</i> (<i>se chamava</i>) |
| | <i>poreste</i> (<i>por este</i>) | <i>ocassador</i> (<i>o caçador</i>) |
| | <i>porisso</i> (<i>por isso</i>) | <i>ucapuxino</i> (<i>o capuchinho</i>) |

Em (36.a), as hipossegmentações têm, como palavra gramatical, o clítico “por” associado a uma palavra fonológica iniciada por vogal. Encontramos nesse tipo de fronteira vocabular o processo de ressilabagem de [r] em coda. No primeiro dado – *poraquele* –, após a reestruturação silábica, a primeira sílaba da palavra recebe um acento secundário e formam-se, portanto, dois troqueus silábicos, conforme mostramos em (37).

- (37) (po.ra.) qué. le.
(* .)

Nos outros dois dados em (36.a) – *poreste* e *porisso* –, embora também haja uma reestruturação silábica, as palavras que se formam possuem apenas uma sílaba pretônica, não havendo, *a priori*, contexto para a ocorrência de acento secundário. Por conseguinte, não podendo haver formação de dois troqueus silábicos, o que se nos apresenta é a formação de duas palavras trissílabas e paroxítonas com um pé de cabeça medial (cf. BISOL, 1996b).

Em (36.b), apresentamos hipossegmentações encontradas no *corpus* do PE em que a palavra gramatical é um pronome ou um artigo definido. No primeiro dado – *sexamava* –, temos, novamente, a formação de uma palavra com dois troqueus silábicos, da mesma forma que o dado em (37). Nas outras duas hipossegmentações – *ocassador* e *ucapuxino* –, formam-se palavras com três sílabas pretônicas. Segundo Abaurre e Galves (1998), nesse tipo de caso, o PE, diferentemente do PB, de modo geral, acentua a primeira sílaba da palavra, conforme apresentamos em (38).

- (38) a. (o.ca.ssa.) dór.
(* . .)
- b. (u.ca.pu.) xí.no
(* . .)

De acordo com o que vimos em Collischonn (1994), quando a palavra apresenta um número ímpar de sílabas, existe a possibilidade de alternância na determinação do acento secundário. Em ambas as variedades do português, essa diferença é uma marca importante para a implementação desse acento. Podemos inferir, com base nos estudos de fala, que uma hipossegmentação do mesmo tipo, com três sílabas pretônicas, apresenta grades métricas diferentes para o PB (39.a) e para o PE (39.b).

- (39) a. ochapeuzinho (*o chapeuzinho*)
o.(cha.peu.) zí.nho
(* . .)
- b. ucapuxino (*o capuchinho*)
(u.ca.) pu.xí.no
(* . .)

Nos dados em (39), temos palavras formadas pelo sufixo *–zinho* ou *–inho*, ambos portadores de acento primário. No dado em (39.a), podemos considerar a existência de uma palavra composta. Quando isso ocorre, temos dois acentos primários adjacentes, o que não é tolerável no português, havendo necessidade de uma reorganização rítmica da estrutura. De acordo com Abaurre e Galves (1998),

em estruturas desse tipo, o PB e o PE apresentam soluções diferentes para a implementação do acento secundário.

Uma vez que o PB, para determinação do acento secundário, tende a preservar pés binários (cf. CARVALHO, 1988/1992), a representação em (39.a) nos parece ser a mais adequada. O que ocorre em relação a esse dado é a aplicação da Regra Rítmica (cf. LIBERMAN e PRINCE, 1977) ou *Mova α* (cf. HARAGUCHI, 1991), em que um dos acentos em posição de choque é deslocado para uma posição de não-choque. A Condição de Adjacência (cf. HARAGUCHI, 1991) exige que o acento seja movido para o cabeça mais próximo, de acordo com a representação em (40).

$$\begin{array}{ccccc}
 (40) & \text{o.cha.peu.zi.nho.} & \longrightarrow & \text{Mova } \alpha & \longrightarrow & \text{o. cha.peu.zi.nho.} \\
 & \begin{array}{cccc}
 (*) & (*) & (*) & (*) \\
 . & . & * & * \\
 & & & *
 \end{array} & & \begin{array}{cccc}
 (*) & (*) & (*) & (*) \\
 . & * & . & * \\
 & & & *
 \end{array}
 \end{array}$$

A sequência “o capuchinho”, em (39.b), hipossegmentada como *ucapuxino*, pode ser considerada igual às estruturas encontradas no *corpus* analisado por Abaurre e Galves (1998), em que palavras com duas sílabas pretônicas tinham, no PE, o acento secundário sobre a palavra gramatical monossilábica que as precedia. Nesse estudo, as autoras constataram que, para sequências iguais, como “de referência”, o acento secundário assumia posições diferentes no PB, (41.a), e no PE, (41.b).

$$\begin{array}{cc}
 (41) & \text{a. de.(re.fe.) rén.cia} & \text{b. (de.re.)fe.rén.cia} \\
 & \begin{array}{c} (*) \quad . \end{array} & \begin{array}{c} (*) \quad . \end{array}
 \end{array}$$

O que apresentamos em (41) nos dá embasamento para inferirmos que a implementação do acento secundário em *ochapeuzinho* e *ucapuxino* possuem grades métricas diferentes, conforme mostramos em (39).

Outro tipo de dado, que encontramos nos textos das crianças portuguesas, é resultante da junção entre uma palavra fonológica e uma gramatical, como em (42). De acordo com o que já vimos, esse é o tipo de hipossegmentação mais frequente no PE. Tanto nesses dados quanto nos demais, encontramos poucas evidências de

processos fonológicos nas fronteiras vocabulares, como as que apresentamos na seção anterior referentes aos dados do PB.

- | | | |
|------|------------------------------------|-------------------------------------|
| (42) | a. abrasarte (<i>abraçar-te</i>) | b. chamavase (<i>chamava-se</i>) |
| | fenchiuse (<i>fingiu-se</i>) | contaronlhe (<i>contaram-lhe</i>) |
| | mandoulhe (<i>mandou-lhe</i>) | faltame (<i>falta-me</i>) |

As hipossegmentações que mostramos em (42) são resultantes da junção entre um verbo e um pronome. Em (42.a), os verbos que eram oxítonos, com a junção do clítico, transformam-se em palavras paroxítonas, enquanto em (42.b), os verbos que eram inicialmente paroxítonos, tornaram-se proparoxítonos. O importante é que em nenhum caso a regra das três janelas, para o acento em português, é infringida. Isso ocorre tanto em dados do PE quanto do PB.

Embora a junção entre verbo e pronome seja a mais frequente no PE, as hipossegmentações como PF+PG apresentam outro tipo de ocorrência, como mostramos em (43), dados que parecem diretamente ligados a questões de ritmo, as quais serão discutidas no capítulo seguinte.

- (43) a. parate (*para te*)
 boca tão grade **parate** comer melhor
- b. perguntouque (*perguntou que*)
 O capuchinho **perguntouque** olhos tão grandes

Como podemos observar em (43), pelo contexto sintático das frases de que fazem parte, as palavras gramaticais, 'te' e 'que', à direita das palavras fonológicas, 'comer' e 'olhos', deveriam estar ligadas a essas palavras fonológicas. No entanto, elas seguem o efeito de direcionalidade (cf. CARVALHO, 1989) e formam troqueus silábicos com a palavra anterior (cf. ABAURRE & GALVES, 1998).

b) Hipersegmentações

As hipersegmentações que encontramos nos textos das crianças portuguesas e das brasileiras são muito semelhantes quanto ao tipo de dado e à influência que sofrem do acento, razão pela qual optamos por mostrá-las simultaneamente.

Para ambas as variedades do português, dois tipos de hipersegmentação são os mais relevantes nos *corpora* desta pesquisa. Nas do primeiro tipo, o espaço é inserido de maneira a formar uma palavra gramatical e uma palavra fonológica, enquanto nas do segundo tipo, a inserção do espaço resulta em duas palavras fonológicas. Apresentamos, em (44), dados do primeiro tipo.

(44)	PB	PE
	a onde (<i>aonde</i>)	a migo (<i>amigo</i>)
	em bora (<i>embora</i>)	as neiras (<i>asneiras</i>)
	e lastico (<i>elástico</i>)	en rado (<i>errado</i>)
	su bimo (<i>subimos</i>)	de pressa (<i>depressa</i>)
	xa mado (<i>chamado</i>)	o relha (<i>orelha</i>)

Consideramos como palavra fonológica não só aquelas que possuem significado lexical, mas também todas as estruturas que possuem acento primário. Observando que, nos dados apresentados em (44), a maioria das palavras fonológicas forma palavras dissílabas e paroxítonas, podemos constatar a influência do troqueu silábico como forte motivador dessas hipersegmentações.

Nos três primeiros dados do PB – *a onde*, *em bora*, e *lastico* –, assim como em todos do PE, podemos considerar que haja, também, a influência do reconhecimento das palavras gramaticais “a”, “as”, “em”, “e”, “de” e “o”. No entanto, no dado *su bimo*, do PB, parece ficar mais claro que o troqueu silábico é o motivador da segmentação, visto que a sílaba deixada à esquerda – *su* – não é um clítico da língua e tampouco *bimo* é uma palavra lexical. Na hipersegmentação *xa mado*, mesmo considerando uma possível interpretação da sílaba *xa* como palavra lexical (chá), não podemos deixar de reconhecer também o pé troqueu – *mado* – como forte motivador da inserção do espaço na estrutura. Nos dados do PE, embora todas

as palavras que ficam à esquerda sejam clíticos da língua, apenas “pressa”, das que ficam à direita, poderia ser considerada como lexical. As demais – *migo*, *neiras*, *rado*, *relha* (essa última é uma palavra lexical, mas certamente não deve fazer parte do universo destas crianças) – podem facilmente ser reconhecidas como um troqueu silábico.

Chacon (2005), em estudo no qual empregou palavras trissílabas, constatou a preferência por parte das crianças em separar essas palavras de modo a formar a combinação de uma sílaba e um pé métrico, o qual pode ser, segundo o autor, um pé iambo, troqueu ou espondeu, conforme mostram, respectivamente, os exemplos: *com vido* (convidou), *e Rita* (irrita) e *a sucar* (açúcar). Encontramos, nos dados do PB e do PE, hipersegmentações como *can guru* (“canguru”), *a rangor* (“arrancou”), *em cotrou* (“encontrou”) ou *a cabou* (“acabou”) as quais, assim como nos dados de Chacon (2005), preservam pés que não são troqueus. Esses dados são de baixa frequência, sendo a grande maioria das hipersegmentações presentes nos *corpora* aquelas que preservam o pé do tipo troqueu silábico.

No dado *e lastico*, temos a formação de um pé dátilo ou ternário, do qual se origina uma palavra proparoxítona (BISOL, 1996b). Entretanto, se tomamos como base a análise métrica para o acento primário, segundo Bisol (1992), mesmo no pé dátilo está o troqueu silábico, uma vez que, em palavras com acento na terceira sílaba (proparoxítonas), deve-se considerar a sílaba final como extramétrica, como, por exemplo, *e lasti<co>*. Por conseguinte, podemos supor a formação de um troqueu silábico: *lasti*.

Nas hipersegmentações em (45), a inserção do espaço é feita de maneira a formar duas estruturas que podem ser interpretadas como palavras fonológicas, já que podemos constatar, em cada uma delas, a presença de um acento. Nos três primeiros dados do PB – *mara vilha*, *resol fero*, *perso nagem* – e do PE – *bola chinhas*, *capo cinho*, *entre tanto* –, observamos a divisão de palavras polissílabas em duas palavras dissílabas e paroxítonas. Abaurre (1991) aponta para essa preferência das crianças em fase de aquisição da escrita. A autora também registra dados de palavras trissílabas e paroxítonas, como pode ser considerada a primeira parte segmentada de *conjunti vite* (PB).

(45)	PB	PE
	mara vilha (<i>maravilha</i>)	bola chinhas (<i>bolachinhas</i>)
	resol fero (<i>resolveram</i>)	capo chinho (<i>capuchinho</i>)
	perso nagem (<i>personagem</i>)	entre tanto (<i>entretanto</i>)
	conjunti vite (<i>conjuntivite</i>)	desfar ssado (<i>disfarçado</i>)

No dado *mara vilha*, podemos considerar que tenha havido, por parte da criança, o reconhecimento do nome “Mara” como outro fator de motivação para a inserção do espaço, porém, nos demais exemplos do PB, o troque silábico parece ser o mais importante motivador da segmentação, visto que as palavras formadas não possuem significado lexical. No dado *resol fero*, temos em *resol* a formação de um pé espondeu, cujo acento prosódico encontra-se na sílaba da esquerda e sua contraparte fraca constitui-se por uma sílaba pesada.

Os dois primeiros dados do PE têm uma forte motivação para a inserção do espaço, qual seja, a presença do sufixo indicador de diminutivo. Segundo Bisol (1994), alguns sufixos, como *–mente* ou *–zinho*, podem ser considerados como palavras, uma vez que possuem acento primário. No terceiro dado, as duas palavras que se formam possuem significado no léxico. As demais estruturas – *capo* e *ssado* – não são palavras lexicais, mas troqueus silábicos. Embora não deixemos de reconhecer que a estrutura *ssado* apresenta também característica de sufixo, não podemos desconsiderar a semelhança com a palavra lexical “assado”. Em *desfar* temos novamente um pé espondeu.

Em (46), apresentamos duas hipersegmentações, retiradas dos textos de crianças brasileiras, nas quais a palavra fonológica que fica à direita é diferente das que vimos até agora. Temos, pois, nesses casos, palavras polissílabas.

- (46) en vergonhada (*envergonhada*)
 ar partamento (*apartamento*)

Nesses dois dados em (46), as palavras são polissílabas com um número ímpar de sílabas. Seguindo a ideia de que o PB, para implementação do acento secundário, obedece sistematicamente a uma contagem binária (cf. CARVALHO, 1988/1992), podemos inferir que essa seja uma motivação forte para a

hipersegmentação, a qual concorre com o reconhecimento da palavra gramatical “em”, no primeiro dado, e a palavra fonológica “ar”, no segundo. Em consequência da determinação do acento secundário, temos, à direita das estruturas, uma palavra fonológica formada por dois troqueus silábicos, conforme mostramos em (47).

(47) en.(ver.go.) nhá.da > en vergonhada
(* .) (PG) (PF)

ar.(par.ta.) mén.to > ar partamento
(* .) (PG) (PF)

A palavra “especialmente”, também encontrada no *corpus* do PB e hipersegmentada como *es pesia mete*, reforça a ideia de que a criança esteja possivelmente sendo motivada pela presença de dois troqueus silábicos, uma vez que a sílaba ‘es’ não é um clítico da língua.

c) Híbridos

A princípio, consideramos os híbridos como dados em que a criança primeiro hipossementa uma sequência para depois hipersegmentá-la, de acordo com os exemplos em (48), tanto para dados do PB (48.a) quanto para os do PE (48.b). Para fazermos essa afirmativa, fundamentamo-nos no fato de que as duas variedades do português apresentam um número mais elevado de hipossegmentações do que de hipersegmentações.

(48) a. tes quese (*te esquece*)
te esquece > t[e]squece > tesquece (hipossegmentação)
tesquece > tes quese (hipersegmentação)

b. as pera (*a espera*)
a espera > a(e)spera > aspera (hipossegmentação)
aspera > as pera (hipersegmentação)

No dado do PB, (48.a), a palavra gramatical junta-se à palavra fonológica por meio de um processo de degeminação da vogal coronal [e], enquanto no PE, (48.b), quando há a hipossegmentação, ocorre uma redução vocálica do [e]. O primeiro é um processo fonológico que acontece nas duas variedades do português, embora com mais frequência no PB, enquanto o segundo é um processo característico da fala lusitana. Em ambos os dados, a estrutura que fica à direita é um troqueu silábico.

Como constatamos por meio da análise desses dois casos, em relação ao acento, os híbridos não apresentam diferença quanto aos dados de hipo e hipersegmentação já analisados. Em ambas as variedades do português, há processos fonológicos nas fronteiras vocabulares e uma clara preferência pela manutenção de um pé binário, em especial o troqueu silábico, quando da separação da estrutura hipossegmentada. Em (49), trazemos mais exemplos de híbridos.

(49)	PB	PE
	a. asza migas (<i>as amigas</i>)	d. pura quele (<i>por aquele</i>)
	b. daes toria (<i>da história</i>)	e. escond deuce (<i>escondeu-se</i>)
	c. seas sostou (<i>se assustou</i>)	f. ves tiuse (<i>vestiu-se</i>)

Observamos, nesses dados, estruturas de palavras polissílabas divididas em duas palavras fonológicas, à exceção de (49.f), em que a primeira palavra é um monossílabo e as demais formam pés binários. A preferência por um dissílabo fica mais evidente em dados como (49.b,c), em que o mais comum nas hipossegmentação, quando há esse contexto entre as fronteiras vocabulares, é que seja feita a ditongação. No entanto, a criação de um hiato em (49.b) e sua manutenção em (49.c) parecem demonstrar que a criança prefere usar um encontro vocálico, quase sempre evitado, para manter uma palavra dissílaba, ou seja, um pé binário.

4.4 Considerações finais

Para concluir este capítulo, retomamos o objetivo que estabelecemos com a descrição e análise dos dados apresentadas ao longo das últimas páginas. Nossa proposta foi verificar a possibilidade do estabelecimento de relação entre os dados de segmentação não-convencional da escrita – hipossegmentações, hipersegmentações e híbridos – e três aspectos linguísticos estudados pela fonologia: os constituintes prosódicos, os processos fonológicos e o acento.

Na primeira seção, descrevemos e comparamos os processos de segmentação não-convencional encontrados em textos das séries iniciais de crianças portuguesas, à luz da teoria dos constituintes prosódicos (cf. NESPOR e VOGEL, 1986), e os comparamos a dados de mesma natureza encontrados em textos de crianças brasileiras. Dessa seção, concluímos que os constituintes prosódicos que motivam as segmentações não-convencionais no PB e no PE são basicamente os mesmos. Nas hipossegmentações, temos maior motivação dos constituintes mais altos da hierarquia: palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado. As hipersegmentações sofrem a influência dos constituintes mais baixos: pé do acento e sílaba. Por fim, os híbridos parecem ser motivados, em primeiro lugar, pela palavra fonológica e pelo grupo clítico e, em segundo, pelo pé do acento e pela sílaba.

A estrutura silábica é uma importante propriedade fonética e fonológica para a determinação de diferenças rítmicas entre as línguas (cf. DAUER, 1983). Por conseguinte, na segunda seção, analisamos, nos dados de hipossegmentação e híbridos, do PB e PE, processos fonológicos diretamente ligados às reestruturações silábicas – vozeamento da fricativa, *tapping*⁵⁶ e haplologia (cf. TENANI, 2002); degeminação, elisão e ditongação (cf. BISOL, 1996a,c, 2000b e TENANI, 2002); monotongação e epêntese (cf. ABAURRE-GNERRE, 1981).

O que de importante concluímos nessa seção foi que, nas segmentações não-convencionais do PB, acontecem todos os processos fonológicos citados, enquanto no PE não encontramos nem o processo de haplologia nem o de elisão. Também é importante referir que, proporcionalmente, os processos fonológicos que

56. Renomeamos esse processo, para melhor atender às nossas análises, tratando-o como “ressilabação de [r] em coda”.

ocorrem em ambas as variedades do português são muito mais frequentes no PB do que no PE.

Segundo Dauer (1983), as línguas de ritmo silábico são constituídas de menos variedades de tipos de sílabas. Portanto, de acordo com a análise que fizemos, podemos inferir que, se os processos descritos visam a uma regularidade silábica, sendo o PB a variedade em que isso ocorre com mais frequência, então, os dados de escrita apontariam para uma concordância com os pesquisadores que afirmam ser o PB uma língua de ritmo misto com forte tendência ao silábico (cf. BARBOSA, 2000; BISOL, 2000b; TENANI, 2002; dentre outros).

Na última seção, analisamos a forma como se apresenta o acento nas segmentações não-convencionais da escrita, tanto no PB quanto no PE e, para tal, fundamentamo-nos, principalmente, em Bisol (1996a,b,c, 2000b), Collischonn (1994) e Abaurre e Galves (1998). De acordo com Bisol (2000b), uma vez que o acento primário é igual em ambas as variedades do português, parece ser o acento secundário o elemento mais importante na determinação do ritmo de uma língua.

Em nossa análise, verificamos que há possibilidade de inferir a provável diferença de implementação do acento secundário, no PB e no PE, em dados de hipossegmentação, ao mesmo tempo em que comprovamos a relevância do pé do acento, em especial o troqueu silábico, nos dados de hipersegmentação e híbridos. Demonstramos também que, em estruturas que formam frases fonológicas, existe, no PB, um ajuste na implementação do acento secundário em busca de maior regularidade na grade rítmica. Mais uma vez, podemos afirmar que os dados de escrita vão ao encontro dos argumentos desenvolvidos pela fonologia em relação à diferença rítmica entre o PB e o PE.

Interessa-nos, todavia, aprofundarmos um pouco mais as possibilidades de demonstrar que a escrita é capaz de proporcionar evidências do ritmo linguístico. Para tanto, no próximo capítulo, retomaremos dados que deixamos, intencionalmente, pelo caminho.

Voltando à primeira seção deste capítulo, na qual analisamos a relação dos constituintes prosódicos com as segmentações não-convencionais da escrita, concluímos que uma das principais diferenças entre as duas variedades do

português está na “direcionalidade” com que o clítico se associa à palavra de conteúdo, proclítico no PB e enclítico no PE (cf. CARVALHO, 1989).

Para expandir nossa análise, fundamentamos o capítulo seguinte no “dado singular”, cuja singularidade advém, segundo a concepção de Abaurre (1999), do fato de ser este um dado capaz de “revelar”, de ser o que nos conduz ao *insight*. A partir dele, buscamos outros que possam comprovar a hipótese ou hipóteses que nele se apresentam.

Pretendemos, portanto, com a continuidade de nossas análises, reforçar a hipótese de que a escrita inicial é capaz de mostrar evidências relativas à diferença rítmica entre o PB e o PE.

5 EVIDÊNCIAS DO RITMO NOS DADOS DE ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

Conforme anunciamos no final do capítulo anterior, nosso principal interesse é o aprofundamento da discussão dos dados de segmentações não-convencionais, extraídos de textos de séries iniciais de crianças brasileiras e portuguesas, os quais se constituem em evidências sobre o ritmo linguístico, mais especificamente, sobre a diferença entre o ritmo do PB e do PE.

A análise dos constituintes prosódicos que podem motivar as segmentações não-convencionais da escrita, a descrição dos processos fonológicos que ocorrem nas fronteiras vocabulares das hipossegmentações e dos híbridos e, por fim, o estudo da relação entre o acento primário e secundário com as estruturas indevidamente segmentadas, tanto no PB quanto no PE, oferecem elementos para confirmar a influência da fala na escrita e para apontar indícios à interpretação do ritmo linguístico.

Esperamos, todavia, ir mais além, sem perder de vista a especificidade de cada um dos processos que abordamos – aquisição da escrita e fala. Temos consciência de que tratar de evidências rítmicas, em dados de escrita, requer um olhar ainda mais atento aos detalhes, uma vez que estamos imersos em um sistema – a escrita – composto por regras e normas, com as quais a criança, desde muito cedo, tem contato, mesmo que de maneira informal.

Nosso olhar volta-se, mais do que nunca, aos “vazamentos” (cf. ABAURRE, 1999) da fala na escrita, por acreditarmos que as evidências rítmicas são ainda mais sutis do que os demais aspectos linguísticos já analisados. Não devemos perder de vista que tais evidências podem se sustentar mesmo que haja um contra-exemplo. Reforçamos, pois, ser o próprio sistema da escrita, e o letramento em si, a motivação, aparentemente, mais representativa nesse processo como um todo, além

do que nossa matéria-prima é o texto espontâneo e, como tal, entendemos que seja o registro da flutuação inicial de um sistema em aquisição.

Seguindo esse mesmo raciocínio, aproveitamos para justificar como serão apresentados os dados neste último capítulo. Embora, muitas vezes, apresentemos a linha do texto, ou mesmo um trecho do texto em que a segmentação indevida acontece, analisaremos, preferencialmente, apenas a frase fonológica na qual o dado está inserido ou, caso seja relevante para a análise em desenvolvimento, fragmentos um pouco maiores. Optamos por esse recorte em razão de acreditarmos que, por se tratar de texto escrito, apenas o dado em si, e o que lhe é adjacente, seja pertinente para a análise de evidência rítmica. Se ultrapassássemos esse limite, estaríamos tentando atribuir evidências rítmicas ao texto como um todo, o que iria na contra-mão do que temos afirmado. Portanto, é com base nesses pressupostos que seguimos nossas análises.

Ao longo de nossa pesquisa, constatamos que o tipo de estrutura que apresenta maiores dificuldades para as crianças, em ambas as variedades do português, é aquele que envolve uma palavra gramatical e outra fonológica, tanto na sua forma PG+PF quanto PF+PG. Para reforçar nosso achado, encontramos apoio em pesquisadoras da área da aprendizagem, bem como da fonologia.

Em relação à aprendizagem, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que as crianças, em fase de aquisição da escrita, apresentam muita dificuldade em reconhecer como palavra estruturas de uma ou duas letras, preferindo associá-las à palavra de conteúdo adjacente. Na área da fonologia, quanto à aquisição da linguagem oral, Abaurre, Galves e Scarpa (1999) também registram essa mesma dificuldade de as crianças reconhecerem palavras gramaticais, uma vez que não são portadoras de acento. Portanto, a tendência é que sejam interpretadas como uma sílaba pretônica da palavra adjacente, no caso específico do PB.

Retornando aos resultados iniciais de nossa análise comparativa entre o PB e o PE, constatamos que uma das principais diferenças entre os dados das crianças brasileiras e lusitanas está na direção em que a palavra gramatical associa-se à palavra fonológica, ou seja, no PB, o maior contingente de dados de hipossegmentação encontra-se classificado como PG+PF, enquanto no PE, temos justamente o contrário, PF+PG. Essa preferência pode estar diretamente ligada à

“direcionalidade” com que o clítico se associa à palavra de conteúdo, segundo Carvalho (1989), proclítico no PB e enclítico no PE.

Esse fato em nada nos surpreenderia se estivesse associado apenas a dados que envolvessem a relação entre verbo e pronome, como em “te ver”, para o PB, e “ver-te”, para o PE, uma vez que essa é estrutura sintática coloquial da fala de cada uma das variedades do português. Como era de se esperar, uma vez que constatamos com clareza a influência da fala na escrita, esse tipo de dado é o mais frequente entre os que se inserem na classe de PG+PF, no português brasileiro, e PF+PG, no português europeu. No entanto, desde os primeiros textos que analisamos no PE, incluídos nessa sequência PF+PG, encontramos um tipo diferente de junção que nos chamou a atenção, justamente por ser quase inédito no PB. À hipossegmentação que apresentamos em (1) denominamos de “dado singular” (cf. ABAURRE, 1999).

- (1) para te (*parate*)
boca tão grade **parate** ver melhor

Escrever o pronome antes do verbo, como temos mostrado ao longo do nosso trabalho, não é uma regularidade nos dados do PE. Quando isso acontece, é mais frequente que ele seja não proclítico ao verbo, mas enclítico à palavra que o antecede, conforme apresentamos em (1). O contexto que acabamos de exemplificar é bastante recorrente, uma vez que uma das histórias contadas pelas crianças é a do Chapeuzinho/Capuchinho Vermelho. Logo, temos muitas vezes essa estrutura “para te”, tanto no PB, cuja preferência, se houver hipossegmentação, é *para **tever** melhor*, quanto no PE, em que encontramos ***parate** ver melhor*.

Chamamos a esse dado de “singular”, porque foi a partir dele que se nos revelou o fato de que a “direcionalidade” poderia evidenciar, nos dados de escrita, de forma mais clara e direta, a influência do ritmo. Olhamos, portanto, as diferentes opções das crianças brasileiras e portuguesas em lidar com estruturas nas quais precisassem determinar em que direção seria associada a palavra gramatical. A partir do nosso “dado singular”, buscamos novos exemplares que pudessem confirmar a hipótese central da nossa tese.

Neste capítulo, poderemos lançar mão dos estudos teóricos já citados ao longo do nosso trabalho, porém a pesquisa de Abaurre e Galves (1998), em particular, servirá de embasamento para as análises que pretendemos desenvolver a partir de agora, uma vez que, em seu trabalho, as autoras tratam especificamente das diferenças rítmicas entre o PB e o PE, relacionando-as com questões de direcionalidade.

Embora já tenhamos referido esse trabalho na revisão teórica, vale lembrar que as autoras fundamentam sua proposta em uma abordagem otimalista e minimalista e que, ao final do estudo, propõem um *ranking*, com uma hierarquia de restrições composta por três constituintes prosódicos, que estariam dispostos em diferentes posições no PB e no PE, conforme mostramos em (2). Essas diferentes posições resultariam na diferença rítmica entre as duas variedades do português.

(2)	PB	PE
	integridade da palavra fonológica	pé trocaico
	binariedade do pé	integridade da palavra fonológica
	pé trocaico	binariedade do pé.

Pretendemos, ao final deste capítulo, discutir, em relação aos dados de escrita, a adequação ou não da hierarquia de restrições proposta pelas autoras. Por ora, retomaremos as questões básicas do trabalho de Abaurre e Galves (1998), as quais servirão de ponto de partida para os dados que apresentaremos logo em seguida.

Segundo Carvalho (1989), cujo trabalho serve de embasamento para Abaurre e Galves (1998), as sílabas pretônicas que não se integram a um pé trocaico construído lexicalmente passam a fazer parte de um grupo rítmico no nível pós-lexical. O que diferencia o PB do PE é a forma como essa integração acontece: para a direita, na forma de próclise, no PB; para a esquerda, na forma de ênclise, no PE.

Como exemplo da análise de Carvalho (1989), Abaurre e Galves (1998, p. 384) apresentam dois enunciados iguais, obtidos na leitura de uma missa, nos quais as fronteiras de unidades rítmicas são representadas por //, de acordo com (3).

- (3) PB: Naquele // tempo // disse // Jesus
 PE: Naquele // tempo // disse Je // sus

Nos exemplos em (3), a sílaba átona que sofre efeito de direcionalidade, quanto à sua integração rítmica, é 'Je', pretônica da palavra "Jesus". No PB, segundo Abaurre e Galves (1998), a formação do grupo rítmico respeita a integridade da palavra fonológica, Jesus; enquanto no PE, a mesma sílaba forma um grupo rítmico com o pé métrico que a antecede, prevalecendo a formação do pé troqueu em detrimento da palavra fonológica. Vale lembrar que as autoras consideram trocaicos os pés com cabeça à esquerda, tanto os que possuem duas sílabas como os que possuem três e, indo mais além, incluem nessa categoria os pés degenerados.

Com base nessa proposta, passaremos para os dados de escrita que encontramos nos textos das crianças brasileiras e portuguesas. Começemos, então, pelo dado que despertou nossa atenção, apresentado em (4), que se repete em muitos dos textos analisados.

- (4) a. para te (*parate*) (PE)
 boca tão grade **parate** ver melhor
- b. te ver (*tever*) (PB)
 e esa boca é para **tever** melhor mihna netinha

Conforme podemos observar em (4), a estrutura que sofre variação quanto à direcionalidade não é exatamente uma sílaba pretônica, como vimos no dado de Abaurre e Galves (1998): o que temos é uma palavra gramatical que, tanto no PB quanto no PE, pode ser interpretada como parte integrante de uma palavra fonológica adjacente. Se tomarmos como referência o maior número de hipossegmentações que temos no PB, encontraremos especificamente a união entre uma palavra gramatical e outra fonológica, do tipo que vemos em (4.b) – *tever*. Por tudo que temos mostrado, concluímos que, no PB, esse tipo de hipossegmentação é considerado pela criança como uma palavra. Acrescente-se, como favorável a essa junção, a influência direta da sintaxe da fala do PB.

Quanto ao dado em (4.a) – *parate* –, também podemos dizer que é representativo do maior número de hipossegmentações encontradas no PE, a saber, a união entre uma palavra fonológica e uma gramatical. No entanto, algumas diferenças relevantes se apresentam entre os dois dados que mostramos em (4). Em (4.a), a criança não coloca o pronome da forma como é regularmente utilizado na fala do PE, enclítico ao verbo; coloca-o enclítico à preposição que precede o verbo. A motivação mais coerente que se nos apresenta para essa opção está posta na análise dos grupos rítmicos proposta por Abaurre e Galves (1998), conforme demonstramos em (5).

- (5) a. para te (boca tão grade **parate** ver melhor) (PE)

parate // ver me // lhor

- b. te ver (e esa boca é para **tever** melhor mihna netinha) (PB)

é para // **tever** // melhor

Ao seguirmos a distribuição rítmica proposta por Abaurre e Galves (1998), as hipossegmentações, em (5.a) e (5.b), parecem ser motivadas pela formação de grupos rítmicos distintos em ambas as variedades do português. No PE, a palavra gramatical “te”, por ser átona, associa-se ao grupo rítmico que a antecede, formando um pé troqueu (dátilo). Ao olharmos o restante da frase, é coerente pensarmos que a sílaba ‘me’, da palavra “melhor”, está incorporada ritmicamente ao verbo “ver”, formando com ele um pé trocaico. Porém, não podemos esperar que esteja grafada como tal, uma vez que postulamos, desde o início de nossas pesquisas, não ser a escrita uma transcrição da fala; portanto, não pretendemos que as crianças escrevam obedecendo literalmente ao ritmo da língua. Valemo-nos, sim, como já dissemos, de “vazamentos” da fala para a escrita, como acreditamos que sejam os dados *parate* e *tever*.

Retornando ao dado (4.b), embora a hipossegmentação se justifique pelo simples fato de ser esperada a junção do pronome ao verbo em posição proclítica no PB, podemos acrescentar que, de acordo com a proposta de Abaurre e Galves (1998), essa formação estaria igualmente adequada à formação de grupos rítmicos,

uma vez que a integridade da palavra fonológica foi preservada em preferência à formação do troqueu silábico.

Seguindo o que afirmamos no início deste capítulo, o dado do PE, recém descrito, é o nosso “dado singular” e, a partir dele, procuramos por outros que confirmassem a análise que acabamos de desenvolver. Mostraremos, a seguir, uma série de dados semelhantes a esse para comprovar que nosso achado não é único e que essa motivação rítmica encontra-se em outros tipos de segmentações não-convencionais da escrita. Apresentamos, em (6), mais um dado em que a palavra gramatical “te” se junta à palavra fonológica em direções diferentes no PB e no PE.

(6) a. te ver (agora uma rodadinha para mim **tever**) (PB)
para // mim // **tever**

b. não te (Não fales com estranhos e **nãote** percas!) (PE)
nãote // percas

De novo, apresentamos duas possibilidades de juntura da palavra gramatical “te”. A diferença entre as duas variedades do português está em que, no primeiro dado, (6.a), o clítico une-se ao vocábulo seguinte, formando uma palavra fonológica, sem considerar a formação de um troqueu silábico. Pelo contrário, em (6.b), o “te” não acompanha o verbo e forma com ele uma palavra fonológica, mas junta-se ao grupo rítmico que o precede, criando um troqueu silábico.

Não podemos perder de vista que lidamos com dados de escrita retirados de textos produzidos de maneira espontânea; portanto, entendemos a flutuação, na maneira de segmentar o texto em palavras, como intrínseca ao processo, tanto no PB quanto no PE. Para reforçar nossa posição, trazemos, em (7), uma frase de um texto do PE na qual encontramos uma hipossegmentação que vai ao encontro do que estamos mostrando, em relação à formação dos grupos rítmicos, e, logo em seguida, uma hipossegmentação que contraria nossas explicações.

(7) como te / me chamo (Olá menina **qcomote** chamas? Eu **mechamo**
capochinho.)
qcomote // chamas // eu **me** // **chamo**

Conforme podemos observar na distribuição rítmica que propomos em (7), a primeira hipossegmentação enquadra-se na proposta de Abaurre e Galves (1998), uma vez que o “te” forma um troqueu silábico com o grupo rítmico que o precede. Todavia, a segunda hipossegmentação vai de encontro ao que vem sendo mostrado, pois o “me” se junta ao verbo, parecendo haver prevalência da integridade da palavra fonologia sobre a formação do pé trocaico.

O que nos interessa ressaltar com esse exemplo é que, no PE, encontramos esse tipo de flutuação com mais frequência do que no PB. Se consideramos que entre o “te” e o verbo existe uma estrutura sintática, podemos pensar que no PE essa estrutura estaria hierarquicamente abaixo da estrutura rítmica, uma vez que é frequentemente rompida em favor da formação de grupos rítmicos. No PB, por sua vez, parece existir uma provável isomorfia entre esses dois constituintes, o prosódico e o sintático, posto que dados contrários a essa premissa são praticamente inexistentes no *corpus* analisado.

Continuamos nossa análise resgatando dois conjuntos de hipossegmentações já mostrados na primeira seção da descrição e análise dos dados desta pesquisa. Os primeiros, em (8), são estruturas resultantes da junção entre verbo e pronome e os segundos, em (9), são resultados da junção entre substantivo e preposição. Nos dois grupos, observamos o efeito de direcionalidade. No entanto, interessa-nos mostrar como supomos que seja a divisão rítmica dessas frases.

(8) a. se assustou / omenino (e omenino **siasustou**.) (PB)

e omenino // **siasustou**

b. assustou-se (ela **assostouse** muito...) (PE)

ela // **assostouse** // muito

(9) a. do mundo (a professora mais bonita **domundo**) (PB)

mais // bonita // **domundo**

b. barriga do / abriu a (o cassador ouviu gritos e foi a casa e abriua
barrigado lobo) (PE)

a // briua **ba** // **rrigado** // lobo

Em (8), as hipossegmentações inserem-se perfeitamente dentro de possíveis grupos rítmicos, tanto no PB quanto no PE. Em (8.a), observamos a integridade da palavra fonológica, porém não podemos deixar de salientar que, devido ao processo de sândi – ditongação –, a palavra passa a ter duas sílabas pretônicas, portanto, a primeira sílaba recebe um acento secundário. Temos, então, nesse grupo ritmo, uma palavra fonológica com dois pés trocaicos. Embora não seja o dado em questão nesse momento, não podemos deixar de observar que a hipossegmentação *omenino* segue o padrão esperado para o PB. No dado do PE, (8.b), o clítico associa-se à palavra fonológica que o precede, formando com ela um troqueu silábico, ao mesmo tempo que também segue a estrutura sintática da variedade portuguesa.

Temos, em (9), hipossegmentações nas quais a palavra gramatical é uma preposição e a palavra fonológica, um substantivo. Ainda temos um dado em que a junção é feita entre um verbo e um artigo. No PB, em (9.a), é mantida a integridade da palavra fonológica, mesmo que a palavra gramatical não seja portadora de acento secundário, formando-se, portanto, uma palavra trissílaba de cabeça medial.

Em (9.b), acontecem duas hipossegmentações diferentes. Analisaremos primeiro *barrigado*, que se relaciona mais diretamente com o dado do PB recém analisado. A palavra gramatical “do”, seguindo a estrutura rítmica, junta-se à palavra fonológica que a precede, formando um troqueu silábico (dátilo). Se levarmos em conta a formação dos grupos rítmicos no PE, a preposição não poderia juntar-se à palavra seguinte em função do acento primário de “lobo”, que é característico do começo de um novo grupo rítmico.

Não existe nessa, como seria viável em função dos grupos rítmicos, uma hipersegmentação da sílaba pretônica ‘ba’. Todavia, isso não nos surpreende devido

ao que explicamos no início deste capítulo, ou seja, não pretendemos que todo o texto esteja segmentado de acordo com a possível divisão rítmica da fala.

Ainda na frase apresentada em (9.b), encontramos a hipossegmentação *abriua*, na qual temos junção do artigo “a” com a palavra que está à sua esquerda (um verbo). Novamente observamos a formação de um troqueu silábico em uma palavra trissílaba de cabeça medial. No PB, em frases semelhantes a essa do PE, o mais comum seria encontrarmos o artigo ou a preposição associados ao substantivo à sua direita e teríamos, então, *abriu // abarriga // dolobo*, seguindo o tipo de estrutura que vimos em (8.a) e em (9.a), nas quais aparecem as hipossegmentações *omenino* e *domundo*, respectivamente. Essa diferença entre as duas variedades do português remete-nos mais uma vez à ideia de que as estruturas rítmicas do PB possam ser mais próximas às estruturas sintáticas do que no PE.

Partindo dos dados que acabamos de analisar, retomamos, conforme havíamos anunciado⁵⁷, a uma significativa diferença encontrada entre as hipersegmentações do PB e do PE, que, desde aquele momento, parecia-nos relacionada ao ritmo. Ao compararmos a subcategoria PG+PF, em ambas as variedades do português, constatamos que as crianças portuguesas reconhecem, em início de palavra, preferencialmente o artigo “a” como uma palavra gramatical (“amigo” > *a migo*), mas raramente escrevem esse mesmo artigo de forma hipossegmentada, formando a mesma estrutura PG+PF. As crianças brasileiras, porém, de modo geral, hiper e hipossegmentam o “a” na mesma proporção e direção.

Com base nas análises que já fizemos sobre o ritmo e a direcionalidade com que o clítico se associa à palavra de conteúdo, podemos concluir que as crianças portuguesas: i) hipersegmentam mais a sílaba “a” em início de palavra porque normalmente ela é uma sílaba átona e, portanto, não pertenceria ao grupo rítmico da palavra de que faz parte no nível lexical, como, por exemplo, em *a migo*; ii) não hipossegmentam a sílaba “a” em proporções semelhantes porque, quando o fazem, geralmente obedecem à direção enclítica, associando-a à unidade rítmica que a precede, como, por exemplo, em *abriua*, formando, pois, uma estrutura PF+PG.

57. As diferenças a que nos referimos estão expostas na primeira seção do capítulo 4 - Descrição e Análise dos Dados –, especificamente na subseção 4.1.3.

Continuando nossa análise, acrescentamos às hipossegmentações apresentadas em (8) e (9) outras do mesmo tipo, em ambas as variedades do português, conforme mostramos em (10).

(10) a. da minha (Agora vou falar **daminha** vasoura) (PB)

falar // **daminha** // vasoura

b. garrafa de (Vou levar estes bolos e esta **garrafade** vinho

a minha avó que está muito duente e fraca) (PE)

está **ga** // **rrafade** // vinho

Assim como nos dados apresentados em (9), as hipossegmentações em (10) apresentam como palavra gramatical uma preposição que se junta às palavras fonológicas em questão, de acordo com os grupos rítmicos. Interessa-nos, contudo, mostrar outra evidência que nos parece apontar para mais uma diferença entre o PB e o PE. Em (11), faremos uma análise das frases fonológicas que constituem as sequências analisadas em (9) e (10).

(11) a. [a professora] ϕ [mais bonita] ϕ [**domundo**] ϕ (PB)

b. [agora] ϕ [vou falar] ϕ [**daminha** vasoura] ϕ (PB)

c. [[foi] ϕ [a casa] ϕ] I [[e **abriu**] ϕ [**a barriga**] ϕ [**do** lobo] ϕ] I (PE)

c'. [foi a casa] I [e **abriua barrigado** lobo] I (PE)

d. [[vou levar] ϕ [estes bolos] ϕ] I [[e esta **garrafa**] ϕ [**de** vinho] ϕ] I (PE)

d'. [vou levar estes bolos] I [e esta **garrafade** vinho] I (PE)

O que podemos inferir das estruturas que apresentamos em (11) é que, no PB, conforme (11.a) e (11.b), as hipossegmentações, além de seguirem a estrutura rítmica proposta por Abaurre e Galves (1998), em que a integridade da palavra fonológica é mantida, também mantêm a integridade da frase fonológica. Nos dados do PE, em (11.c) e (11.d), para que os grupos rítmicos sejam mantidos, as fronteiras

de frase fonológica são extrapoladas, no entanto, são possíveis dentro dos limites da frase entonacional, de acordo com (11.c') e (11.d').

Nos dados que apresentaremos a seguir, temos várias hipossegmentações, nas quais a palavra gramatical unida à palavra fonológica adjacente é o “que”. Começaremos por analisar a estrutura rítmica dessa palavra em dados recolhidos dos textos de crianças portuguesas.

Em (12), trazemos partes de um mesmo texto em que ocorrem hipossegmentações diferentes, ambas com a palavra gramatical “que”.

- (12) a. porque que (Avosinha **porqueque** tens umas orelhas tom grandes?)
porqueque // tens // umas o // relhas
- b. porque é que (Avosinha porque **equ**e tens uma boca tom grande?)
 porque // **equ**e // tens // uma // boca

Na primeira hipossegmentação, o “que” se junta ao “porque”, palavra fonológica que o antecede, formando um troqueu silábico com o grupo rítmico precedente. Dessa forma, a estrutura rítmica fica adequada, pois a palavra fonológica que está à sua direita, por iniciar com acento, começa outro grupo rítmico. Em (12.b), quando a criança insere o “é” na frase, automaticamente altera seu ritmo. Nesse caso, embora possamos considerar o verbo “ser” na sua forma no presente como um clítico (cf. BISOL, 2000a), a criança parece considerá-lo como uma palavra acentuada, com a qual o “que” forma um troqueu silábico e ajusta a estrutura rítmica da frase. Se tomamos o “porque” e o “é” como palavras pertencentes a frases fonológicas diferentes, porém, adjacentes, temos o acento principal da primeira palavra seguido do acento da segunda. Isso poderia ser outra motivação para que a criança as separe em dois grupos rítmicos. Segundo Tenani (2002), o PE não ajusta as configurações de choque de acentos entre frases fonológicas, portanto, as proeminências rítmicas da estrutura não se alteram.

Mostramos, em (13), parte de um texto como ilustração do que acabamos de analisar sobre a preferência das crianças portuguesas em unir a palavra gramatical “que” à palavra antecedente, devido à motivação rítmica. Temos a intenção de reforçar a ideia de que esses dados são recorrentes no *corpus* do PE.

- (13) *porqueque (porque que)*
porqueque temsis o nariz tam
 grande porque é para jeirarte melhor
 e **porqueque** temsis os olhos tam grandes
 porque é para te ber melhor e
porqueque temsis a boca grande
 porque é para te comer melhor

Com esse trecho, podemos comprovar a frequência com que o dado *porqueque* aparece nos textos das crianças portuguesas e, assim como analisamos em (12.a), essa recorrência pode ser atribuída a uma motivação rítmica. Ao mesmo tempo, certificamos-nos da flutuação presente na segmentação da escrita, uma vez que, para essa criança, a estrutura “para te” não apresenta problemas quanto à grafia. Temos, também, a hipossegmentação de “cheirar-te” > *jeirarte*, em que a palavra gramatical se junta à fonológica, formando uma palavra trissílaba de cabeça medial.

Ainda sobre a junção do “que” à palavra fonológica à sua esquerda, formando um troqueu silábico com o grupo rítmico que o antecede, trazemos, em (14), mais alguns exemplos do PE.

- (14) a. onde que (o lobo perguntou: **oneque** vais Capochino?)
oneque // *vais*
- b. perguntou que (O chapuchinho **perguntouque** olhos tão grandes)
perguntouque // *olhos*

Nesses dois dados, encontramos situações diferentes, no entanto, ambas parecem apoiar-se na estrutura rítmica. Em (14.a), como os demais dados que temos visto, a palavra gramatical “que” junta-se à palavra anterior, formando um troqueu silábico. Em (14.b), o “que” também forma um troqueu silábico com a palavra anterior, integrando o grupo rítmico que o precede. A diferença entre esses

dois dados encontra-se na posição ocupada pelo “que” dentro dos constituintes prosódicos que compõem os enunciados, conforme apresentamos em (15).

- (15) a. [[o lobo perguntou] I [**onde que** vais] I [Capuchinho] I] U
 a'. [[o lobo perguntou] I [**onde que** vais Capuchinho] I] U
- b. [[O Capuchinho **perguntou**] I [**que** olhos tão grandes] I] U

Como podemos observar em (15.a.a'), independente da escolha que façamos para determinar as linhas de entonação, a hipossegmentação da estrutura “onde que” > *oneque* permanece dentro dos limites de uma frase entonacional. Ao contrário, no enunciado em (15.b), a sequência “perguntou que” > *perguntouque* compõe-se de duas palavras que pertencem a frases entonacionais diferentes. A partir desse dado, podemos, pois, concluir que a formação de grupos rítmicos, conforme a proposta de Abaurre e Galves (1998), não respeita os limites do constituinte prosódico “frase entonacional”.

Apresentamos, em (16), a junção do “que” em outros tipos de estrutura, nas quais, por reestruturação rítmica, ele se torna cabeça do pé troqueu, ainda em dados recolhidos de textos de crianças portuguesas.

- (16) a. que lhe (encontrou um lobo **quelhe** disse Capuchino a onde vais?)
 um lobo // **quelhe** // disse
- b. que lhe (Foi pela floresta fora e encontrou um lobo. **Quelhe** diz.)
quelhe // diz
- c. que se (Era uma vez uma menina **quese** chamava Capochinho)
quese cha // mava

Nesses três dados, o “que” assume outra posição dentro do grupo rítmico. Ao contrário do que vimos até agora, e considerando o efeito de direcionalidade, parece-nos que, nesses dados, as palavras gramaticais “lhe” e “se”, em um

movimento enclítico, juntam-se ao “que”, transformando-o no elemento proeminente do pé trocaico.

Na hipossegmentação em (16.a), seguindo a formação dos grupos rítmicos, o “lhe” não poderia se juntar à palavra fonológica “disse”, uma vez que ela tem seu acento na primeira sílaba; portanto, é natural que o pronome seja associado à palavra que está à sua esquerda. Depois de unida, essa estrutura, *quelhe*, não poderia unir-se à palavra “lobo”, pois resultaria na extrapolação da regra das três janelas para o acento em português. Consequentemente, a melhor estrutura rítmica disponível, para o PE, é a que apresentamos em (16.a).

O dado que trazemos em (16.b) – *quelhe* – segue praticamente o mesmo raciocínio que acabamos de expor, diferenciando-se pelo fato de que a palavra gramatical “que” está em início de frase e sequer teria a opção de movimentar-se para a esquerda, tornando-se, automaticamente, cabeça do grupo rítmico.

Interpretamos a hipossegmentação em (16.c) como sendo diferente das duas anteriores. Conforme mostramos no capítulo anterior, encontramos tanto no PE quanto no PB, estruturas formadas pela junção entre uma palavra gramatical e outra fonológica e, não raro, essas estruturas recebem o acento secundário na segunda sílaba pretônica, de acordo com o que apresentamos em (17).

(17) a. que se chamava > *que sechamava* > que (se.cha) má.va. (PE)
(* .)

b. que se escondeu > *que secondeu* > que (se.con.) déu. (PB)
(* .)

A diferença entre as duas variedades do português está no resultado final da frase. Segundo Abaurre e Galves (1998), palavras com duas sílabas pretônicas, precedidas de uma palavra gramatical, funcionariam, no PE, como palavras com três sílabas pretônicas, sendo preferencialmente acentuadas na primeira sílaba; portanto, o acento recairia sobre a palavra gramatical. Dessa forma, a estrutura em (17) pode passar por uma segunda reorganização rítmica, em que a palavra gramatical “que” recebe o acento secundário e torna-se cabeça de um novo grupo rítmico, atraindo o “se” e resultando na estrutura que apresentamos em (16.c). No

PB, a presença da palavra gramatical não altera a preferência da colocação do acento secundário, cuja implementação, em geral, preserva a binariedade do pé. Em (18), mostramos a frase do texto da qual foi retirada a hipossegmentação que analisamos em (17.b).

- (18) que se escondeu (O Quandaropa que ria e falava que **secondeu**)
falava // que // **secondeu**

Não podemos deixar de observar que, na fronteira entre a palavra gramatical e a fonológica, apresenta-se um processo de degeminação da vogal coronal [e] (“se escondeu” > s[e]scondeu), seguido do apagamento da coda [s], *sescondeu* > *secondeu*, ocorrendo a formação de sílabas do tipo CV.

Retornando especificamente à palavra gramatical “que”, apresentamos, em (19), exemplos de hipossegmentações retiradas de textos do PB. Quando o “que” está associado a uma palavra fonológica, na maioria das vezes, no PB, é em posição proclítica que o encontramos.

- (19) a. que fazia (ele **quefazia** acordalevantar)
ele // **quefazia** // acorda // levantar
- b. que ele (so **quiele** em comtou a magali)
so // **quiele** // em comtou // a magali
- c. que tinha (umcegredo **quitinha** pasais cobra invenenada)
umcegredo // **quitinha**
- d. que sobraram (elas botaram os restos **quesobraram** da festa)
os restos // **quesobraram**

O que podemos constatar nos dados recém apresentados é que, em alguns casos, na hipossegmentação que se forma da união entre a palavra gramatical e a palavra fonológica que está à sua direita, assim como no PE, o “que” também pode receber acento primário e formar um pé troqueu, como acontece em (19.a) e (19.d).

Nos outros dois dados, (19.b) e (19.c), o “que” junta-se à palavra seguinte como uma de suas sílabas pretônicas, sem contexto para receber acento secundário.

Para finalizar nossa análise de dados de hipossegmentação, apresentamos, em (20), uma frase de um texto do PE, em que encontramos dois dados adjacentes que parecem se encaixar perfeitamente na formação de grupos rítmicos, conforme proposta de Abaurre e Galves (1998).

- (20) apontar-lhe / com uma (a **apontalhe cuma** enpingarda e ele poro.)
a **apon // talhe // cuma**

Dividimos a primeira hipossegmentação em dois grupos rítmicos (“apontar-lhe” > *apontalhe* > *apon // talhe*); na segunda, devido à fusão entre as duas palavras (“com uma” > *cuma*), a estrutura torna-se um troqueu silábico, formando um único grupo rítmico.

Acreditamos que os dados de hipossegmentação, por ora analisados, apresentam bastantes evidências, na escrita, da presença de grupos rítmicos como forte motivação para as segmentações não-convencionais. Seguimos nossa análise, apresentando dados híbridos, os quais supomos serem importantes para a discussão que está sendo apresentada.

A seguir, apresentamos em (21), o primeiro dado híbrido do PE⁵⁸, em que mostramos duas possibilidades de interpretação para o movimento de segmentação indevida que ocorre com a sequência “pela aquela / por aquela”. Consequentemente, propomos duas diferentes análises, mas ambas possivelmente motivadas pela estrutura rítmica, segundo proposta de Abaurre e Galves (1998).

- (21) pela aquela ~ por aquela (*pela cela*)
(o lobo dis a capuchinho vermalho, para ir **pela cela** rua)

58. Dentre os híbridos, apresentaremos basicamente dados do PE por serem os que melhor exemplificam as divisões rítmicas que nos propomos a explicar.

No dado híbrido que acabamos de apresentar, se pensamos a estrutura *pela* *cela* nos moldes que postulamos no capítulo anterior para a formação de híbridos, ou seja, primeiro ocorrendo a hipo para depois a hipersegmentação, teríamos o que mostramos em (22).

- (22) *pela aquela* > *pel[a]quela* > *pelacela* (hipossegmentação)
pelacela > *pela cela* (hipersegmentação)
 para // ir // **pela** // **cela** // rua

Nesse caso, uma estrutura polissílaba seria desmembrada para a formação de dois grupos rítmicos, duas formações trocaicas. Todavia, apresentamos, em (23), outra possibilidade de interpretação para esse dado. Desta vez, consideramos que possa haver um movimento contrário ao que acabamos de supor, ou seja, primeiro haveria uma hipersegmentação, para depois a hipossegmentação.

- (23) *pela aquela / por aquela* > *pela / por a quela* (hipersegmentação)
pela a quela > *pel[a] quela* > *pela cela* (hipossegmentação)
por a quela > *pora quela* > *pora ~ pela cela* (hipossegmentação)
 para // ir // **por a (pela)** // **cela** // rua

A análise que propomos em (23) resulta na mesma estrutura rítmica que apresentamos em (22), porém advinda de um movimento diferente. A palavra “aquela” tem uma sílaba pretônica, que, segundo Abaurre e Galves (1998), no PE, não poderia formar um grupo rítmico com a palavra à qual pertence, integrando-se, portanto, ao grupo rítmico que a precede. Dessa forma, a sílaba ‘a’ seria hipersegmentada da palavra “aquela” e, ao juntar-se ao grupo rítmico que a precede, “por” ou “pela”, formaria uma hipossegmentação, resultando em um dado híbrido motivado pela estrutura rítmica da frase.

Assim como o dado que acabamos de mostrar, temos outros com a palavra gramatical “por”, que parecem seguir a mesma motivação rítmica recém mostrada. Em (24.a) e (24.b), trazemos trechos de textos, também do PE, em que ocorrem híbridos semelhantes.

- (24) a. por ali / por aqui (O lobo disele to vais **pora li** e eu vou **pora ci** e vamos ver cen chega primeiro)
 O lobo // disele // to // vais // **pora // li** e // eu // vou // **pora // ci** e
- b. por aquele (Está bem entou tu vais **pura quele** lado
 tu // vais // **pura // quele** // lado

Para os três híbridos que encontramos nesses textos, as mesmas análises que propomos em (23) parecem ser adequadas. Não podemos deixar de olhar para a hipossegmentação que ocorre em (24.a) – *disele* –, a qual se enquadra perfeitamente dentro da estrutura rítmica proposta. No caso da estrutura *O lobo*, não há uma unidade rítmica à esquerda a que o “o” possa integrar-se. Nesse caso, segundo Abaurre e Galves (1998), a sílaba parece receber uma saliência que pode ser comparada à de um acento secundário. Esse fenômeno ocorre em início de grupos tonais.

Devemos registrar, que no PB, também encontramos ocorrências de híbridos do tipo que acabamos de apresentar referentes aos dados do PE. A diferença encontra-se no fato de que, proporcionalmente, essas segmentações indevidas são mais frequentes na variedade portuguesa do que na brasileira. O mais comum no PB, em sequências desse tipo, é encontrarmos a integridade da palavra fonológica mantida, como, por exemplo, em *vou por aquele caminho*, que dividimos ritmicamente como: vou // **por // aquele** // caminho.

Em (25), apresentamos mais três casos de híbridos, cada um com sua peculiaridade, extraídos de textos de crianças portuguesas.

- (25) a. seu amigo (ele disse o **sseua migo** lobo)
sseua // migo // lobo
- b. vestiu-se (o lobo **ves tiuse** rapidamente e fingiu que era a vizinha)
 o lobo **ves // tiuse** // rapida // mente
- c. escondeu-se (e a avo **escom deuce** no armário)
 e a avo // **escom // deuce**

Em (25.a), a sílaba pretônica da palavra “amigo” é segmentada e integra um grupo rítmico com a unidade que a precede, formando, por meio da hipossegmentação com a palavra “sua”, dois pés trocaicos – *sseua* e *migo*. Em (25.b), a palavra gramatical “se” é hipossegmentada ao verbo, enquanto a sílaba pretônica “ves”, da palavra resultante, é separada para formar um grupo rítmico com a unidade que a precede, mas sem estar hipossegmentada a ela. Por fim, em (25.c), com a junção da palavra gramatical ao verbo, forma-se uma palavra polissílaba, em que a sílaba ‘es’ pode ser portadora do acento secundário, formando-se, portanto, dois pés binários: o primeiro do tipo espondeu e o segundo do tipo troqueu silábico, os quais são separados de maneira a constituir dois grupos rítmicos distintos.

Quanto aos dados de hipersegmentação, acreditamos não ser necessária uma análise especificamente sobre o ritmo, uma vez que, no capítulo anterior, quando tratamos da influência do acento nas segmentações não-convencionais, pareceu-nos ficar clara a influência do troqueu silábico, tanto no PB quanto no PE.

5.1 Considerações finais

Desde as primeiras comparações que fizemos entre o PB e o PE, mostramos a diferença na quantidade de dados de uma e de outra variedade do português, na subcategoria que tratava da junção entre uma palavra gramatical e outra fonológica. Encontramos muito mais dados de PG+PF na variedade brasileira e PF+PG na lusitana. O maior contingente dessas hipossegmentações está na relação entre verbos e pronomes. Tal resultado, em um primeiro momento, pareceu-nos óbvio, uma vez que, quanto à sintaxe, o PB e o PE se caracterizam pela diferente colocação pronominal.

Não fosse a descoberta do dado *parate ver*, no PE, em que o pronome se associa à preposição que está à sua esquerda, continuaríamos achando que a posição enclítica no PE e proclítica no PB era apenas resultado da sintaxe. Encontramos, porém, um “dado singular”, cujas características conduziram nosso olhar dos aspectos sintáticos para os aspectos rítmicos, em ambas as variedades do português.

Com base na hipótese de que os dados de segmentação não-convencional, encontrados em textos de séries iniciais, são capazes de revelar indícios do conhecimento que a criança possui acerca da prosódia da sua língua, partimos em busca de novos dados que confirmassem as evidências do ritmo, no PB e no PE.

Partindo de um novo olhar para os dados, desenvolvemos a análise, que apresentamos neste último capítulo, sobre as possíveis evidências de ritmo nas segmentações não-convencionais da escrita inicial de crianças brasileiras e portuguesas. Tomamos, como referências básicas, o efeito de direcionalidade (cf. CARVALHO, 1989) e a pesquisa sobre “as diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro” proposta por Abaurre e Galves (1998).

No presente capítulo, analisamos apenas os dados de hipossegmentação e os híbridos, pois acreditamos que, no capítulo anterior, ficou bastante clara a influência do pé portador do acento primário, em especial, o troqueu silábico, como forte motivação para os dados de hipersegmentação, em ambas as variedades do português. Faz-se necessário, todavia, apresentarmos nossa discussão quanto à relevância do pé do acento, tanto no PB quanto no PE, uma vez que pretendemos discutir as diferenças rítmicas entre as duas variedades do português.

As hipersegmentações ocorrem, de um modo geral, dentro dos limites vocabulares. Por conseguinte, temos como maior influência, nesse contexto, o acento principal da palavra. De acordo com Bisol (2000b), o acento primário é comum às duas variedades do português. Junte-se a essa ideia, o fato de que o maior contingente de palavras, na língua portuguesa, pertence à classe das paroxítonas, cujo pé do acento principal é um troqueu. Concluímos, pois, ser previsível que as hipersegmentações, tanto no PB quanto no PE, sejam influenciadas pela presença de um pé binário do tipo trocaico.

Se voltarmos ao capítulo anterior, na seção em que analisamos as principais semelhanças e diferenças entre os dados do PB e do PE, e olharmos para os gráficos relativos às curvas formadas pelas subcategorias analisadas, observaremos o seguinte: i) nas hipossegmentações (Gráfico F⁵⁹), apresenta-se uma grande diferença entre as categorias que envolvem a junção entre palavra gramatical e

59. Ver página 104.

palavra fonológica e ii) nas hipersegmentações (Gráfico G⁶⁰), temos o mesmo tipo de curva, sem grandes variações.

O que podemos concluir da análise dos dois gráficos é que a diferença entre as hipossegmentações, no PB e no PE, está mais ligada ao efeito de direcionalidade com que a palavra gramatical se associa à palavra adjacente. Em se considerando que a direcionalidade é um dos componentes favoráveis ao estudo do ritmo, podemos afirmar que as hipossegmentações⁶¹ oferecem melhor contexto para análises rítmicas e que a diferença nas curvas, por si só, são indicadoras de prováveis diferenças entre o ritmo do PB e do PE.

Quanto às hipersegmentações, se consideramos que elas ocorrem dentro dos limites da palavra e têm o pé do acento como motivador da inserção de um espaço, é compreensível que suas curvas apresentem grande semelhança, tanto no PB quanto no PE, pois tratamos de duas variedades de uma mesma língua.

Não queremos afirmar que, nas demais segmentações não-convencionais, as evidências rítmicas não sejam analisadas dentro dos limites da palavra, ou de estruturas que consideramos como palavra fonológica. Interessa-nos, particularmente, além do que explicamos, no parágrafo anterior, a direcionalidade com que o clítico – nas hipossegmentações – ou as sílabas átonas – nos híbridos –, associa-se à palavra adjacente. Nas hipersegmentações, porém, analisamos apenas a inserção do espaço. Justificamos, portanto, em se tratando de evidências rítmicas, o porquê de tratarmos apenas das hipossegmentações e dos híbridos.

De acordo com as análises que fizemos nos dados do PB e do PE, a proposta de Abaurre e Galves (1998) foi adequada para explicar a diferença com que o clítico ou a sílaba átona associa-se à palavra de conteúdo, trazendo, para a escrita, evidências do ritmo. Retomaremos, a seguir, as duas hierarquias de restrições responsáveis, segundo as autoras, pela diferença de ritmo entre o PB e o PE, com a intenção de avaliarmos se são adequadas às análises dos nossos dados de escrita. Três restrições são consideradas nas hierarquias propostas pelas autoras, a saber, “integridade da palavra fonológica”, “binariedade do pé” e “pé trocaico”.

60. Ver página 106.

61. Incluam-se, nessa avaliação, os dados híbridos.

Para o PB, as autoras propõem a “integridade da palavra fonológica” como restrição mais forte na hierarquia do que o “pé trocaico”. A justificativa encontra-se no fato de que, “nas palavras em que ocorre apenas uma sílaba pretônica, esta sílaba vem interpretada como formando um agrupamento rítmico com o pé seguinte, portador do acento primário” (ABAURRE e GALVES, 1998, p. 393). Encontramos a mesma realidade nos dados do PB, como, por exemplo, na hipossegmentação *tever*, que tem a seguinte distribuição rítmica: *para // mim // **tever***.

A precedência do “pé binário” em relação ao “pé trocaico”, no PB, é justificada, por Abaurre e Galves (1998, p.393), pelo “fato de o acento secundário recair, em regra geral, na segunda sílaba à esquerda do acento primário. Os dados do PB que analisamos na seção sobre a influência do acento secundário parecem confirmar o que dizem as autoras, principalmente se levarmos em conta dados como “muito cuidado” > *mucuidado*, cujo apagamento de uma das sílabas favorece a implementação do acento secundário, seguindo a binariedade do pé.

Para o PE, ao contrário do PB, a restrição do “pé trocaico” coloca-se como mais forte do que a da “integridade da palavra fonológica”. Abaurre e Galves (1998, p.393) afirmam que, “nas palavras com apenas uma sílaba pretônica antes do acento primário, essa sílaba pretônica se encontra encliticizada ao domínio acentual à sua esquerda, sem levar em conta a fronteira da palavra”. Assim ocorre nos nossos dados de escrita do PE, como mostramos na frase “tu vais **por aquele** lado”, ritmicamente dividida como *tu // vais // **pura // **quele** // lado***, resultando em um dado híbrido, *pura quele*.

Para comprovar a precedência da “integridade da palavra fonológica” sobre a “binariedade do pé” no PE, Abaurre e Galves (1998, p.393) lançam mão da análise da redução vocálica em palavras com três sílabas pretônicas. De modo geral, a redução ocorre na segunda sílaba, como em *ca[t’]goria*. “Esse fato, juntamente com a constatação de que a primeira sílaba pretônica recebe o acento secundário, mostra que, nessas palavras, não ocorre encliticização dessa sílaba ao domínio acentual à esquerda, através da juntura da palavra”.

Embora a redução vocálica seja um processo bastante frequente na fala do PE, nos nossos dados de escrita eles aparecem com certa escassez. Temos, no entanto, um dado muito representativo do que acabamos de expor, a palavra “obedeceu” > *óbdeceu*, grafada absolutamente de acordo com a descrição de

Abaurre e Galves (1998), ou seja, uma palavra com três sílabas pretônicas, com redução vocálica na segunda sílaba e acento secundário na primeira.

Todavia, em nossa pesquisa, tratamos de segmentações não-convencionais, portanto, apresentamos exemplos de hipossegmentação que foram analisados no capítulo anterior e que podem igualmente demonstrar, na escrita, o que as autoras nos apresentam na fala. Quando a criança portuguesa hipossegmenta estruturas do tipo “o capuchinho” > *ucapuxino* ou “o caçador” > *ocassador*, em que o acento secundário estaria na primeira sílaba pretônica, ela parece dar preferência à “integridade da palavra fonológica”⁶², uma vez que, se contasse pés binários para a colocação do acento, não haveria, necessariamente, a junção da palavra gramatical “o”.

Em virtude do que acabamos de expor, encontramos, nas segmentações não-convencionais, tanto do PB quanto do PE, a mesma hierarquia de restrições proposta por Abaurre e Galves (1998), conforme apresentamos em (2), no início deste capítulo. Vale ressaltar, porém, que, em nossos dados, as evidências rítmicas mais fortes encontram-se na supremacia da “integridade da palavra fonológica” para o PB e do “pé trocaico” para o PE. Esse resultado corrobora a ideia de que “o ritmo em PE é baseado no troqueu, enquanto o ritmo brasileiro se constrói respeitando, sobretudo, as fronteiras de palavras fonológicas” (cf. ABAURRE e GALVES, 1998, p.394).

Por tudo que apresentamos, concluímos que dados de segmentação não-convencional coletados de textos produzidos de forma espontânea por crianças brasileiras e portuguesas apresentam evidências capazes de colaborar para com a discussão sobre o ritmo linguístico de ambas as variedades do português.

62. Partimos do pressuposto de que, quando a criança faz esse tipo de hipossegmentação, considera a palavra gramatical como parte integrante daquilo que ela entende por palavra gráfica.

6 CONCLUSÕES

O objetivo principal desta tese foi demonstrar que dados de escrita inicial, produzidos de forma espontânea, podem fornecer argumentos capazes de colaborar para com a discussão sobre o ritmo do português brasileiro e do português europeu. Para cumprirmos nosso objetivo, optamos por dividir a análise dos dados em dois momentos: no primeiro, buscamos relacionar as segmentações não-convencionais da escrita, tanto do PB quanto do PE, com aspectos linguísticos, tais como, constituintes prosódicos, processos fonológicos e acento; no segundo, analisamos os dados relacionando-os diretamente com as questões do ritmo linguístico.

6.1 Os objetivos específicos

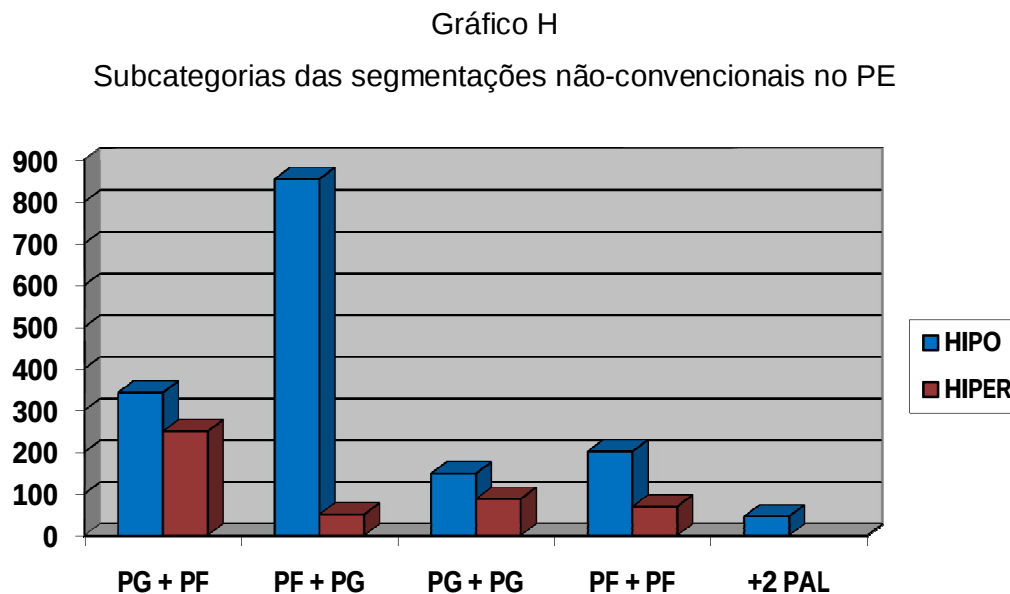
Retomaremos, a seguir, os quatro objetivos e as conclusões a que chegamos sobre cada um dos aspectos abordados.

1º Objetivo Específico: *descrever e analisar processos de segmentações não-convencionais encontrados em textos das séries iniciais, produzidos por crianças portuguesas, à luz da teoria dos constituintes prosódicos.*

Nos dados do PE, as hipossegmentações apresentam-se como a maioria, perfazendo 77% do total de dados, contra 22% de hipersegmentações e apenas 1% de híbridos. As duas categorias, hipo e hipersegmentação, foram descritas e analisadas por meio de quatro subcategorias comuns, a saber: *palavra gramatical + palavra fonológica* (PG+PF); *palavra fonológica + palavra gramatical* (PF+PG); *palavra gramatical + palavra gramatical* (PG+PG); *palavra fonológica + palavra fonológica* (PF+PF). Acrescentamos a essas quatro uma quinta subcategoria, + *de*

duas palavras, usada apenas na análise dos dados de hipossegmentação (cf. CUNHA, 2004, 2010). Os híbridos foram analisados como um todo, sem subdivisões.

Relativamente à quantidade, os dados de hipo e hipersegmentação, no PE, distribuem-se conforme apresentamos no Gráfico H.



Como observamos no Gráfico H, a subcategoria que aparece em maior quantidade nos dados de hipossegmentação é a que une uma palavra fonológica a uma palavra gramatical, PF+PG, como em *escondeuce* para “escondeu-se”. Nos dados de hipersegmentação, a subcategoria de maior frequência é aquela que separa um vocábulo em uma palavra gramatical e outra fonológica, PG+PF, por exemplo em *da quele* para “daquele”.

Nas duas subcategorias mais frequentes, tanto das hipossegmentações, PF+PG, quanto das hipersegmentações, PG+PF, observamos que a criança parece estar lidando com a dificuldade em reconhecer, como palavra, segmentos de uma ou duas letras. No caso das hipo, esse segmento é associado à palavra fonológica adjacente, preferencialmente, de acordo com o que analisamos, à palavra que está à sua esquerda. No caso das hiper, o mesmo tipo de segmento indevidamente associado à palavra adjacente, ao ser identificado na sílaba inicial de uma palavra, sofre do mesmo modo uma separação inadequada. Esse movimento de juntura e

separação demonstra a flutuação que a criança apresenta ao conceituar o constituinte “palavra” e ao determinar seus limites.

Quanto aos constituintes prosódicos que parecem governar os diferentes tipos de segmentações não-convencionais, encontramos nos dados de hipossegmentação maior influência dos constituintes mais altos da hierarquia, a saber, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado. Nas hipersegmentações, assim como nos híbridos, observamos uma maior influência dos constituintes mais baixos, ou seja, do pé métrico binário, mais especificamente do troqueu silábico e da sílaba.

Embora tenhamos demonstrado que os dados do PE podem ser, para fins de descrição e análise, distribuídos segundo as subcategorias criadas por Cunha (2004, 2010) para análise de dados do PB, passaremos ao segundo objetivo, a fim de ressaltar semelhanças e diferenças entre as hipo e hipersegmentações encontradas nos textos das crianças brasileiras e portuguesas.

2º Objetivo Específico: *comparar os resultados das análises dos dados encontrados nos textos das crianças portuguesas com os resultados encontrados em Cunha (2004), acrescidos de novos dados do Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPeI) sobre ocorrências de segmentações não-convencionais.*

Ao compararmos os dois *corpora*, observamos que os dados do PB e do PE mostram uma distribuição relativamente semelhante para as três categorias de segmentações não-convencionais – *hipossegmentações*, *hipersegmentações*, *híbridos*.

Quanto à distribuição dos dados de hipossegmentação em subcategorias, a principal diferença entre o PB e o PE encontra-se nas ocorrências que envolvem palavra fonológica e palavra gramatical. Temos maior frequência de PG+PF no PB, enquanto no PE, acontece o contrário, ou seja, a maior quantidade de hipossegmentações é do tipo PF+PG. Essas duas subcategorias envolvem, em especial, a direção em que o clítico associa-se à palavra de conteúdo, proclítico no PB e enclítico no PE. Esse efeito de direcionalidade é uma das principais diferenças entre o PB e o PE (cf. CARVALHO, 1989).

Esses dados que envolvem a junção de uma palavra gramatical e uma palavra fonológica, tanto no PB quanto no PE, confirmam o que dizem Ferreiro e Teberosky (1999) sobre a dificuldade da criança em reconhecer, na fase de aquisição da escrita, sequências de uma ou duas letras como palavra. Abaurre, Galves e Scarpa (1999) também fazem referência a essa dificuldade na aquisição da linguagem oral. Afirmam as autoras que, devido ao fato de a palavra gramatical não possuir acento, tende a se unir à palavra adjacente como uma de suas sílabas pretônicas. Para os dados do PE, podemos acrescentar, como maior tendência, que a palavra gramatical se associa à palavra adjacente como uma de suas sílabas postônicas.

Para os demais tipos de hipossegmentação – PG+PG, PF+PF, + de duas palavras –, podemos afirmar que, proporcionalmente, não existem grandes diferenças entre a quantidade dessas ocorrências em ambas as variedades do português, pois, conforme demonstramos no Gráfico F⁶³, suas curvas possuem praticamente o mesmo contorno. Também quanto à qualidade desses dados, não observamos diferenças relevantes entre o PB e o PE, no que diz respeito à formação dos constituintes prosódicos.

Dentre os dados que analisamos em ambos os *corpora*, a palavra fonológica, o grupo clítico, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado revelaram-se os constituintes prosódicos que motivam a maior parte das hipossegmentações nos textos das crianças brasileiras e portuguesas.

Os dados de hipersegmentação do PE e do PB mostram, proporcionalmente, grande semelhança no que diz respeito à quantidade de ocorrências. Para ambas as variedades do português, a subcategoria que apresenta maior número de dados é aquela que separa um vocábulo em uma palavra gramatical e outra fonológica.

Esse tipo de dado parece ser motivado pela dificuldade que enfrenta o aprendiz diante da tarefa de conceituar palavra e de delimitar suas fronteiras. As estruturas de uma ou duas letras geram, a princípio, um maior número de hipossegmentações. Tais estruturas parecem fazer com que a criança identifique,

63. Ver subseção 4.1.3 do capítulo 4.

nas sílabas iniciais de alguns vocábulos, uma palavra gramatical, ocasionando, portanto, um número significativo de hipersegmentações.

Quanto à sílaba, constatamos que nos dados do PB é incomum esse constituinte ser violado. Tanto nos processos de hiper quanto nos de hipossegmentação, a criança preserva, de um modo geral, as estruturas silábicas, o que não verificamos exatamente nos dados do PE, nos quais encontramos com um pouco mais de frequência esse tipo de violação, embora isso ocorra normalmente em dados de tranlineação.

Quanto à tonicidade, uma importante semelhança entre as hipersegmentações encontradas nos dados do PB e do PE diz respeito à preferência pela preservação de um pé métrico binário, em especial, do troque silábico, sempre que há contexto para tal.

Em vista do que acabamos de afirmar, podemos dizer que as hipersegmentações em PB e PE são regidas pelos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, tais como a sílaba e o pé do acento. Os dados em que ocorrem violações das sílabas no PE não são suficientes para contestar a ideia de que esse constituinte seja um dos motivadores da hipersegmentação.

Quanto aos híbridos, consideramos que, em relação aos constituintes prosódicos, apresentam semelhanças às hipo e às hipersegmentações, no que diz respeito à maneira como são formados.

Ao olhar para os dados de ambas as variedades do português, podemos afirmar que os constituintes prosódicos são importante motivação nos dados de segmentação não-convencional, tanto no PB quanto no PE.

3º Objetivo Específico: *encontrar, em dados de segmentação não-convencional da escrita do PB e do PE, evidências de processos fonológicos já descritos em estudos sobre a fala.*

Constatamos que, reservadas as diferenças entre ambas as variedades do português, dados de hipossegmentação e híbridos, tanto no PB quanto no PE, proporcionam, de um modo geral, contextos favoráveis ao surgimento de evidências dos processos fonológicos, tais como: vozeamento da fricativa, *tapping* e haplologia

(cf. TENANI, 2002); degeminação, elisão e ditongação (cf. BISOL, 1996a,c e TENANI, 2002); monotongação e epêntese (cf. ABAURRE-GNERRE, 1981).

No PB, os contextos mais favoráveis ao surgimento de processos de vozeamento da fricativa são as junturas entre uma palavra gramatical e outra fonológica (PG+PF), tanto nas hipossegmentações, quanto nos dados híbridos. Esses últimos mostraram-se relevantes quanto à possibilidade de demonstração de que, nesse processo, a criança, efetivamente, interpreta o [z] como ataque da sílaba. No PE, registramos apenas um dado com evidência de vozeamento da fricativa, na junção entre duas palavras fonológicas (PF+PF).

A ressilabação de [r] em coda (*tapping*)⁶⁴ apresenta como contexto mais favorável, em ambas as variedades do português, hipossegmentações que tenham à sua esquerda a palavra gramatical “por”. Não existe, também, diferença relevante quanto ao número de ocorrências desse tipo, em ambos os *corpora*.

Dentre os processos de sândi vocálico, no PB, a degeminação e a ditongação são os que aparecem com maior frequência, enquanto a elisão é o processo de menor número de ocorrências e acontece em estruturas com mais de duas palavras. As hipossegmentações do tipo PG+PF, particularmente pronome e verbo, são as mais favoráveis ao surgimento de processos como a degeminação e a ditongação.

No PE, as degeminações, embora em número bem mais reduzido do que no PB, são mais frequentes do que as ditongações e, nos dados que analisamos, nenhuma elisão foi encontrada. O que de particular encontramos nesses dados do PE, foi a possibilidade de haver degeminação, mesmo que uma das sílabas seja portadora de acento primário, desde que esse não seja o acento principal da frase. Quanto às ditongações, a maior incidência de casos no PB, em comparação ao PE, parece estar relacionada com a diferença na realização fonética da vogal alta /i/ em final de palavra e, conseqüentemente, na sua representação na escrita. As crianças brasileiras usam com mais frequência o grafema ‘i’, enquanto as portuguesas preferem a grafia correta ‘e’.

Quanto à haplogogia, podemos afirmar que esse é um processo fonológico bastante raro no PB e inexistente no PE. Particularmente nos dados que

64. Conforme Tenani (2002).

analisamos, a haplogia parece estar ligada tanto à reestruturação silábica, quanto à organização rítmica da hipossegmentação.

A epêntese e a monotongação, ambas favorecedoras de estruturas silábicas do tipo CV, foram encontradas no PB; no PE, encontramos apenas dados com monotongação. De modo geral, os dois processos são de baixa frequência nas fronteiras vocabulares, mas, quando ocorrem, formam uma sílaba CV, tanto no PB quanto no PE.

Com base na ideia de Tenani (2002) sobre a importância das estruturas silábicas na determinação de grupos rítmicos, verificamos que a análise desses oito processos fonológicos – vozeamento da fricativa, *tapping* (ressilabação de [r] em coda), degeminação, elisão, ditongação, haplogia, epêntese e monotongação – são suficientes para tecermos considerações sobre o comportamento do PB e do PE, no que diz respeito a essa propriedade fonética e fonológica considerada por Dauer (1983) como uma das três mais importantes para a caracterização do ritmo de uma língua.

De modo geral, os processos fonológicos que encontramos nos dados de segmentação não-convencional visam a uma reestruturação silábica que gera sílabas do tipo CV. À exceção de dois – elisão e haplogia –, os demais processos foram encontrados tanto nos dados do PB quanto nos do PE, com algumas diferenças, conforme já apresentamos. No entanto, o que se torna relevante é o fato de que no PB, além de aparecerem todos os processos, eles acontecem, proporcionalmente⁶⁵, em maior quantidade do que no PE⁶⁶.

Se os processos descritos visam a uma regularidade silábica (CV), então, podemos inferir que o PB, ao contrário do PE, nos dados de escrita, tende a buscar essa regularidade⁶⁷ com maior frequência. No que concerne à estrutura silábica,

65. Ressaltamos a expressão “proporcionalmente”, para não perdemos de vista que temos quantidades diferentes de textos em ambos os *corpora* analisados.

66. Descartamos a possibilidade de que tal fato ocorra em função de diferentes métodos de alfabetização nas escolas brasileiras e portuguesas. Devido ao material que tivemos acesso e à vivência nas salas de aula, constatamos que os métodos são semelhantes em todas as escolas onde foram coletados os dados.

67. Quanto à questão de buscar uma maior regularidade silábica, embora não seja nosso interesse nesse momento investigar mais a fundo os dados de translineação que encontramos nos *corpora* desta pesquisa e aos quais já nos referimos, não podemos deixar de reafirmar o fato de que as crianças portuguesas apresentam muito mais irregularidades na segmentação das sílabas do que

retomamos, de maneira sucinta, o que afirma Dauer (1983) quanto às diferenças rítmicas entre as línguas: i) as de ritmo acentual apresentam uma maior variedade de estruturas silábicas, ii) as de ritmo silábico constituem-se de menos variedade de tipos de sílabas. Com base nos dados de segmentação não-convencional da escrita, podemos concluir que o PB, em relação ao PE, parece ser a variedade do português que apresenta, com maior frequência, regularidade silábica. Portanto, tenderia, na escrita, a seguir o que vem sendo postulado em estudos de fala, ou seja, o PB parece ser uma língua de ritmo mais silábico do que o PE (cf. BARBOSA, 2000; BISOL, 2000b; TENANI, 2002; dentre outros).

Outra importante propriedade fonética e fonológica referida por Dauer (1983), para a determinação do ritmo linguístico, é a redução vocálica. Embora sejam raros os dados de segmentação não-convencional em que se apresenta tal processo, não podemos deixar de registrar esse tipo de ocorrência em outras palavras nos textos analisados, como, por exemplo: “apareceu” > *aparseu* ~ *aparceu* ~ *aprceu*; “conheceu” > *cunhceu*; “socorro” > *scoro*; “perigoso” > *prigoso*; “queria” > *quria*; “obedeceu” > *óbdeceu*, dentre outros.

Reputamos o fato de não serem muitos os dados desse tipo, em função do próprio processo de alfabetização, pois desde cedo, em Portugal, assim como no Brasil, trabalha-se com famílias silábicas, tomando-se como base as sílabas do tipo CV. De qualquer forma, alguns “vazamentos” da fala para a escrita nos são suficientes para visualizar o processo de redução vocálica e, mais uma vez, tender para a afirmação de que o PB, variedade em que encontramos mais processos de epêntese, aproxima-se mais do ritmo silábico do que o PE.

4º Objetivo Específico: *verificar a influência do acento prosódico nas segmentações indevidas em dados de escrita inicial de crianças brasileiras e portuguesas.*

Podemos afirmar que as três categorias de dados – hipossegmentações, hipersegmentações, híbridos – são suscetíveis à influência do acento, reservadas

as crianças brasileiras. Fica-nos, portanto, o questionamento se a busca por maior regularidade silábica no PB, em relação ao PE, gera mais acertos na translineação das crianças brasileiras e proporciona às crianças portuguesas uma maior liberdade em partir a sílaba de forma a resultar em estruturas silábicas menos regulares.

algumas diferenças. As hipossegmentações parecem ser mais suscetíveis à influência do acento secundário, enquanto as hipersegmentações e os híbridos parecem ser motivados pela presença do pé do acento principal, em especial, o troqueu silábico.

Uma vez que o acento primário é comum às duas variedades do português, retomamos a ideia de Bisol (2000b), exposta no início desta seção, de que o acento secundário parece ser o elemento importante na determinação do ritmo de uma língua. Podemos dizer, com base nas propostas de Collischon (1994) e Abaurre e Galves (1998), que os dados de escrita, principalmente as hipossegmentações, apresentam algumas diferenças quanto à implementação do acento secundário no PB e no PE.

No PB, a maior quantidade de hipossegmentações é aquela formada por uma palavra gramatical e outra fonológica. Ressaltamos, como aspecto mais importante, uma preferência por estruturas polissílabas com número par de sílabas, em geral quatro. Para que isso aconteça, quando existe contexto, diferentes processos fonológicos são utilizados. Essas estruturas são ideais para a implementação do acento secundário, determinado por pés binários de cabeça à esquerda, de acordo com a proposta de Collischonn (1994).

Nos dados do PE, esse mesmo tipo de hipossegmentação, PG+PF, produz estruturas semelhantes às do PB. A diferença que se deve ressaltar entre as duas variedades do português está nas hipossegmentações com número de sílabas ímpar, em que a implementação do acento secundário pode produzir ritmos alternantes (cf. COLLISCHONN, 1994).

No PB, de acordo com Abaurre e Galves (1998), quando há três sílabas pretônicas, observa-se a preferência por uma contagem sistematicamente binária para colocação do acento secundário, enquanto no PE, a primeira sílaba da palavra é acentuada. Essa diferença na implementação do acento secundário é um dos argumentos favoráveis à diferença entre os ritmos nas duas variedades do português.

Nas hipossegmentações formadas por duas palavras fonológicas ou por mais de duas palavras, encontramos, no PB, frases fonológicas, as quais também sofrem processos fonológicos e recebem o acento secundário, seguindo

sistematicamente uma contagem binária de pés, o que proporciona maior regularidade rítmica à estrutura (cf. BISOL, 2000b).

No PE, encontramos o maior número de hipossegmentações em estruturas resultantes da junção entre uma palavra fonológica e uma palavra gramatical. De modo geral, isso ocorre entre verbo e pronome em posição enclítica, o que resulta, na sua maioria, em palavras trissílabas e paroxítonas ou palavras com quatro sílabas e proparoxítonas, não havendo, portanto, contexto para implementação de acento secundário. Nesses casos, temos, sistematicamente, o pé do acento principal como um dátilo ou um troqueu silábico.

Nas hipersegmentações, em ambas as variedades do português, o constituinte prosódico que parece ter maior relevância é o pé binário, em especial, do tipo troqueu silábico. Se considerarmos os híbridos como resultado de um processo em que primeiro ocorre a hipossegmentação para depois a hipersegmentação, então supomos que, em primeiro lugar, exista uma influência da palavra fonológica e do grupo clítico e, em segundo lugar, do pé do acento e da sílaba.

6.2 Últimas considerações

Durante todo nosso percurso de descrição e análise dos dados – desde os constituintes prosódicos, passando pelos processos fonológicos e chegando ao acento – uma diferença entre o PB e o PE sempre se fez presente e marcante, a saber, a direção com que a palavra gramatical se associa à palavra fonológica. Nesse contexto, encontramos um dado recorrente no PE – **parate ver** –, o qual consideramos como “dado singular” (cf. ABAURRE, 1999). A partir desse tipo de ocorrência, chegamos a outras de natureza semelhante, cujas análises deixamos intencionalmente para a parte final da tese. Tínhamos, pois, a certeza de serem tais dados que nos trariam as evidências do ritmo na escrita.

Para fundamentar nossa análise específica sobre o ritmo, usamos basicamente a pesquisa de Abaurre e Galves (1998) sobre “as diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro”. As autoras propõem uma hierarquia de restrições na qual analisam a “integridade da palavra fonológica”, a

“binariedade do pé” e o “pé trocaico”, em ambas as variedades do português. Segundo Abaurre e Galves (1998), a diferença rítmica entre o PB e o PE fundamenta-se na diferente hierarquização dessas restrições para cada uma das variedades do português.

Após analisarmos as hipossegmentações e os híbridos, uma vez que para as hipersegmentações já tínhamos clara a influência do pé troqueu, fizemos uma comparação entre os dados de fala encontrados por Abaurre e Galves (1998) e os nossos dados de escrita. Concluímos que a hierarquia proposta pelas autoras, para análise do ritmo no PB e no PE, é igualmente adequada à análise rítmica das segmentações não-convencionais que analisamos.

De acordo com os dados que apresentamos ao longo da tese, a segmentação de um texto em estruturas que o aprendiz considera como palavra pode ser decorrente do conflito entre diferentes componentes da língua, tais como, a morfologia, a sintaxe e a prosódia, bem como do acesso que a criança tem à escrita institucionalizada desde que inicia seu contato com o mundo letrado. Nossos dados permitem que afirmemos, em particular, a existência de relação entre as variações rítmicas de uma língua e as segmentações não-convencionais.

Por tudo que relatamos, podemos concluir que, de fato, dados de escrita inicial, mais especificamente de segmentações indevidas, produzidos de forma espontânea, podem fornecer argumentos capazes de colaborar para com a discussão sobre o ritmo do português brasileiro e do português europeu, conforme propusemos em uma de nossas hipóteses. De acordo com estudos da fonologia, apresentados ao longo da tese, o PB e o PE possuem ritmos diferentes; portanto com base nos dados de escrita que analisamos, sustentamos a idéia de que o ritmo está relacionado com os constituintes prosódicos hierarquicamente organizados, uma vez que essas duas variedades do português apresentam também como motivação para os dados de segmentação da escrita, hierarquias diferentes.

Ressaltamos a importância de estudos que valorizem a relação fala/escrita. Acreditamos que a escrita não serve apenas como instrumento de comprovação de estudos desenvolvidos na fonologia; ao contrário, temos certeza de que esta é uma via de mão dupla, em que dados de escrita espontânea podem problematizar situações ainda não analisadas no âmbito da fonologia. Podemos citar, como exemplo, tanto os dados em que ocorre violação da sílaba na translineação do PE

quanto a diferença que o PB e o PE apresentam diante da relação entre constituinte sintático e constituinte prosódico. Esses dois indícios encontrados nos textos por nós analisados são, em nosso entendimento, portas abertas para pesquisas que reforcem a relação entre a fonologia e a aquisição da escrita.

Inserimos a relação fala/escrita na interface de dois importantes campos do conhecimento, a saber, a linguística e a educação. Ao tratarmos da aquisição da escrita, mesmo que do ponto de vista linguístico, não podemos excluir o fato de ser este um processo inerente aos primeiros anos de escolarização; por conseguinte, temos *a priori* um tema que interessa às duas referidas áreas. Os diferentes aspectos do processo de aquisição da escrita estão no centro das indagações que o professor pode fazer sobre os problemas que encontra no desenvolvimento de seus alunos quando começam a ter contato com esse novo sistema.

Descrições e análises de dados de escrita inicial, em particular de segmentações não-convencionais, podem mostrar ao professor-alfabetizador quais os pontos fazem parte do processo de aprendizagem e quais podem ser considerados problemáticos. Essa avaliação proporcionará uma melhor adequação dos conteúdos e métodos a serem trabalhados em sala de aula.

Para finalizar, reafirmamos a ideia de que nossa tese traz importantes contribuições tanto para o campo da linguística quanto para o campo da educação, cada uma à sua medida.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. n. 2, p.23-44, 1981.

ABAURRE, Maria Bernadete. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: **Anais de Seminários do Gel**, Campinas: IEL/Unicamp, 1987. p.129-135

ABAURRE, Maria Bernadete. **Língua oral e língua escrita: aspectos da aquisição da representação escrita da linguagem**. Mimeo, IEL– UNICAMP, Campinas, 1990.

ABAURRE, Maria Bernadete. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. **Boletim da ABRALIN**, Campinas, v.11, p.203-217, 1991.

ABAURRE, Maria Bernadete. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. **Letras de hoje**. Porto Alegre: PUC-RS, v.104, p. 41-50, 1994.

ABAURRE, Maria Bernadete. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina (org.). **Aquisição da linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.167-186.

ABAURRE, Maria Bernadete; GALVES, Charlotte. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO,

Ataliba; BASÍLIO, Margarida. (orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, v. 4, p.273-319, 1996.

ABAURRE, Maria Bernadete; GALVES, Charlotte. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. **DELTA**, v.14, n.2, p.377-403, 1998.

ABAURRE, Maria Bernadete; GALVES, Charlotte; SCARPA, Ester. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In: SCARPA, Ester. (org.). **Estudos de prosódia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. p.285-318.

ABERCROMBIE, David. **Elements of general phonetics**. Edinburg: Edinburg University Press, 1967.

ADAMOLI, Marco. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia**. 2006. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ARAÚJO, Gabriel Antunes (org.). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 269p

BARBOSA, Plínio. Syllable-timing in Brazilian Portuguese: uma crítica a Roy Major. **Delta**. v.16 (2), p.369-402, 2000.

BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas: UNICAMP, n.23, p.83-101, 1992.

BISOL, Leda. O acento e o pé binário. **Letras de hoje**. Porto Alegre: PUC-RS, v.29, n.4, p.25-36, 1994.

BISOL, Leda. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, Mary (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, v.5, p.55-94, 1996a.

BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996b.

BISOL, Leda. O Sândi e a ressilabação. **Letras de hoje**. Porto Alegre: PUC-RS, v.31, n.2, p.159-168, 1996c.

BISOL, Leda. O clítico e seu status prosódico. **Revista de estudos de linguagem**. Belo Horizonte: UFMG, v.9, p.5-30, 2000a.

BISOL, Leda. O troqueu silábico no sistema fonológico. **Delta**. São Paulo, v.16 (2), p.403-413, 2000b.

BOGDAN, Roberto. BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Cedez, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Campinas: UNICAMP (Tese de livre-docência), 1981.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos; ABAURRE, Maria Bernadete. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos 10**. Campinas: UNICAMP/IEL, p.39-57, 1986.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2002. [1970]

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Padrão: Rio de Janeiro, 1975.

CAPRISTANO, C. C. **Aspectos de segmentação na escrita infantil**. São José do Rio Preto, 2003. Dissertação. 213f. (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp.

CAPRISTANO, C. C. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.39, n.3, p.245-260, 2004.

CARVALHO, J. Brandão. Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien. **Boletim de Filologia**. Tomo XXXII, p.5-26, 1988/1992.

CARVALHO, J. Brandão. Phonological conditions on portuguese clitic placement: on syntatic evidence for stress and rhythmical patterns. **Linguistics** 27. p.405-436, 1989.

CHACON, Lourenço. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p.223-232, 2004.

CHACON, Lourenço. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. **Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 34, p.77-86, 2005.

CHACON, Lourenço. Prosódia e letramento em hipersegmentações; reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M. L. G. (org.) **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

CHACON, Lourenço. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre os constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. 2007. (inédito)

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Massachussets: Mit Press, 1965.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York, Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, Noam; FODOR, Jerry. Exposição do paradoxo. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978a.

CHOMSKY, Noam. A propósito das estruturas cognitivas e do seu desenvolvimento: uma resposta a Piaget. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978b.

CHOMSKY, Noam. A abordagem linguística. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978c.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

CLEMENTS, George; HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed) **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, Gisela. **Um estudo do acento secundário em português**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

COLLISCHONN, Gisela. Acento secundário em português. **Letras de Hoje – Fonologia: Análises não-lineares**, 29.4 (98), p.43-53. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

COLLISCHONN, Gisela. A Sílabas em Português. In: **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.95-130, 1996a.

COLLISCHONN, Gisela. O Acento em Português. In: **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.95-130, 1996b.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COSTA, M. L. Andreozzi da. **Piaget e a intervenção psicopedagógica**. São Paulo: Olho d'água, 2002.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley (1984) – **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa, Edições João Sá da Costa (7^a ed., 1990)

CUNHA, Ana Paula Nobre da. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth. A hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita. **Anais do 4º SENALE – UCPEL**, Pelotas, 2006.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v.1, p.1-19, 2007.

CUNHA, Ana Paula Nobre da ; MIRANDA, Ana Ruth. Problemas de segmentação da escrita em séries avançadas: em busca de soluções através de ensino reflexivo. In: XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008, Porto Alegre. **Anais do XIV ENDIPE**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008. v.1. p.1-19.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. As segmentações não-convencionais da escrita: a influência do troque silábico. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. **Anais - VI Congresso Internacional da Abralín**. João Pessoa : ideia, 2009. v. 1. p. 315-322.

CUNHA, Ana Paula Nobre da. As segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos. In: **Cadernos de Educação**. Faculdade de Educação – UFPel, Pelotas, 2010. (no prelo)

DAUER, R. M. Stress-timing and syllable-timing reanalyzed. **Journal of Phonetics**, n.11, p.51-62, 1983.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2001.

FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emilia; PONTECORVO, Clotilde. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emilia. PONTECORVO, Clotilde; MOREIRA, Nadja Ribeiro; HIDALGO, Isabel García. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever**. São Paulo: Ática, 1996. p.38-66

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia da alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1988.

FROTA, Sónia. **Prosody and focus in European Portuguese**. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, 1998.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: **Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, p.553-555. Braga: APL, 2000.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. On the correlates of rhythmic distinctions: the European/Brazilian Portuguese case. **Probus**. 13.2, p.247-275, 2001.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; MARTINS, Fernando. Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. In: **Speech Prosody 2002 Proceedings**. Aix-en-Provence, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitti Emblemi Spie**: morfologia e storia. Torino: Einaudi. Tradução Brasileira: Mitos Emblemas Sinais: Morfologia e História. F. Carotti (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

HALLE, Morris; VERGNAUD, Jean-Roger. **An essay on stress**. Cambridge, Mass. MIT Press, 1987.

HARAGUCHI, Shoshuke. **A theory os stress and accent**. Dordrecht: Foris, 1991.

HAYES, Bruce. **A metrical theory of stress rules**. Bloomington: IULC, 1981.

HAYES, Bruce. **The prosodic hierarchy in meter**. MA, UCLA, 1984.

HAYES, Bruce. The inalterability in CV phonology. **Language**. v.62, p.321-352, 1989.

KARMILOFF-SMITH, Annette. From meta-processes to conscious access: Evidence from children's metalinguística and repair data. In: **Cognition**, vol. 23, 1986, pp. 95-147

KARMILOFF-SMITH Annette. **Beyond modularity - a developmental perspective on cognitive science**. Cambridge: MIT Press, 1992.

KATAMBA, Francis. **Morphology**. New York: SMP, 1993.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

LADD, Robert. **Intonational phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LANDSMANN, Liliana Tolchinsky. **Aprendizagem da linguagem escrita**. São Paulo: Ática, 1995.

LEBEN, William. **Suprasegmental phonology**. Ph Dissertation, MIT, 1973.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry**, n.17, 1977.

MAJOR, Roy. Stress-timing in Brazilian Portuguese. **Journal of Phonetics**, p.343-352, 1981.

MAJOR, Roy. Stress and Rhythm in Brazilian Portuguese. **Language**. 61 (2), p.259-282, 1985.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

MATEUS, Maria Helena Mira. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. **Estudos da Lingua(gem)**. Vitória da Conquista. n.3, p.159-180, 2006.

McCARTHY, John. OCP – effects: germination and antigemination. **Linguistic Inquiry**, n.17, p.207-263, 1986.

MEHLER, Jacques. Psicologia e psicolinguística. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.

MIRANDA, Ana Ruth. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais do português. **Anais da ANPEDSul – UFSM**, Santa Maria, 2006.

MIRANDA, Ana Ruth. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, Regina. **Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008a.

MIRANDA, Ana Ruth. A aquisição ortográfica das vogais do português – Relações com a fonologia e a morfologia. **Revista de Letras** (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), n. 36, janeiro/junho de 2008b.

MONARETTO, Valéria. Análise sociolinguística da vibrante no sul do país. **Graphos** - Revista da Pós Graduação em Letras/UFPB, 1997.

MONTEIRO, Carolina. **A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas**. 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

MONTEIRO, Carolina; MIRANDA, Ana Ruth. Grafia das vogais átonas: o que fazem as crianças brasileiras e portuguesas? In: **Anais do XV Endipe**, Belo Horizonte, 2010.

MORAES, J. A.; LEITE, Y. Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do Português Falado. Volume II: Níveis de Análise Linguística**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, p.65-77, 1992.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **La prosodia**. Madrid: Visor Distribuciones, S.A., 1994 [1986].

PAULA, I. F. V. **Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações**. São José do Rio Preto, 2007. 132 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1972.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1978a.

PIAGET, Jean. A psicogênese dos conhecimentos e a sua significação epistemológica. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978b.

PIAGET, Jean. Observações introdutórias. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978c.

PIAGET, Jean. Esquemas de ação e aprendizagem da linguagem. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978d.

PIAGET, Jean. Comentários finais. In: PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978e.

PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.

PIKE, K. **The intonational of America English**. Ann Arbour: University of Michigan Press, 1945.

PINTO, Maria da Graça. A ortografia e a escrita em crianças portuguesas nos primeiros anos de escolaridade. In: **Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas**. Porto, v. XIV. p.7-58, 1997.

PRIETO, Pilar (ed.). **Teorías de la entonación**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003.

PRINCE, Alan. Relating to the grid. In: **Linguistic Inquiry** 14, 1983. p.19-101.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY Paul. **Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar**. Technical report #2 of The Rutgers center for Cognitive Science. Rutgers University, 1993. (inédito)

RAMUS, F.; NESPOR, M.; MEHLER, J. Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. **Cognition**. n.73, p.265-292, 1999.

ROMBALDI, Claudia R. M. **Estratégias utilizadas por falantes nativos de português brasileiro na aquisição da ortografia das vogais do francês**. Pelotas. Rio Grande do Sul, 2003. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDALO, F. ; TRUCKENBRODT, H. . Algumas Observações sobre a Formação de Sintagmas Fonológicos no Português Brasileiro. **Delta**, São Paulo, v. 19, n. 1, 2004.

SCARPA, Ester (org). **Estudos de prosódia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999a.

SCARPA, Ester. Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: **Aquisição da linguagem: questões e análises**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1999b.

SELKIRK, Elizabeth. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (eds.). **The structure of phonological representations**. Dordrecht: Foris, v.II, p. 337-379, 1982.

SELKIRK, Elizabeth. On derived domains in sentence phonology. **Phonology Yearbook** 3. 1986.

SENNA, Luiz Antonio Gomes. O conceito de letramento e a teoria da gramática: uma vinculação necessária para o diálogo entre as ciências da linguagem e a educação. **DELTA** [online]. 2007, vol.23, n.1, pp. 45-70

SILVA, Ademar da. **Alfabetização: a escrita espontânea**. São Paulo: Editora Contexto, 1991, 98p.

SOUSA, Otília da Costa. Aprender a escrever: hipo e hipersegmentação. In: IV Encontro Língua Portuguesa nos Primeiros Anos de Escolaridade. 2008, Lisboa. **Caderno de Resumos: IV Encontro Língua Portuguesa nos Primeiros Anos de Escolaridade.** Lisboa, 2008. p.18

TENANI, Luciani. **Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos.** 2002. 317f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, Luciani. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.39, n.3, p.233-244, 2004.

TENANI, Luciani. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. **Estudos Linguísticos XXXV**, p.118-131, 2006.

VELOSO, João Manuel. Aprender a escrever pode alterar o conhecimento fonológico? A silabificação das sequências /SC/ mediais do português europeu e o conhecimento das regras de translineação gráfica, 2008. (inédito)

VELOSO, João Manuel. Découpage de continuums phonétiques en mots : Critères formels vs. indices substatiels. In: Olivier Crouzet, Ali Tifrit & Jean-Pierre Angoujard (Orgs., 2009). **Actes des/Proceedings of JEL'2009/JEG'2009. 6.èmes Journées d'Etudes Linguistiques/2.ème Journée d'Etudes Gallèses.** Nantes: Université de Nantes, pp. 85-90. 2009

VIGÁRIO, Marina. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. **XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados.** Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 673-688, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.